

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO

FRANCISCO CAVALCANTI REIS

**TURISMO VOLUNTÁRIO COMO FERRAMENTA
PARA A APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA**

PORTO ALEGRE

2019

FRANCISCO CAVALCANTI REIS

**TURISMO VOLUNTÁRIO COMO FERRAMENTA
PARA A APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador: Prof. Eugenio Ávila Pedrozo

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Cavalcanti, Francisco
TURISMO VOLUNTÁRIO COMO FERRAMENTA PARA A
APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA / Francisco Cavalcanti. --
2019.
156 f.
Orientador: Eugenio Ávila Pedrozo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre,
BR-RS, 2019.

1. Turismo Voluntário. 2. Aprendizagem
Transformadora. 3. Trabalho voluntário. 4. Níveis de
Aprendizagem. 5. Exchange do Bem. I. Ávila Pedrozo,
Eugenio, orient. II. Título.

**TURISMO VOLUNTÁRIO COMO FERRAMENTA
PARA A APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA**

Relatório final, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eugenio Avila Pedrozo – PPGA/UFRGS

Prof.^a Dra. Tânia Nunes da Silva – PPGA/UFRGS

Prof.^a Dra. Simone Alves Pacheco de Campos – UFSM

Prof.^o Dr. Gesinaldo Ataíde Cândido – UFCG

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico esse trabalho a minha mãe e irmã, Cláudia e Rafaela, pelo investimento e apoio feitos ao longo dos anos em minha formação, não apenas como estudante, mas como pessoa e que me possibilitaram chegar até o momento de hoje. À minha namorada e companheira para tudo, Daniela Tomasi que, ao longo desses dois anos e meio, permaneceu sempre ao meu lado e compreendeu o esforço que seria necessário para finalizar a pesquisa. Sem o constante apoio, carinho e incentivo de vocês é certo que não estaria aqui escrevendo essas palavras.

Agradeço ao meu sócio Eduardo Mariano, cuja história de vida e iniciativa foram fundamentais para a origem e crescimento da Exchange do Bem. Obrigado pelo convite para participar dessa empresa que hoje representa muito mais do que a nossa carreira e por segurar as pontas enquanto eu dedicava tempo para o mestrado. Com certeza você foi um dos pilares para a sua conclusão.

Obrigado ao professor e orientador Eugenio Pedrozo pelos ensinamentos e pela compreensão ao longo desses anos sobre as dificuldades de conciliar os aspectos profissionais e acadêmicos envolvidos nesse trabalho. Os aprendizados adquiridos nas suas aulas e uma conversa ainda no primeiro semestre foram fundamentais para que eu não desistisse.

Por fim, agradeço à coordenação do PPGA da Escola de Administração da UFRGS e demais professores pela oportunidade que me foi dada e também aos colegas, em especial Camila Müller por me auxiliar na busca pelos principais autores sobre o tema, amigos e conhecidos que contribuíram de uma maneira ou outra para eu alcançar esse objetivo.

RESUMO

Frente à crescente busca por experiências mais imersivas na área do turismo e os problemas sociais propagados na pós-modernidade, há a necessidade de reflexão crítica do indivíduo para que se conscientize sobre a existência do coletivo, desenvolvendo um senso de agência e uma visão de mundo inclusiva. Dessa maneira, o turismo voluntário aparece como um possível caminho para essa conscientização e mudança de paradigma. Com o objetivo de analisar as aprendizagens adquiridas pela experiência do turismo voluntário e como ela afeta a visão de mundo dos seus praticantes, na presente pesquisa, realizou-se um estudo de caso de natureza qualitativa com 16 entrevistas semiestruturadas. Os participantes foram classificados em diferentes tipos de turista voluntário, com suas motivações pré-viagem evidenciadas e as atividades realizadas durante a viagem observadas, juntamente com aspectos de conexão afetiva. Descobriu-se que, pela soma desses fatores, o turismo voluntário serve como um caminho que permite potencializar oportunidades de transformação, envolvendo não apenas o turista voluntário no processo, mas uma tríade composta por ele, o agente intermediário e o projeto social de destino. Os relatos evidenciam, desde os que apresentam aprendizagens superficiais até os que tratam de transformações mais profundas, a importância do contexto pessoal e sociocultural nesse processo. Ademais, a pesquisa, além da discussão acadêmica sobre o tema, contribui ao entendimento e desenvolvimento do turismo voluntário – ainda pouco explorado no meio científico e na sua prática – deixando visível também oportunidades de melhorias aos que se interessam em trabalhar ou que já atuam com esse segmento do turismo, para irem além de uma relação meramente comercial.

Palavras-chave: Turismo Voluntário. Volunteer Tourism. Aprendizagem Transformadora. Trabalho Voluntário. Níveis de Aprendizagem. Exchange do Bem.

ABSTRACT

Due to a growing search for more immersive experiences in the area of tourism and the social problems propagated in postmodern society, there is a need for critical reflection of the individual in order to become aware of the existence of the collective, thus developing a sense of agency and an inclusive worldview. As such, volunteer tourism appears as a possible way for conscientization and paradigm shift. With the goal of analyzing the different types of learning that can be acquired by participating in volunteer tourism experiences and how they affect the worldview of volunteer tourists, for this research, a qualitative study was conducted with 16 semi-structured interviews. The participants were classified into different types of volunteer tourists, with their pre-trip motivations evidenced and activities performed during the trip observed, alongside aspects of affective connection. Volunteer tourism has been found to work as a pathway for enhancing opportunities of transformation, involving not only the volunteer tourist in the process, but a triad composed of him, the intermediary agent and the social project within the destination of the trip. The results corroborate, ranging from those with superficial learning to those dealing with deeper transformations, the importance of the personal and sociocultural context in this process. Moreover, this research, besides the academic discussion on the subject, contributes to the understanding and development of volunteer tourism - still not much explored in the scientific environment – while leaving visible opportunities for improvement for those interested in or already working within this market, to go beyond a purely commercial relation.

Keywords: Volunteer Tourism. Transformative Learning. Volunteer Work. Learning Levels. Voluntourism. Exchange do Bem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de Conhecimento	31
Figura 2 - Diagrama de Venn mostrando os constituintes e sinergias do modelo pedagógico da Transformative Sustainability Learning (TSL)	33
Figura 3 - Diagrama de Venn mostrando os constituintes e sinergias da TSL adaptadas para o turismo voluntário	41
Figura 4 - Framework teórico de análise	42
Figura 5 - Processo de atuação da Exchange do Bem	53
Figura 6 - Etapas do turismo voluntário na Exchange do Bem	54
Figura 7 - Relação das etapas com o referencial teórico.....	54
Figura 8 - Desenho de pesquisa	56
Figura 9 – Etapas de Codificação	60
Figura 10 - Framework teórico de análise.....	63
Figura 11 - Caracterização do Turista Voluntário	65
Figura 12 - Domínios de aprendizagem – Grupo Índia	89
Figura 13 - Tipos de saberes.....	90
Figura 14 - Empatia - Índia	99
Figura 15 - Classificações - Índia	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Framework do Turista Voluntário	22
Quadro 2 - Categorias e motivos para o turismo voluntário	23
Quadro 3 - Etapas para a aprendizagem transformadora	27
Quadro 4 - Níveis de Aprendizagem	31
Quadro 5 - Etapas para a aprendizagem transformadora no contexto do turismo voluntário	35
Quadro 6 - Categorias e motivos relacionados a tipos de comportamento	40
Quadro 7 - Participantes da viagem em grupo para a Índia	48
Quadro 8 - Etapas da coleta de dados	55
Quadro 9 - Característica das Entrevistas	58
Quadro 10 - Categorias de codificação - tipos de turistas voluntários	60
Quadro 11 - Categorias de codificação - motivações	61
Quadro 12 - Tipos de turistas voluntários - grupo Índia	66
Quadro 13 - Motivações dos entrevistados – Índia	75
Quadro 14 - Etapas para a aprendizagem transformadora - Índia	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 JUSTIFICATIVA	14
4 REFERENCIAL TEÓRICO	16
4.1 TURISMO VOLUNTÁRIO E A APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA	16
4.1.1 Turismo voluntário: conceito, origem e evolução	17
4.1.2 Motivação: a busca pelo turismo voluntário	20
4.1.3 As organizações de turismo voluntário e comunidades hospedeiras	24
4.1.4 Aprendizagem transformadora	27
4.1.5 Turismo voluntário transformador: contexto, aprendizagens e emoções presentes no turismo voluntário	34
4.1.6 Turismo voluntário como ferramenta para a aprendizagem transformadora	39
4.1.7 Uma ferramenta para o turismo voluntário transformador	41
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
5.1 TIPO DE PESQUISA	44
5.2 A EXCHANGE DO BEM	45
5.3 O ESTUDO DE CASO SELECIONADO	47
5.3.1 Viagem para a Índia – Jaipur	48
5.4 COLETA DE DADOS	52
5.5 ANÁLISE DE DADOS	58
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	64
6.1 PERFIL DO TURISTA VOLUNTÁRIO	64
6.1.1 Perfil do turista voluntário	65
6.1.1.1 Destino ou projeto	66
6.1.1.2 Contribuição mínima ou de alto nível	67
6.1.1.3 Qualificações e experiências	69
6.1.1.4 Participação passiva ou ativa	70
6.1.1.5 Duração da viagem	72
6.2 MOTIVAÇÕES	75

6.2.1 Classificados como rasos	76
6.2.2 Classificados como intermediários	78
6.2.3 Classificados como profundos	84
6.3 TIPOS DE SABERES	89
6.3.1 Head	91
6.3.2 Hands	93
6.3.3 Heart	94
6.3.4 Head and hands	96
6.3.5 Hands and heart	96
6.3.6 Head and heart	97
6.3.7 Head, hands and heart	97
6.4 EMPATIA	98
6.4.1 Egoísmo	99
6.4.2 Altruísmo sem empatia	99
6.4.3 Altruísmo com empatia	101
6.5 APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS: ORDEM DE MUDANÇA - ÍNDIA	104
6.5.1 Primeira ordem	106
6.5.2 Segunda ordem	111
6.5.3 Terceira ordem	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE A – ROTEIRO DA VIAGEM À ÍNDIA	135
APÊNDICE B – ROTEIRO DA VIAGEM A GANA	136
APÊNDICE C – RESULTADOS EXPLORATÓRIOS DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA NA VIAGEM À GANA	137
APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA	152

1 INTRODUÇÃO

O ato de voluntariar costuma ser associado à prestação de serviço sem remuneração, em um ambiente formal, iniciado por livre escolha e buscando auxiliar desconhecidos (CNAAN; HANDY; WADSWORTH, 1996), enquanto viajar a turismo remete à férias, descanso, lazer e negócios (LEIPER, 1979). Com a globalização, abertura de fronteiras para o comércio e expansão de mercados, essas atividades se desenvolveram, as demandas da sociedade mudaram e elas se combinaram no que é chamado de *volunteer tourism* ou turismo voluntário. Essa combinação refere-se ao ato de viajar internacionalmente para atuar como voluntário em comunidades carentes que se beneficiam de ajuda externa para que gerar benefícios sociais (COGHLAN; GOOCH, 2011). A definição de turismo voluntario mais citada é proposta por Wearing (2001, p. 1) que descreve os participantes como “indivíduos que, por diversas razões, atuam como voluntários de maneira organizada para passar as férias ajudando ou aliviando a pobreza material de alguns grupos da sociedade, a restauração de certos meio ambientes ou pesquisar sobre aspectos sociais ou ambientais” enquanto outras definições mencionam o desejo de dar algo em retorno, fazer a diferença ou a busca por algo novo (ELLIS, 2003; WEARING, 2004). Com o foco em objetivos sociais, o turismo voluntário se diferencia do turismo tradicional onde os viajantes são orientados mais pela diversão e pagam para receber um serviço, enquanto que no turismo voluntário o participante paga para trabalhar em outro país, muitas vezes sob condição de vida inferior à de origem e sem remuneração pelo trabalho prestado, característica do turismo voluntário (WEARING, 2001; BROWN 2005; MCGEHEE; ANDERECK, 2009; MCGEHEE, 2014). Os participantes optam por voluntariar em áreas como bem-estar comunitário, educação, desenvolvimento de negócios locais, construção, desenvolvimento cultural, revitalização ambiental e pesquisas por períodos de curta duração, em média de 4 semanas (CALLANAN; THOMAS, 2005).

As diferenças para o turismo tradicional, o crescimento do mercado com surgimento de novos tipos de agentes e a quantidade de pessoas dispostas a pagar por esse tipo de serviço atraíram a atenção de pesquisadores do setor para estudar o fenômeno (MCGEHEE, 2014). Entre os estudos, destacam-se os de Wearing e McGehee (2013) que fazem uma revisão do turismo voluntário como um todo, de Callanan e Thomas (2005) que elaboraram um framework com diferentes classificações de tipos de turistas voluntários, de Zahra e McIntosh (2007) que avaliaram a ocorrência de experiências catárticas durante o turismo voluntário, Coghlan e Gooch (2011) que então relacionaram o turismo voluntário com a teoria da Aprendizagem Transformadora, mas sem realizar um estudo empírico próprio e Chen e Chen (2011) que

levantaram as motivações dos participantes para embarcar e procurar esse tipo de serviço. No que tange as motivações para o turismo voluntário, torna-se relevante estudar não apenas o momento que antecede a viagem, mas expandir o estudo para englobar também o período durante e depois do retorno.

Assim, os estudos mencionados incentivaram buscar um maior entendimento sobre o turismo voluntário e como diferentes resultados sociais e individuais podem surgir da sua prática. Individual, pois o turista voluntário é um dos agentes nessa atividade e social pois o turismo voluntário funciona como uma via de mão dupla na relação do indivíduo praticante com os grupos atendidos pelos projetos: por um lado os turistas voluntários dedicam tempo para trabalhar em projetos para trazer melhorias ao ambiente ou comunidade local e por outro lado há o desenvolvimento do participante por meio das recompensas intrínsecas ao ato de contribuir com esses projetos (CALLANAN; TOMAS, 2005). Alguns autores ponderam que o turismo voluntário está estruturado e sendo executado de maneira para servir primeiramente os interesses dos clientes em detrimento do lado mais fraco, as comunidades hospedeiras (PALACIOS, 2010; GUTTENTAG, 2009; WIRHGT, 2013), portanto é preciso que os operadores comerciais e organizações responsáveis por intermediar as viagens adotem medidas de boas práticas que vão além da simples venda do serviço, participando de todas etapas do processo, desde o pré-embarque até o pós-viagem, estimulando a co-criação e tomando cuidados para que a relação entre as partes se mantenha igualitária (VRASTI, 2013; WEARING; MCGEHEE, 2013).

Nesse sentido de igualdade, é necessário também que o turista voluntário tenha uma visão de mundo aberta para o outro, motivado principalmente pelo comportamento altruísta. As motivações altruístas são voltadas para uma visão para fora do “eu” e podem ser relacionadas com o sentimento de empatia, o qual, segundo Batson (2002), é a base para a hipótese da empatia-altruísmo, onde ele propõe a existência do altruísmo verdadeiro na natureza humana: somos seres mais sociais do que imaginávamos, capazes de agir para o bem sem que haja uma intenção de benefício próprio por trás de nossas atitudes. Tal conceito de empatia, conforme defendido por Batson (2002), não está vinculado a uma característica ou disposição pessoal, mas sim dependente de situações específicas, o relacionado ao contexto.

A Aprendizagem Transformadora (AT), teoria proposta por Mezirow (1978) também depende de questões contextuais (TAYLOR, 1997). É definida como o processo pelo qual transformamos nossos quadros de referência – estruturas de pressupostos através dos quais entendemos nossas experiências - para torná-los mais inclusivos, mudando de maneira dramática e irreversível nossa maneira de se relacionar com outros humanos e o mundo natural;

de compreender relações de poder, classe, raça e gênero e elementos mais profundos do nosso ser como paz e felicidade própria (O’SULLIVAN, 2002) e apresenta diversas compatibilidades com as experiências em viagens de turismo voluntário. Essas semelhanças são apontadas por Coghlan e Gooch (2011) e os relatos de participantes em outros estudos também reforçam as oportunidades de transformação, sendo inclusive definidas como experiências catárticas – facilitadoras para mudanças positivas na relação de um indivíduo com a vida e seu propósito – ou capazes de evocar forte emoções, incluindo a empatia. (ZAHRA; MCINTOSH, 2007; COGHLAN; GOOCH, 2011; WEARING; MCGEHEE, 2013). Tais possibilidades de relação do turismo voluntário com a AT são corroboradas por Taylor (1997) quando ele defende que a AT vai além apenas da reflexão crítica, envolvendo também outros “métodos de saber” como a intuição, a força dos sentimentos, aprendizagem afetiva e por meio de relacionamentos. Sipos, Battisti e Grimm (2008) propõem um modelo de aprendizagem, originalmente proposto para a *Transformative Sustainability Learning*, que explora outros domínios de aprendizagem além da cognitiva (*head*) e inclui a afetiva (*heart*) e psicomotora (*hands*). Nesse modelo as atividades praticadas pelos voluntários durante os programas de turismo voluntário podem ser facilmente enquadradas e classificadas, permitindo uma visão e aplicação holística da AT nesse contexto.

Mesmo assim, em uma abordagem mais tradicional da AT, a aprendizagem instrumental e a aprendizagem comunicativa, fundamentais para o exercício da reflexão crítica presente na AT, também são identificados por Ulusoy (2016) no turismo voluntário. Isso porque, durante os projetos, os voluntários estão inseridos em um cenário onde ocorre a divisão de tarefas, o conceito de grupo é reforçado em um ambiente que favorece o compartilhamento de ideias e permite que a experiência seja voltada não apenas para si, mas para os colegas e comunidades/indivíduos assistidos pelos projetos, fortalecendo as redes de relacionamento, incentivando o engajamento com movimentos sociais e permitindo a conscientização (MCGEHEE; SANTOS, 2005).

Apresenta-se então a oportunidade de buscar uma análise aprofundada das aprendizagens que podem vir a ocorrer dentro da experiência do turismo voluntário, identificando os seus praticantes e partindo das motivações que, envoltas em contextos pessoais e socioculturais, trazem indivíduos a buscar essa forma alternativa de turismo.

Partindo-se dessas discussões emerge a seguinte questão de pesquisa: **De que maneira ocorre a aprendizagem ao participar de uma viagem de turismo voluntário?**

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as aprendizagens adquiridas pela experiência do turismo voluntário e como ela afeta a visão de mundo dos seus praticantes.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar e classificar os participantes em tipos de turista voluntário.
- b) Explorar as motivações dos participantes para procurarem esse tipo de atividade.
- c) Investigar a vivência do participante durante a estadia no projeto de turismo voluntário.
- d) Analisar se ocorrem mudanças de percepção do sujeito com relação a si, os outros e o mundo em geral após o término da experiência.

3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica por se tratar de um fenômeno recente, segmentado na indústria do turismo e que obteve grande crescimento nas últimas décadas, tanto no aspecto comercial, onde mais de 1.6 milhões de pessoas movimentam bilhões de dólares anualmente, se consolidando em um nicho de mercado, como no aspecto acadêmico onde as pesquisas mais renomadas sobre o assunto começaram a surgir recentemente após a virada do milênio. Segundo o site Volunteer Abroad, em 2012, somente no continente africano era possível encontrar 451 organizações cadastradas oferecendo 2070 oportunidades de turismo voluntário em países como Gana, África do Sul, Tanzânia, Quênia, Uganda, entre outros, enquanto o Go Overseas levantou os destinos mais populares em 2014 para este tipo de atividade e encontrou o continente asiático como destino mais procurado com as Filipinas, Índia, Tailândia, Nepal e Camboja liderando o ranking de países mais procurados para voluntariar. No entanto, esse crescimento e presença de organizações do ramo não se reflete ainda no cenário nacional brasileiro, tanto na academia quanto no comércio: estudos brasileiros sobre o tema são quase que inéditos, assim como as empresas brasileiras especializadas que estão inseridas nesse mercado, com exceção de ONGs locais que se oferecem para receber voluntários internacionais como uma maneira extra de captar recursos, intermediados por empresas estrangeiras. Também estivemos sujeitos a mudanças culturais, socioeconômicas e ambientais em escala global cujos reflexos negativos, perpetuados até hoje, geraram uma reação direcionada à mudança de paradigmas, comportamentos, visão de mundo, relações com o próximo e do sentimento de comunidade, tanto no nível local como regional e planetário. Tais mudanças ajudaram a expandir o mercado do turismo voluntário e o transformam em uma das maiores tendências no ramo do turismo. Somado a isso, por já ter feito viagens de turismo voluntário e estar envolvido com esse fenômeno constantemente, há o interesse pessoal do autor no tema em si, que se apresenta como um forte motivador para o aprofundamento teórico nos conceitos relacionados à prática desse serviço.

No aspecto teórico da pesquisa, a escolha da Teoria da Aprendizagem Transformadora para servir de base ao estudo ocorre tanto pela sua relevância e relação com o turismo voluntário (COGHLAN; GOOCH, 2011) quanto pela experiência pessoal do autor que, ao ingressar na faculdade de Administração, possuía uma visão de mundo e carreira direcionada à manutenção do status-quo, mas que se modificou ao longo dos anos e de maneira muito mais intensa após o envolvimento com as atividades da Exchange do Bem, uma das duas agências pioneiras no segmento de turismo voluntário no Brasil.

Espera-se então, com os resultados obtidos, poder colaborar para o aumento do número de estudos científicos nacionais sobre o turismo voluntário e para que esse recente fenômeno seja melhor compreendido na área acadêmica, contribuindo para desenvolver e consolidar melhores práticas na área, para que se estimule a relação igualitária entre turistas voluntários e comunidades locais.

Torna-se pertinente, portanto, compreender o caráter transformador das experiências envolvidas no turismo voluntário. Quais os impactos e mudanças que ocorrem na vida de participantes desse tipo de viagem, observadas sob a ótica da aprendizagem transformadora e dentro de práticas adotadas pela Exchange do bem?

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa irá apresentar os conceitos de turismo voluntário e descrever como ele é praticado, diferenciando-o do ato de simplesmente voluntariar, enquanto busca evidenciar os benefícios advindos dessa prática para os seus participantes. O fenômeno será estudado à luz da teoria da Aprendizagem Transformadora (MEZIROW, 1978), levando em consideração as contribuições de Taylor (1997) para a teoria, como a importância do contexto, emoções e outros métodos do saber, indo além da racionalização no processo de aprendizagem e também os estudos de Batson (2002) a respeito da empatia e sua relação com comportamentos altruísticos.

Como referencial para avaliar as atividades desenvolvidas durante a experiência de turismo voluntário, os estudos de Sipos, Battisti e Grimm (2008) serão adaptados, do cenário educacional para o turismo voluntário, e servirão para verificar se os participantes estão engajados não apenas com um dos domínios de aprendizagem (cognitivo, afetivo ou psicomotor), mas com o conjunto dos três. Servindo como orientação para a análise dos resultados, os estudos de Sterling (2011) sobre níveis de conhecimento e os diferentes tipos de aprendizagem darão mais validade e credibilidade teórica ao avaliarmos quão profundas foram as vivências e mudanças advindas da participação nos programas.

Em meio a isso, estudos de diversos autores de pesquisas em turismo voluntário irão servir para fortalecer a ligação entre o fenômeno do turismo voluntário e as teorias expostas acima, além de apresentar diferentes conceitos e visões sobre o tema.

4.1 TURISMO VOLUNTÁRIO E A APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA

O turismo voluntário, ou *volunteer tourism*, consiste no ato de voluntariar durante a viagem a um destino escolhido, onde o participante atua como voluntário, geralmente sob a orientação de uma ONG ou projeto social com possibilidades de transformação pessoal do participante por meio de experiências que permitem a reflexão crítica. No entanto, por ser uma área de estudos relativamente nova e com falta de consenso sobre diversos termos pertinentes ao fenômeno, cabe fazer uma análise mais aprofundada e elaborar o referencial teórico que será utilizado para abordar o assunto.

4.1.1 Turismo voluntário: conceito, origem e evolução

Anterior ao turismo voluntário, o conceito apenas de voluntariar, na literatura científica, não é unânime quanto ao seu significado (LEAT, 1977; CHAMBRE, 1993; VINEYARD, 1993). Para Tilly e Tilly (1994, p. 291) o voluntariado é definido como “trabalho não remunerado para partes às quais o trabalhador não possui obrigações contratuais, familiares ou de amizades”, para Smith (1981, p. 23) voluntario é “o indivíduo que não recebem remuneração de qualquer tipo enquanto prestam serviços de alto valor” e para Ellis e Noyes (1990, p. 4) “voluntariar é optar por agir ao reconhecer uma necessidade, com uma atitude de responsabilidade social e sem consideração pelo ganho monetário, indo além das obrigações básicas individuais”. Cnaan, Handy e Wadsworth (1996) analisaram as 11 definições mais utilizadas em mais de 300 artigos sobre voluntariado no meio científico e concluíram que existem 4 dimensões em comum para o trabalho voluntário.

A primeira dimensão é a da natureza voluntária do ato, sendo possível ser coagido a ser um voluntário por ordem judicial ou por vontade própria (livre escolha). A segunda dimensão é relacionada à recompensa: em um extremo há uma definição mais purista na qual não se deve ter nenhum tipo de recompensa ou interesse nisso por parte do voluntário e no outro extremo há definições que abordam a possibilidade de recompensa financeira desde que seja de menor valor ao trabalho ou serviço realizado. Na terceira dimensão há o contexto sob qual o trabalho voluntário é realizado: formalmente (sob a tutela de uma ONG, órgão do governo, ou entidade privada) ou informalmente ao ajudar vizinhos, conhecidos e amigos. Já a quarta e última dimensão é relacionada a quem se beneficia do voluntariado, com o extremo mais purista dizendo que é preciso que sejam estranhos, pessoas que o voluntário não conheça, enquanto as definições mais amplas podem incluir até mesmo o próprio voluntário, como em grupos de autoajuda.

Baseando-se nas definições levantadas no estudo, dimensões detalhadas acima e utilizando relatos de 514 respondentes, entre outros achados, concluíram que a maioria dos respondentes classifica e percebe como voluntário aquele que realiza o voluntariado quando há livre escolha, sem remuneração, em ambiente formal e os beneficiários do trabalho voluntário são desconhecidos (CNAAN; HANDY; WADSWOTH, 1996).

O turista voluntário pode se encaixar também nessa mesma percepção, pois opta por livre escolha para viajar a um destino, normalmente durante as férias, não é remunerado pelo trabalho realizado (tendo inclusive gastos financeiros), obtém o apoio de intermediários como

agências especializadas para se conectar ao projeto, e via de regra não conhece as comunidades onde irá atuar.

Assim como para o ato de voluntariar, para o turismo voluntário também existem diversas definições. Lo e Lee (2010) buscaram definições propostas para a atividade por Wearing (2001), Broad (2003), Wearing e Neil (2000) desenvolvendo-as:

[...] O turismo voluntário, também conhecido como *voluntourism*, refere-se aos turistas que pagam para viajar para algum local onde escolhem usar seu tempo livre para engajar-se em experiências significativas. Eles [participantes do *voluntourism*] estão envolvidos no auxílio de comunidades por meio de projetos educacionais ou comunitários, restauração e conservação do meio ambiente ou atuando com animais em risco de extinção. [...] É uma experiência pessoal na qual as pessoas se engajam para preencher motivações intrínsecas as quais podem beneficiar a vida do participante e a comunidade-destino (LO; LEE, 2010, p. 327).

O conceito de turismo voluntário foi expandido na literatura para incluir termos como *voluntourism* ou *volunteering for development* podendo ser relacionado ao turismo sustentável e ao *development aid*, tendo seu crescimento ocorrido em resposta ao aumento de problemas sociais e ambientais dos países desenvolvidos. Originado na Grã-Bretanha e Europa ocidental, o turismo voluntário teve rápida expansão pelos Estados Unidos e Austrália devido ao envolvimento da classe média evangélica na realização de missões com destino à Ásia e África (COGHLAN, 2008). Depois do período pós-guerra, com a consolidação de novas potências mundiais e a pacificação da Europa trazendo maior liberdade política e abertura de fronteiras, o turismo em massa se beneficiou da influência da mídia, maior atenção dada para atividades de lazer e um aumento nas taxas de consumo para se tornar uma das indústrias que crescem mais rapidamente – hoje podendo ser associada a impactos negativos na sociedade e no meio ambiente como desenvolvimento problemático, danos ambientais, alienação social e homogeneização (BUTLER, 1990; DURBARRY; SEETANAH, 2015). Com o surgimento do tema da sustentabilidade na década de 80 e uma maior consciência sobre questões ambientais por parte da sociedade, novas modalidades foram aparecendo dentro da área de turismo (a qual relacionava o ato de viajar apenas com o prazer e o status social): turismo “verde”, “sustentável”, “natural” e “alternativo” que abriam espaço para oportunidades de trabalho voluntário durante a viagem (HOLDEN, 2000). O turismo voluntário surge posteriormente como uma opção mais sustentável e condizente com a demanda dos novos tempos onde indivíduos buscam experiências às quais possam atribuir propósito, distinguindo-os dos viajantes do turismo tradicional e sendo visto por vezes como uma extensão do ecoturismo, como novo turismo, turismo de nicho, *new moral tourism*, turismo para caridade, para justiça,

em prol dos pobres ou de boa vontade (WEARING, 2001; REICHEL RON, 2003; ELLIOTT, 2008; WEARING; MCGEHEE, 2013; URIELY, VRASTI, 2013). Oferecendo experiências variadas aos viajantes, o turismo voluntário costuma ter como destino países com baixo IDH e menos populares que viagens turísticas, visando auxiliar desconhecidos com engajamento do participante em projetos de cunho humanitário ou ambiental situados comunidades com poucos recursos. O voluntariado é realizado por meio de atividades de apoio médico, pesquisa científica (vida selvagem, recursos geológicos e hídricos), desenvolvimento econômico e social (agricultura, construção, educação) e restauração cultural, em reservas, áreas remotas, cidades menores ou até nas capitais com duração média de 4 semanas. Devido à grande quantidade de projetos sociais, opções de destinos e provedores de serviço disponíveis, os objetivos das viagens são os mais variados com expedições de curta (semanas) ou longa (meses) duração, podendo dar mais ênfase no aspecto turístico ou no voluntariado e focando em diferentes tipos de público: jovens universitários, adultos já estabelecidos financeiramente, famílias ou profissionais com habilidades específicas (ELLIS, 2003; CALLANAN; THOMAS, 2005; WEARING; MCGEHEE, 2013).

O aspecto da formalidade do turismo voluntário, intermediado por agências, universidades e ONGs se desenvolveu e consolidou-se em um modelo de indústria com propagandas e relações de oferta-demanda, representando um nicho do mercado de turismo – com oferta voltada para uma demanda específica, divulgação adequada e campanhas publicitárias - tendo sua expansão sido facilitada pelo crescimento do número de projetos voluntários, a variedade de destinos promovidos, a ampliação do público alvo, tipos de agentes envolvidos (ONGs, instituições de caridade, operadores de viagem e agências privadas), juntamente com o aumento de competitividade dentro do setor e a ascensão da classe média em muitos dos países em desenvolvimento (CALLANAN; THOMAS, 2005). As grandes corporações também estimulam o crescimento do mercado de turismo voluntário quando passam a valorizar o currículo de candidatos com esse tipo de experiência (WEARING, 2001; WRIGHT 2013) e o mercado do turismo voluntário movimenta na economia mundial entre USD 1.7 e 2.6 bilhões por ano contando com o envolvimento de 1.6 milhões de turistas voluntários (ASSOCIATION FOR TOURISM AND LEISURE EDUCATION, 2008). Ao analisarmos do ponto de vista do consumo, já que é um serviço inserido em uma indústria focada para um nicho de mercado, o turismo voluntário pode ser classificado também como uma “experiência de consumo extraordinária”, consistindo de momentos especiais e memoráveis que levam a transformações pessoais notáveis, sendo vivida em um curto período de tempo e de maneira claramente definida (ULUSOY, 2016).

Assim, dada a crescente procura e eventual consolidação desse tipo de serviço dentro do ramo do turismo, surge a oportunidade de aprofundarmos o entendimento sobre o que motiva o indivíduo a procurar essa experiência.

4.1.2 Motivação: a busca pelo turismo voluntário

Grande parte dos estudos acerca do turismo voluntário envolve a motivação dos participantes, por que eles optam por este tipo de viagem e como os motivos diferem dos encontrados no turismo tradicional. O debate costuma ser centrado na questão do altruísmo versus egoísmo - o que já demonstra uma diferença com relação aos estudos do turismo tradicional – com alguns autores defendendo que no turismo voluntário predomina o altruísmo, enquanto outros autores defendem que o altruísmo apenas mascara os verdadeiros interesses pessoais por trás das motivações declaradas pelos participantes (WEARING; MCGEHEE, 2013).

Batson (2002) buscou verificar se o altruísmo é parte da natureza humana ou se é apenas um comportamento que no fundo acaba sendo motivado por interesses pessoais. Devido as muitas formas que o benefício próprio pode ser gerado ao agirmos para ajudarmos os outros, torna-se persuasivo alegar que o egoísmo universal é a explicação mais plausível para justificar nossas ações em termos de motivação. Podemos ser recompensados, mesmo que de maneira não explícita, ao vermos alguém em uma situação de tensão, que por sua vez pode causar tensão em nós mesmos e então agiríamos para ajudar aquela pessoa a sair dessa situação como maneira de aliviar a nossa própria tensão. Também podemos ser motivados para ajudar essa pessoa para evitar o sentimento de culpa e vergonha de não ter ajudado, por reconhecimento pessoal ou para nos sentirmos bem por termos se importado com o próximo. Porém a fonte de altruísmo encontrada mais frequentemente em estudos é a reação emocional orientada para o próximo que é gerada ao vermos alguém em necessidade, chamada de “empatia” ao qual o autor chama de hipótese empatia-altruísmo, definida como: uma resposta emocional orientada para o próximo obtida pela, e congruente com, a percepção do bem-estar de outro alguém (BATSON, 2002). Ao vermos alguém em necessidade, geramos emoções empáticas que incluem simpatia, compaixão, ternura e *softheartedness*, ocorrendo de maneira situacional – dependentes de contexto – e não por haver uma disposição ou personalidade propensa a isso.

Ao longo do estudo, Batson (2002) refuta explicações de cientistas que buscaram conexões que pudessem ligar a empatia a comportamentos voltados para o interesse próprio e

conclui que, até que surjam novas evidências a hipótese de empatia-altruísmo permanece correta. Tal pensamento é compartilhado não apenas por ele:

Parece haver uma mudança de paradigma para longe da posição inicial em dizer que o comportamento altruísta deve, após um exame mais detalhado, ser revelado como tendo por base motivos egoísticos. Ao invés disso, teorias e dados apontam para uma compatibilidade com a visão de que o verdadeiro altruísmo – agir em benefício dos outros – de fato existe e é parte da natureza humana (PILAVIN; CHANG, 1990, p. 27).

Isso implica na visão de que nós humanos somos seres mais sociais do que se pensava. O “outro” pode ser visto como mais do que fonte de informação, estímulo e recompensa – temos o potencial de nos preocuparmos com o bem-estar do próximo e podemos ter um entendimento mais complexo da motivação que permite não apenas o egoísmo exclusiva e fundamentalmente, mas também o altruísmo de maneira verdadeira (BATSON, 2002).

Para entender melhor os tipos de turistas voluntários e, conseqüentemente, suas motivações, Callanan e Thomas (2005) realizaram levantamento do setor e criaram um framework para classificar os turistas voluntários. Nos achados, encontraram que a oferta de projetos em sua maioria era de curta duração (menos de 4 semanas) e os turistas voluntários podiam ser classificados em três diferentes tipos: “rasos”, “intermediários” e “profundos”. A classificação baseia-se na duração da viagem de voluntariado, na importância do destino (se na hora de escolher o país de destino tinha mais ou menos peso na escolha do que o projeto em si), nas habilidades e qualificações exigidas pelo projeto dos participantes, no nível de envolvimento (passivo ou ativo) dos voluntários, o nível de contribuição para a comunidade hospedeira e foco da experiência, se era motivada por razões altruísticas ou de interesse pessoal (Quadro 1). Os voluntários rasos seriam aqueles motivados por interesses pessoais, focando mais no destino, sem qualificações e atuando de forma passiva deixando poucas contribuições para as comunidades de destino, os intermediários são motivados tanto por interesses próprios quanto altruísticos (nota-se a presença de ambos os tipos de interesses simultaneamente) e possuem elementos de ambos os extremos do framework, enquanto os voluntários profundos têm interesses altruístas como prioridade, qualificações úteis às atividades desempenhadas, dão mais atenção ao projeto/comunidade onde estarão inseridos do que ao país/local para onde irão viajar, permitindo uma maior contribuição local.

Quadro 1 – Framework do Turista Voluntário

	Voluntário Raso	Voluntário Intermediário	Voluntário Profundo
Importância do destino	O destino é importante no processo decisório	Foca no projeto e no destino	Mais atenção dada ao projeto do que ao destino
Duração	Baixa duração – tipicamente menos de 4 semanas	Média duração – tipicamente menos de 6 meses	Grande duração – 6 meses ou projetos intensos de curta duração
Foco da experiência (altruísta ou interesse próprio)	Interesses próprios têm mais importância	Interesses próprios e altruístas possuem a mesma importância	Motivos altruístas são mais importantes do que interesse próprio
Habilidades e Qualificações	Oferecem habilidades e qualificações mínimas	Oferecem habilidades genéricas	Oferecem habilidades e experiências técnicas/profissionais
Participação ativa/passiva	Tendem a ser mais passivos	Mistura entre participação ativa e passiva	Tendem a ser mais ativos na participação
Nível de contribuição para nativos	Contribuição direta mínima para a comunidade local	Contribuição direta média para a comunidade local	Alto nível de contribuição direta para a comunidade local

Fonte: Callanan e Thomas (2005) – Adaptado pelo autor (2019)

Esse framework se torna útil ao passo que considera a possibilidade de motivações altruístas e egoístas coexistirem dentro do fenômeno do turismo voluntário e também pode ser utilizado para segmentar o mercado, reforçando a necessidade de compreender a motivação dos participantes, com ONGs podendo optar por focar mais nos voluntários profundos e em aspectos altruísticos enquanto operadores comerciais, como agências de viagens, podem optar por focar mais nos voluntários rasos que são movidos por motivações extrínsecas (WEARING; MCGEHEE, 2013).

Aprofundando-se mais nas motivações para essa prática, Callanan e Thomas (2005) encontraram 4 motivos que servem de base dentro do turismo voluntário: imersão cultural, fazer alguma diferença, busca por camaradagem e aproximação familiar. Benson e Seibert (2009) também encontraram motivações similares dividindo-as em 5 motivos intrínsecos: experimentar algo diferente/novo, conhecer o povo africano, aprender sobre outro país e cultura, viver em outro país e expandir a mente. Alguns autores encontraram ligações das motivações com a demografia dos participantes onde os mais jovens estariam mais propensos a demonstrarem motivações altruísticas como fator principal da motivação (LEPP, 2008; WEARING; DEVILLE; LYONS, 2008; MCGEHEE; ANDERECK, 2009; WEARING, 2001) e que os mais velhos entre 40 e 70 anos estariam mais motivados pela imersão cultural, busca de camaradagem, dar algo em troca e aproximação familiar (BROWN, 2005). Já Stoddart e

Rogerson (2004) encontraram como motivação principal entre grupos de todas as idades, o desejo de ajudar os menos afortunados, seguido de aperfeiçoamento de habilidades, relacionamentos e viajar – todos motivos voltados para o interesse pessoal. Para Butcher e Smith (2010), indivíduos, em sua maioria jovens adultos, optam por esse tipo de viagem na tentativa de construir sua identidade por meio da busca de fazer a diferença no mundo.

Segundo Bussell e Forbes (2002), o motivo central para um voluntariado deve ser o altruísmo e a recompensa ser intrínseca ao ato de voluntariar, porém vemos que as motivações para engajamento no turismo voluntário podem estar voltadas para tentativas de promoção da própria imagem e outros interesses pessoais (aumento do ego, currículo profissional, aparecer em mídias sociais etc.). Isso, no entanto, não exclui ou impede que o turista voluntário também busque, ao mesmo tempo, relações pessoais de proximidade com a população local em experiências que envolvam aspectos socioculturais que acabam favorecendo o amadurecimento do indivíduo e também o comportamento altruístico (STODDART E ROGERSON, 2004).

Enquanto Callanan e Thomas (2005) não foram muito detalhistas no que seriam as motivações altruístas e de interesse próprio, Chen e Chen (2011) levantaram as motivações de turistas voluntários de diversos estudos da área e as separaram conforme as categorias da quadro 2, divididas entre as categorias Pessoal , Interpessoal e Outros:

Quadro 2 - Categorias e motivos para o turismo voluntário

Categoria	Motivos
Pessoal	Busca pelo prazer, relaxamento, viajar
	Crescimento pessoal, desenvolvimento profissional, construção de carreira
	Aventura, desafios, estimulação
Interpessoal	Cuidado com o próximo, altruísmo, deixar um legado, desejo de dar algo em troca
	Troca cultura, imersão cultural
	Amizades, família
Outros	Missão da empresa/organização
	Lugar certo, hora certa
	Contexto do projeto

Fonte: Chen e Chen (2011)

No debate gerado sobre o altruísmo ou o egoísmo ser o fator dominante na motivação de turistas voluntários ao buscarem tais serviços, o trabalho de Chen e Chen ao fazer essa separação entre Pessoal e Interpessoal pode contribuir para analisar como esses dois extremos se relacionam ao passo que há, além da ideia de que deve haver o domínio exclusivo de um ou do outro extremo, uma visão na qual os turistas voluntários podem oscilar dentro de um espectro entre extremos de egoísmo ou altruísmo. Essa opção parece ser uma abordagem mais inclusiva e científica dada a variedade de experiências possíveis e evita a dicotomia entre altruísmo e egoísmo já que turistas voluntários são, de fato capazes, de possuir múltiplas motivações simultaneamente (CALLANAN; THOMAS, 2005; EHRICHS, 2000; HUSTINX, 2001; THOMAZOS; BUTLER, 2010; WEARING; MCGEHEE, 2013).

Assim, as motivações devem ser melhor compreendidas pelas organizações atuantes nesse serviço para que possam alinhar os programas frente ao que os turistas voluntários buscam, porém, levando em consideração e com o mesmo peso, as necessidades de outro stakeholder conforme exposto a seguir.

4.1.3 As organizações de turismo voluntário e comunidades hospedeiras

Outro ator importante no fenômeno de turismo voluntário que merece atenção são as organizações que atuam promovendo as viagens e conectando os turistas voluntários com os destinos e comunidades hospedeiras. Wearing e McGehee (2013) avaliam que apesar de existirem diversos casos e exemplos positivos que mostram o tipo ideal de turismo voluntário, a maior crítica de pesquisadores é que a indústria de turismo voluntário como um todo ainda está muito longe do ideal e exige estudos empíricos adicionais.

Um das primeiras organizações que começaram a trabalhar com programas de turismo voluntário foi a organização sem fins lucrativos British Trust Conservation Volunteers, pela década de 1950, oferecendo inicialmente projetos no Reino Unido e com ênfase no meio ambiente. Com a expansão do mercado e o surgimento de novas organizações que utilizavam a viagem como forma de engajar pessoas, o foco das atividades se expandiu para englobar projetos comunitários e científicos também. Devido ao sucesso desse tipo de turismo, diversos operadores comerciais entraram no mercado, não sendo caracterizado mais como um mercado sem fins lucrativos, passando a focar no aspecto comercial por meio do que é chamado processo de comodificação (WEARING; MCGEHEE, 2013). O foco comercial nessa atividade pode direcionar o turismo voluntário para atender primariamente os interesses do cliente – o turista voluntário – em detrimento dos interesses e necessidades das comunidades e destinos

escolhidos para a experiência. Wearing e McGehee (2013) destacam que isso não é um processo simples ou que ocorre de maneira repentina - os serviços gradativamente vão se encaixando cada vez mais nas experiências que estão em demanda do que às necessidades dos nativos.

Parte das boas práticas desse mercado depende das organizações intermediadoras (sejam elas ONGs, agências de viagem ou universidades/grupo acadêmicos) que podem ou atuar para promover mudanças socioculturais positivas junto às comunidades hospedeiras ou negativamente como facilitadores de relações e dependência nos moldes do neocolonialismo (PALACIOS, 2010). Envolvendo elementos sociais, culturais e humanitários que devem beneficiar não apenas o turista, mas também a população local do destino escolhido – que para Singh (2002) é o mais importante entre os 3 principais stakeholders do turismo voluntário (voluntários, comunidades locais e operadores/ONGS) – o turismo voluntário possui poucos estudos focados na perspectiva dessas comunidades hospedeiras (HOLMES; SMITH; LOCKSTONE-BINNEY; BAUM, 2010; URIELY; REICHEL, 2003). Guttentag (2009) categorizou os impactos negativos que podem ocorrer nas comunidades hospedeiras em decorrência da prática do turismo voluntário: negligência dos desejos da população local, lentidão na realização dos trabalhos e qualidade ruim do trabalho final, rupturas na economia local e aumento da dependência de voluntários, reforço de estereótipos e mudanças culturais negativas devido ao contato direto com a população local. Vrasti (2013) faz críticas às possíveis relações entre os stakeholders que podem prejudicar as comunidades hospedeiras:

[...] embora o turismo voluntário implica em um comprometimento de ajuda humanitária e assistência, as comunidades hospedeiras não são recipientes passivos do altruísmo estrangeiro, mas também têm muito a oferecer em termos de sabedoria cultural, línguas estrangeiras, habilidades técnicas e aventuras exóticas. Ser grato pela hospitalidade e respeitoso da cultura delas pode ajudar muito a garantir que a experiência de turismo voluntário permaneça um encontro igualitário (VRASTI, 2013, p. 10).

Palacios (2010) acredita que enquanto o turismo voluntário não harmonizar expectativas pessoais e institucionais com a capacidade dos voluntários enviados, esse tipo de turismo estará mais suscetível a falhas e resultados negativos, gerando mais benefícios para os viajantes do que as comunidades. Para evitar essas interações com resultados negativos, as empresas e agências ofertantes de programas de turismo voluntário devem captar voluntários e conectá-los a projetos que possuam congruência entre as suas necessidades e as capacidades dos participantes, fornecerem preparação pré-embarque, orientação durante a viagem e participarem de processos devolutivos após a viagem, passando pelo processo de co-criação comum aos serviços transformadores (ZAVITZ; BUTZ, 2011; ZAHRA; MCINTOSH, 2007;

ANDERSON et al., 2013; WEARING; MCGEHEE, 2013). Para Raymond e Hall (2008), o entendimento entre culturas dos participantes e comunidades hospedeiras deve ser um objetivo das organizações e não apenas uma consequência da participação dos turistas nos projetos. É preciso que as organizações tenham um gerenciamento proativo nas fases anteriores, durante e depois da viagem:

Essa pesquisa destacou 3 elementos chaves de recomendação para organizações que enviam turistas voluntários e que buscam atingir o entendimento entre culturas. Primeiro, devem desenvolver programas que serão de verdadeiro valor para a comunidade local. Segundo, a importância de abordar o turismo voluntário como um processo de aprendizagem, ao invés de uma experiência, deve ser reconhecida ao utilizarem técnicas de aprendizagem experiencial. Terceiro, as oportunidades de interação com outras culturas devem ser deliberadamente facilitadas (RAYMOND; HALL, 2008, p. 539).

De grande importância para o desenvolvimento dessa dissertação, todos esses pontos são extremamente relevantes visto que ela será elaborada sob a perspectiva da Exchange do Bem, uma agência de turismo privada especializada no ramo de turismo voluntário. Ademais, no meio acadêmico, os estudos da área ainda são recentes e, em sua maioria, focados no turista voluntário (BROWN; MORRISON, 2003; MCGEHEE; NORMAN, 2002; MCGEHEE; SANTOS, 2005; MUSTONEN, 2005; STODDART; ROGERSON, 2004; WEARING, 2000, 2001, 2002, 2004; MCGEHEE; ANDERECK, 2009) sob diferentes lentes teóricas: descomodificação e teoria feminista (COUSINS, EVANS E SADLER, 2009; LYONS et al, 2012); teoria das relações industriais (VRASTI, 2013); teoria dos movimentos sociais (MCGEHEE, 2012), teoria do desenvolvimento (GUTTENTAG, 2009); teoria da troca social (MCGEHEE E ANDERECK, 2009); teoria da equidade (PEARCE E COGHLAN, 2008), teoria crítica (MCGEHEE, 2012) e neocolonialismo (PALACIOS, 2010). Coghlan e Gooch (2011) apontam que estudos do turismo voluntário utilizando a teoria da aprendizagem transformadora podem ser muito úteis para organizações envolvidas com o turismo voluntário no intuito de poderem aperfeiçoar o potencial transformador da experiência, especialmente ao continuarem interagindo e se envolvendo com os voluntários após o retorno dos programas.

Na seção a seguir será abordada a teoria da aprendizagem transformadora para que, no decorrer do trabalho, seja analisado como ela pode ser inserida no contexto do turismo voluntário.

4.1.4 Aprendizagem transformadora

Criada em 1978 por Mezirow, a aprendizagem transformadora (AT) busca a mudança de percepção e significado por parte do aprendiz fazendo com que ele questione e reorganize suas convicções ou hábitos cognitivos (STERLING, 2011). Segundo Mezirow (1978) a aprendizagem transformadora seria o processo pelo qual transformamos nossos quadros de referência para torná-los mais inclusivos. Os quadros de referência são as estruturas de linguagem e cultura pela qual interpretamos e atribuímos significados e coerência para nossas experiências – nossas percepções, expectativas, crenças e ações são guiadas por esses quadros que, após programados, nos guiam de um comportamento ao outro e com fortes tendências de rejeição a ideias que não se enquadram nas nossas predefinições, consciente ou inconscientemente. Essa mudança nos quadros de referência ocorre por meio da reflexão crítica diante dos pressupostos sobre os quais nossas interpretações, crenças e hábitos ou pontos de vista estão baseados. A reflexão crítica pode ocorrer pela (i) aprendizagem instrumental, quando aprendemos por meio da solução de problemas focados em tarefas e determinação de relações causa e efeito, ou pela (ii) aprendizagem comunicativa, que envolve compreender o significado do que outros possuem com relação a valores, ideais, sentimentos, morais e conceitos como liberdade, justiça, amor, trabalho, autonomia, comprometimento e democracia.

Ao descrever o processo pelo qual ocorre a AT, Mezirow (1978) elenca 10 etapas que levam a um estado transformado (Quadro 3), servindo de orientação e não necessariamente definindo que todos os indivíduos passarão pelos mesmos passos. As transformações podem ocorrer de maneira episódica ao vivenciar grandes reorientações em hábitos mentais, comumente associadas a crises de vida, ou de maneira cumulativa com uma sequência progressiva de insights que resultam em uma mudança do ponto de vista que transforma os hábitos mentais.

Quadro 3 - Etapas para a aprendizagem transformadora

Aprendizagem Transformadora
1. Experimentar um dilema desorientador.
2. Passar por uma auto avaliação.
3. Conduzir uma autocrítica de suposições existentes e papel desempenhado no contexto social atual.
4. Se identificar com a experiência de outros indivíduos, comumente pelo diálogo.

5. Explorar alternativas para novos comportamentos.
6. Criar competência e confiança em novos papéis.
7. Desenvolver um plano de ação.
8. Adquirir novos conhecimentos e habilidades para implementação do plano.
9. Esforços provisórios para tentar desempenhar os novos papéis e adquirir feedback
10. Reintegração na sociedade

Fonte: Mezirow (1978) – Elaborado pelo autor (2019)

Indivíduos que passaram pelo processo de AT seriam capazes de ter um quadro de referência mais amplo, auto reflexivo e integrador. A Aprendizagem Transformadora pode ser definida conforme O’Sullivan (2002), pois a definição inclui aspectos ambientais, espirituais e de autoconhecimento, indo além do político e social:

A aprendizagem transformadora envolve passar por uma mudança profunda e estrutural nas premissas básicas de pensamento, sentimentos e ações. É uma mudança de consciência que altera dramática e irreversivelmente a nossa maneira de ser no mundo. Tal mudança envolve o nosso entendimento sobre si e onde nos posicionamos; nossas relações com outros humanos e com o mundo natural; nosso entendimento das relações de poder dentro de estruturas de classe, raça e gênero; nossa consciência corporal, nossas visões de abordagens alternativas para viver; e nosso senso de possibilidades para justiça social e paz e felicidade própria (O’SULLIVAN, 2002, *apud* COGHLAN; GOOCH, 2011, p. 716).

Inicialmente a AT foi direcionada para o ensino de adultos e posteriormente outros pesquisadores ampliaram a sua aplicabilidade para outros públicos e objetivos (COLLARD; LAW, 1989; HART, 1990; CUNNINGHAM, 1992; NEWMAN, 1994). Com relação ao modelo dos 10 passos e a teoria da AT, Taylor (1997) elabora sobre as lacunas deixadas por Mezirow, apontando outros elementos que não foram levados em consideração para uma mudança de perspectiva, mas foram levantados em estudos de outros autores que utilizaram a AT.

Entre eles, está uma contestação ao primeiro passo no qual seria necessário enfrentar um dilema desorientador. Nos estudos de Clark (1991) a autora revela ser possível iniciar o processo de transformação não apenas por um dilema desorientador, mas também por “circunstâncias integradoras” que seriam períodos de tempo indeterminado em que o indivíduo procura por algo que esteja faltando em sua vida e ao encontrar esse algo, ele serve de catalizador para o processo de transformação. Outros autores encontraram diferentes catalizadores para o processo de transformação e Taylor (1997) os menciona não apenas para mostrar as diferentes possibilidades além do dilema desorientador, mas principalmente para

mostrar que existe algo importante por trás do processo da AT e que não pode ser ignorado: o contexto.

A importância do contexto na AT envolve fatores contextuais pessoais (experiências anteriores de vida) e socioculturais (eventos históricos). Eles são relevantes para que ocorra a mudança de perspectiva e, ao olharmos as características dos diferentes resultados de transformação, podemos ver que eles são o produto de um determinado contexto (TAYLOR, 2007). Como exemplo, os estudos de Courtenay *et al.* (2000) foram feitos de maneira longitudinal, iniciando em 1995 e acompanhando indivíduos soropositivos que, devido ao seu estado de enfermidade, transformaram a perspectiva que tinham sobre si próprios, passando a enxergar o seu diagnóstico de maneira mais positiva, se engajando em serviços para benefício de outras pessoas ao voluntariarem em ONGs relacionadas à educação e conscientização da AIDS, assim como palestras, grupos e outros eventos com a mesma finalidade. Além do contexto pessoal, é importante mencionar o contexto sociocultural presente na época, onde mudanças na sociedade provavelmente tiveram um efeito facilitador para que essa transformação ocorresse (maior tolerância da sociedade para indivíduos com HIV, melhores condições de tratamento, etc.). Como um contexto inibidor da aprendizagem transformadora, Taylor (2007) relata o estudo de Kilgore e Bloom (2002) com mulheres dentro de um programa de educação básica para adultos em uma penitenciária. No programa, elas aprenderam o discurso ensinado sobre serem uma nova pessoa, porém não passavam pela transformação, pois estando em crise e com diversas perspectivas conflituosas, encontravam-se “fragmentadas” consigo mesmo e não conseguiriam ser pacientes de uma pedagogia que presume um eu unificado.

Além da consideração sobre o contexto, o foco dado para a racionalização e para a reflexão crítica por Mezirow (1978) no processo de AT é desfeito e ampliado por estudos de diferentes autores que incluem outros “métodos de saber” como possíveis caminhos para a AT como a intuição, influências extra racionais, aprendizagem afetiva, força dos sentimentos e aprender por meio de relacionamentos – este último envolvendo elementos mais subjetivos de confiança, amizade, empatia e apoio que vão além da comunicação racional entre sujeitos da AT. (HUNTER, 1980; BROOKS, 1989; VOGELSANG, 1993; TAYLOR, 1997). Blake, Sterling e Goodson (2013) analisaram a aprendizagem transformadora, dentro de um ambiente educacional voltado especificamente para o ensino da sustentabilidade por meio da AT no Schumacher College. Entre outros achados, a vivência em comunidade e o tamanho do grupo, divisão de tarefas e estar inserido em um ambiente onde as pessoas compartilhem as mesmas ideias são fatores que favorecem a AT. De maneira mais profunda, em estudo sobre o

significado obtido das experiências pessoais de abstinência, Cochrane (1981) viu que é por meio da revelação de si mesmo a um outro alguém que o significado da experiência é desenvolvido e potencializado. Taylor (1997) elabora que a AT não é um processo apenas direcionado para si, mas dependente da colaboração, confiança e amizade com outros, culminando na criação de conexões e comunidades. É por meio das relações que o aprendiz irá desenvolver um senso de confiança e abertura para poder lidar com as cargas emocionais presentes no processo de AT, indo além do nível racional e considerando também o nível afetivo tanto de maneira consciente, como inconsciente.

Um dos conceitos de difícil compreensão sobre a AT é a definição e identificação do que se constitui uma transformação de perspectiva. Taylor (2007) avalia que a característica mais significativa é a irreversibilidade da transformação, além de ser caracterizada também pela mudança epistemológica e ontológica do aprendiz, ou seja, não apenas com relação a maneira que ele atribui sentido ao mundo e a sua realidade, mas também como ele se relaciona e interage com ela, o que demonstra a relação entre a transformação e a ação. Ao mencionar os estudos de MacLeod et al. (2003), Mallory (2003) e Goldie *et al.* (2005) sobre o aprendizado de estudantes da área médica por meio da AT, Taylor mostra que as experiências de aprendizado que permitem um contato direto com o que está sendo ensinado - que estimulam a reflexão e o engajamento pessoal - são uma das maneiras mais poderosas de permitir que a transformação ocorra:

Dois estudos que lidavam com o treinamento de estudantes (médicos e enfermeiras) para cuidados paliativos mostram o poder das experiências de aprendizado direto [...] MacLeod (2003) exigia que os estudantes do módulo de cuidados paliativos passassem tempo com o paciente que estava morrendo e sua família, escutando suas histórias e explorando problemas de importância para ela. A consequência dessa experiência era emocional e gerava empatia, sabendo a situação pela qual a família e o paciente estavam passando juntamente com o reconhecimento das emoções geradas por isso. (TAYLOR, 2007, p. 9, tradução livre)

Assim, também não podemos supor que toda aprendizagem, mesmo prática e em contexto favorável, será transformadora e que ocorrerá com a mesma intensidade. Sterling (2011) elaborou um modelo de níveis de conhecimento (Figura 1) que mostra a possibilidade de passarmos por aprendizagens que afetam diferentes níveis dessa hierarquia. Nesse modelo, as percepções e concepções mais profundas influenciam e ajudam a manifestar ideias imediatas que por sua vez resultam em pensamentos e ações do dia-a-dia. Tal modelo serve tanto para os níveis de conhecimento individuais como do conhecimento coletivo.

Figura 1 - Níveis de Conhecimento



Fonte: Sterling (2011)

Para que a aprendizagem seja verdadeiramente transformadora, ela precisa ir além da mudança de ações e de discursos, atingindo os níveis de paradigma e visão de mundo ou mais além. Bateson (1972) definiu três níveis de aprendizagem que são relacionáveis ao modelo de Sterling (Quadro 4).

Quadro 4 - Níveis de Aprendizagem

Ordem de mudança	Busca / Leva à:	Pode ser denominada como
Primeira Ordem Cognição	Efetividade / Eficiência	Fazer as coisas melhor Conformadora
Segunda Ordem Metacognição	Examinar e mudar suposições	Fazer coisas melhores Reformadora
Terceira Ordem Aprendizagem epistêmica	Mudança de Paradigma	Ver as coisas de maneira diferente Transformadora

Fonte: Sterling (2011)

As mudanças mais superficiais são caracterizadas como aprendizagem de Primeira Ordem e estão relacionadas a fazer “mais do mesmo”, sem evocar o pensamento crítico do porquê aquilo está sendo feito e atingem apenas os níveis mais superficiais da pirâmide (ações, ideias e teorias). Pode ser facilmente encontrada em instituições de ensino tradicionais, tanto de nível superior quanto em escolas, caracterizando-se pelo foco externo da aprendizagem, por meio de pedagogias que apenas transmitem conhecimento de coisas dentro de um consenso já aceito de padrões e valores, sem desafiar as suposições do aprendiz. Essa metodologia é aceitável em diversas situações, no entanto, quando há a necessidade para uma aprendizagem

transformadora, a aprendizagem de primeira ordem dificulta que mudanças mais profundas possam ocorrer (STERLING, 2011).

Ainda segundo Sterling (2011), a aprendizagem de segunda ordem já é mais desafiadora, envolvendo a evocação do pensamento crítico que leva à mudança de suposições e valores (níveis intermediários da pirâmide) por parte do aprendiz e, por causar essas mudanças, acaba sendo mais difícil e até desconfortável no início devido à reflexão exigida e às reavaliações que ela irá provocar. As mudanças e aprendizagem de primeira ordem estão relacionadas a "fazer as coisas melhor", mostrando preocupação com a eficiência e a eficácia, porém não questiona essas "coisas" nem as atividades e as suposições que levam até essas atividades. A seguir, a mudança de segunda ordem visa fazer "coisas melhores", envolve propósitos e valores das atividades e se torna mais profunda do que a ordem anterior ao provocar questionamentos no sentido de finalidade por meio do pensamento crítico. A exposição a alternativas encoraja alunos a questionarem de maneira crítica as suas suposições, crenças e valores.

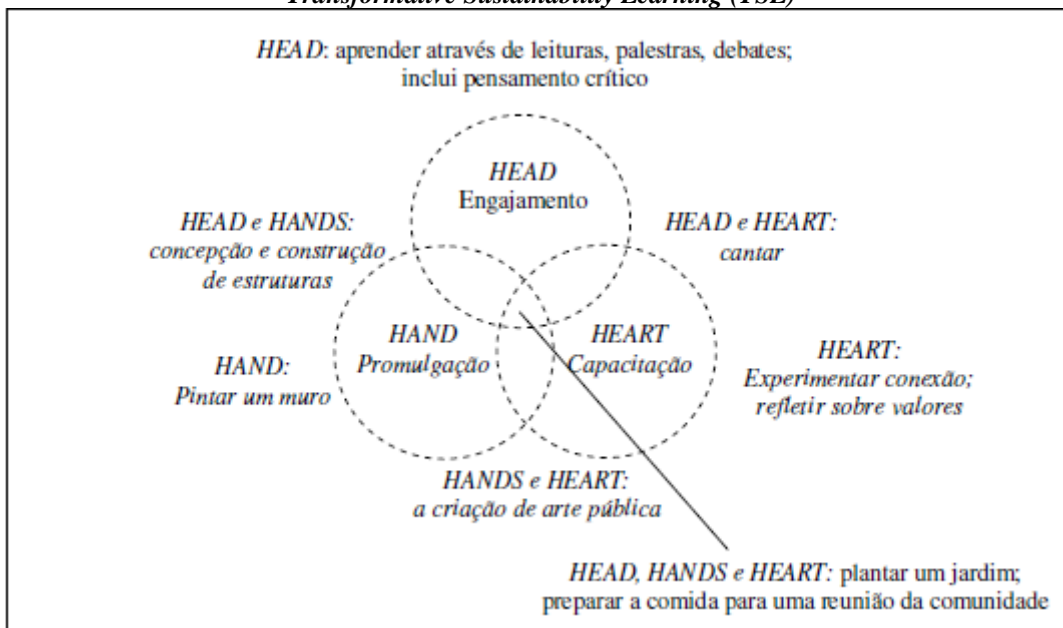
Indo mais adiante, o modelo de Bateson (1972) apresenta um terceiro nível de aprendizagem que envolve a mudança em nível epistemológico, modificando o jeito de pensar do indivíduo e dele interagir com o mundo. Para Bawden e Packham (1993) essa terceira ordem envolve pensar e reavaliar a fundação do próprio pensamento. Seria ver a nossa visão de mundo ao invés de ver o mundo de acordo com a nossa visão, para que assim possamos vislumbrar outras possibilidades e então questionar paradigmas (STERLING, 2011).

Para chegar a uma aprendizagem transformadora que também atinja os níveis mais profundos do nosso conhecimento, Sipos, Battisti e Grimm (2008), na figura 2, propõem que os objetivos da aprendizagem sejam organizados em *head*, *hands* e *heart* (cabeça, mãos e coração) – focando assim não apenas no indivíduo, mas também nas pedagogias e estruturação das experiências nas quais ele estará envolvido. A cabeça representa o domínio da aprendizagem cognitiva (engajamento, por exemplo, através do estudo e compreensão dos temas ensinados), as mãos o domínio da aprendizagem psicomotora (promulgação da aprendizagem teórica através do desenvolvimento das competências práticas e trabalho físico) e o coração o domínio da aprendizagem afetiva (ativação de valores e atitudes a serem traduzidos em comportamento) – é a sinergia entre esses domínios que irá permitir que aprendizes possam passar por profundas mudanças em seus conhecimentos, habilidades e atitudes para que favoreçam a justiça ecológica, social e econômica (SIPOS, BATTISTI E GRIMM, 2008). Contrários à crença de que as emoções atrapalham o pensamento lógico, diversos estudos nas áreas de psicologia, neurociências e áreas correlatas ligam as emoções como fatores positivos no raciocínio cognitivo decisório:

A complexa relação entre emoção e razão parece inerente à análise eficaz e pensamento e comportamento racional. [...] Estudos sugerem que não existe uma capacidade de raciocínio puro, mas que a o raciocínio e cognição moral (capacidade de lidar com normas sociais) estão baseados intrinsecamente nas emoções e socialização. A inclusão explícita de emoções em modelos de aprendizagem pode promover o pensamento sensato e não a obstrução de caminhos. (SIPOS, 2005, p.20, tradução livre).

Para conectar aprendizes com o que está sendo ensinado, diversos fatores motivacionais precisam ser incorporados, principalmente os que evocam os sentimentos. A empatia, moralidade e espiritualidade (aspectos da conexão emocional) geralmente estão ligados ao despertar do interesse pessoal que irá encorajar a ação e assim, possivelmente, a transformação pessoal (GOODMAN, 2000; DAMASIO 2001; BLANCHETTE; RICHARDS, 2004 *apud* SIPOS, 2005).

Figura 2 - Diagrama de Venn mostrando os constituintes e sinergias do modelo pedagógico da *Transformative Sustainability Learning (TSL)*



Fonte: Adaptado de Sipos, Battisti e Grimm (2008)

A aprendizagem, portanto, deve envolver e incentivar a criatividade e a conexão com as emoções (assim a importância do coração no modelo). A abordagem da cabeça, mãos e coração serve como uma ferramenta para que as experiências possam ser estruturadas de maneira a promover um engajamento completo dos participantes e assim fazer com que elas de fato sirvam como melhorias para a qualidade de vida do aprendiz, aumentando as chances de que ela o afete de maneira pessoal e transformadora (SIPOS, 2005).

Dentro do contexto da sociedade contemporânea, no qual estamos enfrentando mudanças climáticas, crescimento da disparidade econômica e falta de alimentos para dois terços da população mundial, há justamente essa necessidade: um chamado para reavaliarmos os valores e suposições por meio do pensamento crítico e da reflexão (SIPOS, BATTISTI E GRIMM, 2008). Segundo Palma (2015), a Teoria da Aprendizagem Transformadora teve fortes influências de Paulo Freire com relação à conscientização, que possibilita ao povo inserir-se no processo histórico promovendo a discussão da manutenção do *status quo*. A conscientização está ligada à compreensão e possibilidade de alterações nas relações de dominação e alienação, portanto o objetivo da AT vai além da dimensão individual, permeando a dimensão coletiva ao possibilitar a transformação da sociedade por meio da mudança na compreensão das relações políticas e econômicas, de poder, raça, justiça social, e as relações com outros seres humanos e o mundo natural (MEZIROW, 1997; LANGE, 2004).

É justamente nessa compreensão e visualização de oportunidades de mudança que as vivências presentes na experiência do turismo voluntário podem permitir ao indivíduo desenvolver o seu senso de agência. A seção seguinte irá explorar de maneira mais detalhada essas vivências presentes no turismo voluntário.

4.1.5 Turismo voluntário transformador: contexto, aprendizagens e emoções presentes no turismo voluntário

Como visto na seção anterior, a AT está ligada à reflexão crítica, o estabelecimento de relações com o outro que permitirão ao indivíduo ter discussões reflexivas, compartilhar informações abertamente e chegar a entendimentos mútuos que permitam a conscientização. Para isso, é preciso que a AT ocorra dentro de um contexto favorável, indo além do domínio cognitivo e envolvendo outros saberes, compreendidos pelos domínios afetivo e psicomotor, pois as emoções desempenham um papel chave no engajamento e disposição para a ação, a qual é estimulada pela motivação que oscila entre o altruísmo e egoísmo. No cenário atual da globalização, as sociedades ocidentais pós-modernas possuem um sentimento de alienação e de baixa espiritualidade, não vislumbram um significado para a vida além do consumo próprio e trabalho pago, estando inseridas em um contexto de rápida mudança nas formas de moradia que resultando na perda do sentimento de comunidade e de pertencer a um lugar (LANGE, 2004). Assim, pode-se observar como o turismo voluntário se apresenta como alternativa para preencher esse vazio, aliado também ao fato de que grande parte do mercado desse nicho está inserido nesse tipo de sociedade (BAUMAN, 1998; O’SULLIVAN, 2002; WEARING;

MCGEHEE, 2013). Os participantes do turismo voluntário, em sua maioria estudantes e trabalhadores, ao atuarem em um projeto, poderão vivenciar os conflitos existentes entre a sua visão de mundo e a realidade do país onde irão voluntariar. O turismo voluntário, ao lidar com projetos sociais e ambientais, desde níveis locais até globais permite que voluntários de diferentes origens convivam em comunidade, em residências compartilhadas, inseridos em situações que possibilitam diversas dinâmicas de grupo e oportunidades de co-criação, sujeitos a situações capazes de gerar fortes emoções que podem levar a momentos de inspiração e o conceito do coletivo permite a criação de redes de relacionamentos, parcerias locais, regionais e globais (COUGHLAN; GOOCH, 2011; HANSMANN, 2010).

Coghlan e Gooch (2011) relacionaram os 10 passos da AT com as situações presentes em uma viagem de turismo voluntário (Quadro 5), demonstrando que a maioria das etapas podem ser experimentadas durante a viagem, mas que o cenário atual dessa indústria ainda não oferece, em grande parte, as condições ideais para que as interações entre os atores (organizações, voluntários e comunidades hospedeiras) promovam o processo por completo.

Quadro 5 - Etapas para a aprendizagem transformadora no contexto do turismo voluntário

Aprendizagem Transformadora	Turismo Voluntário
-	1. Motivação para viajar, descobrir um ambiente novo, e/ou contribuir para uma causa social ou ambiental.
1. Experimentar um dilema desorientador.	2. Choque cultural e vivenciar um ambiente cultural/social/natural diferente.
2. Passar por uma auto avaliação. 3. Conduzir uma autocrítica de suposições existentes e papel desempenhado no contexto social atual.	3. Oportunidade para reflexão, por meio de diários de voluntariado com descrição de emoções e desafios encontrados.
4. Se identificar com a experiência de outros indivíduos, comumente pelo diálogo.	4. Compartilhamento informal de experiências durante períodos de folga, como refeições.
5. Explorar alternativas para novos comportamentos. 6. Criar competência e confiança em novos papéis.	5. Familiarização com novas tarefas, hábitos locais, etc. e oportunidades para contribuir com conhecimento, ideias e habilidades.
7. Desenvolver um plano de ação.	<i>Oportunidade para isso são limitadas nos programas de voluntariado</i>
8. Adquirir novos conhecimentos e habilidades para implementação do plano.	6. Auto atualização do voluntário com novos valores, habilidades e senso de agência.
9. Esforços provisórios para tentar desempenhar os novos papéis e adquirir feedback	<i>Oportunidade para isso são limitadas nos programas de voluntariado</i>
10. Reintegração na sociedade	7. Criação de novas redes sociais.

Fonte: Coghlan e Gooch (2011) – Adaptado pelo autor (2019)

Segundo as autoras, embora haja uma sobreposição de alguns passos, existe espaço para um melhor alinhamento entre as etapas para que sejam gerados maiores benefícios individuais e sociais com a experiência do turismo voluntário. Dentro da viagem de turismo voluntário, algumas etapas como “Desenvolver um plano de ação” e “Tentar desempenhar novos papéis e adquirir feedback” são limitados devido em parte ao nível de flexibilidade do projeto onde o voluntário atua e à curta duração da viagem. No entanto, com base no exposto no capítulo anterior evidencia-se a próxima relação das etapas entre AT e turismo voluntário.

No turismo voluntário, Ulusoy (2016) identifica que na literatura sobre o tema, os principais motores da aprendizagem transformadora são a aprendizagem instrumental e as reflexões individuais ou grupais (aprendizagem comunicativa). Na aprendizagem instrumental, os participantes do turismo voluntário se engajam em atividades laborais que atendem as necessidades locais das comunidades enquanto atuam em projetos estruturados (voluntariado formal) que possibilitam o aprendizado e autodesenvolvimento. Os turistas voluntários estão inseridos em situações reais e deparam-se com uma realidade diferente do habitual, permitindo que desenvolvam e apliquem habilidades que melhoram os seus conceitos pessoais e assumam identidades de responsabilidade. Por possibilitar a atuação pela aprendizagem instrumental, em proximidade com a comunidade do projeto, os turistas voluntários também podem desenvolver conexões cognitivas e emocionais com os indivíduos assistidos pelo projeto. Já na aprendizagem comunicativa por meio das reflexões, tanto individuais quanto em grupos, os turistas voluntários podem avaliar suas perspectivas sobre a vida, sentimentos, pensamentos e capacidades ao refletirem e engajarem em discussões sobre a atuação no projeto, os conhecimentos adquiridos com essa experiência e como realizar mudanças a partir desse aprendizado (MCCARTHY; TUCKER, 2002).

Foi exposto anteriormente que a aprendizagem transformadora pode ser facilitada ou inibida por questões contextuais e agora caracterizamos a experiência do turismo voluntário como uma possível facilitadora para a transformação. Para Hammersley (2014), o turismo voluntário demonstra o potencial de melhorar a cidadania global ao estabelecer redes e conexões de longo prazo que promovem a participação em movimentos sociais, facilitam o aprendizado mútuo, entendimento entre culturas e conscientização entre os participantes além de construir solidariedade. É proposto que por meio do turismo voluntário, os participantes passam por mudanças de identidade como auto realização, autoconhecimento, desenvolvimento de si mesmo e senso de empoderamento – mudanças que podem ser relacionadas à aprendizagem transformadora na qual o indivíduo passa por uma mudança de consciência que altera dramática e irreversivelmente a sua maneira de agir e ser com o mundo (BROWN, 2005;

COGHLAN; GOOCH, 2011; MCGEHEE; SANTOS, 2005; STEBBINS; GRAHAM, 2004; WEARING, 2002). Zahra e McIntosh (2007) realizaram um estudo para mostrar evidências de experiências catárticas por meio da participação em programas de turismo voluntário. Tal experiência também é possível ocorrer durante o turismo tradicional, porém foge da norma, possivelmente por conta da natureza hedonista e de fuga desse tipo de viagem. A catarse é ligada à tragédia dramática, libertação, descobrimento e possibilita mudanças positivas em um indivíduo com relação ao seu propósito na vida resultando em melhora no bem-estar, auto eficácia, e engajamento.

No estudo de Zahra e McIntosh (2007) as respondentes eram cinco turistas voluntárias de origem australiana, neozelandesa e canadense, previamente conhecidas pelas pesquisadoras durante viagens de turismo voluntário. Um número pequeno, mas justificado pela necessidade de proximidade e conexão das pesquisadoras com os sujeitos para a realização das entrevistas em profundidade. Comum nos relatos das cinco entrevistadas era o encontro e confronto com sofrimento durante o turismo voluntário:

Em sociedades ocidentais pós-modernas, jovens podem ser protegidas do sofrimento, mas essas voluntárias viram mães com seus bebês nas ruas mendigando e tomaram conhecimento sobre suas dificuldades pessoais e desconforto ao lidar e trabalhar com pessoas que tinham sérias deficiências e em situação de pobreza. Esse sofrimento provocou reações emotivas como tristeza, choro, doação de dinheiro e escape (ZAHRA; MCINTOSH, 2007, p. 117).

O contato com diversos tipos de pessoas nas comunidades hospedeiras proporcionou oportunidades de reflexão sobre cultura, religião e sobre o turismo tradicional, pois segundo relatos, a experiência do turismo voluntário permitiu que elas vissem o lado real do país, ao contrário do turismo tradicional onde o turista parece vivenciar algo falso. O diálogo e interações com outros turistas voluntários e a comunidade, as observações pessoais e os desafios e reconhecimento da realidade onde estavam inseridas levou à mudança de comportamento e atitudes durante a viagem e a reavaliar seus valores centrais:

Questionei-me como poderia voltar aos meus hábitos antigos de utilizar drogas e beber apenas para tentar buscar uma diversão temporária. Eu estava pensando sempre em mim mesma e não ganhava nada além de infelicidade. No projeto estava pensando nos outros. Minha visão mudou, passei a pensar e a refletir mais sobre as coisas (ENTREVISTADA *apud* ZAHRA; MCINTOSH, 2007, p.117).

As autoras também relatam mudanças das entrevistadas em hábitos de consumo, relações familiares e uma virada na orientação de vida, antes voltada para o ego, e agora com uma visão mais ampla voltada para o “fora de si”, em direção ao próximo, consoantes com os

achados de diferentes autores da área (BENSON, 2010; WEARING, 2001; MCGEHEE; SANTOS, 2005). Segundo Wearing (2001), o turismo voluntário causa mudança de valores e de consciência que irão subsequentemente influenciar o estilo de vida dos participantes.

McGehee e Santos (2005) relacionaram a experiência de turismo voluntário com *social networks*, a conscientização e o engajamento em movimentos sociais. Participantes do estudo relataram que por meio do turismo voluntário puderam desenvolver e expandir suas redes além dos limites culturais e raciais, descrevendo a experiência como “*enlightening*”, “*eye opening*” e “*life changing*” e que essas conexões se mantiveram após o encerramento da viagem, impactando diretamente suas vidas:

Retornando da viagem, tive bastante sorte. Havia me conectado com um russo que possuía uma fundação que apoiava artistas locais e já possuía conexões e conhecimento sobre o funcionamento desse tipo de organização, enquanto eu ainda era iniciante nisso. O contato me ajudou a dar continuidade no trabalho após viagem e pude criar minha própria fundação (RUBEN *apud* MCGEHEE; SANTOS, 2005, p. 770).

A conscientização ocorre por meio da percepção das desigualdades e injustiças sociais, da natureza global dos problemas sociais, do reconhecimento da complexidade desses problemas e a compreensão de que a mudança demandará tempo e esforço até que ocorra. Os respondentes do estudo relatam que os programas dos quais participaram possibilitaram a eles enxergar coisas que estão ocorrendo no mundo que antes não enxergavam, ampliar a perspectiva sobre os problemas pessoais, se dando conta de que são pequenos quando comparados aos problemas enfrentados durante o programa e que esses problemas não são distantes, mas sim mais próximos do que eles imaginavam, resultando na ampliação do foco para o outro (MCADAM, 1989; MUELLER, 1992; TARROW, 1994 *apud* MCGEHEE; SANTOS, 2005).

No entanto, existem ressalvas quanto às exaltações ao turismo voluntário no discurso de respondentes, já que pode ser levantada a questão sobre a duração dos sentimentos e atitudes que foram modificados pela participação no programa (BROWN, 2005; MCGEHEE; SANTOS, 2005). Coghlan (2008) diz que o comprometimento dos voluntários é difícil de mensurar, já que muitos estavam comprometidos durante a viagem, mas demonstraram pouco interesse no longo-prazo desde que retornaram para casa. Conforme Taylor (2007) e Mezirow (1978) é importante consideramos que o último passo da AT é o de reintegração na sociedade, representado no turismo voluntário pelo retorno da viagem, onde o participante terá o desafio de manter a transformação frente a chance de não ser possível exercer um novo papel transformado dentro do seu cenário original.

A experiência de turismo voluntário, porém, não pode ser responsabilizada como a única determinante pelo eventual fracasso do processo de AT, visto que há a dependência do contexto nesse processo, e mesmo que a viagem de turismo voluntário tenha sido transformadora, a AT pode não se concretizar e o voluntário retornar aos antigos hábitos e atitudes. Para se diminuir os riscos dessas situações, torna-se relevante também buscar relatos de turistas voluntários que já retornaram ao seu país de origem por algum tempo.

Na próxima seção, os conceitos teóricos abordados até o momento serão relacionados uns aos outros para que, alinhando-os com a teoria da AT, seja feito o traçado inicial de como a presente pesquisa irá prosseguir metodologicamente.

4.1.6 Turismo voluntário como ferramenta para a aprendizagem transformadora

Foram destacados até aqui estudos que avaliam os benefícios e estudos críticos à prática do turismo voluntário como meio alternativo de turismo. Estão presentes, na experiência do turismo voluntário, diversos elementos que a indicam a possibilidade de servir como uma ferramenta para a AT: o contexto, formado em parte pelas motivações dos participantes e onde é possível identificar etapas do processo de AT (MEZIROW, 1978) com etapas da viagem de turismo voluntário (COGHLAN; GOOCH, 2011); as atividades desenvolvidas durante a participação que envolvem diferentes domínios do saber e irão influenciar as relações com a comunidade hospedeira; sentimentos de empatia que, gerados pelas interações e ligados ao altruísmo, permitem uma visão para fora de si e em direção ao outro (BATSON, 2002); o ambiente coletivo que estimula a reflexão crítica e compartilhamento de ideias gerando sentimentos de amizade, confiança e segurança engajando turistas voluntários para agirem em problemas reais (ELLIS, 2003; CALLANAN E THOMAS, 2005; COGHLAN; GOOCH, 2011; WEARING; MCGEHEE, 2013) que então se relaciona com a abertura de visão de mundo proposta pela AT.

Mesmo os estudos com argumentos críticos ao turismo voluntário reconhecem o potencial transformador desse tipo de atividade e que os efeitos negativos podem ser mitigados mediante cuidados e alterações na conduta dos stakeholders envolvidos, principalmente dos operadores comerciais e agências de viagem (GUTTENTAG, 2009; PALACIOS, 2010; ZAVITZ; BUTZ, 2011; VRASTI, 2013). Define-se, portanto, a proposta de uso teórico do referencial visto até o momento, adaptando as teorias e seus conceitos ao contexto do turismo voluntário para que sirvam de fundamentação científica para esta pesquisa e a análise a ser

realizada, que pode ser dividida em três momentos: pré-viagem (ex-ante), durante a viagem e pós viagem (ex-post).

No período pré-viagem, será feita a categorização dos turistas voluntários conforme o framework proposto por Callanan e Thomas (2005), diferenciando-os entre Rasos, Intermediários e Profundos. Tal categorização está diretamente relacionada com as categorias de motivação propostas por Chen e Chen (2011), as quais serão adotadas para ampliar o conceito de altruísmo e egoísmo no framework de Callanan e Thomas (2005), e que por sua vez podem ser relacionadas aos comportamentos altruísticos e egoísticos mencionados por Batson (2002), conforme quadro 6. Segundo ele, as motivações são um ponto central nas discussões sobre altruísmo (BATSON, 2002). As motivações na categoria Pessoal são voltadas para benefício próprio, portanto relacionáveis ao egoísmo, enquanto as Interpessoais estão orientadas para fora do “eu” e em direção ao “outro”, permitindo relacioná-las ao altruísmo. O turista voluntário também não precisa demonstrar apenas um ou outro tipo de comportamento, podendo oscilar dentro desse espectro (WEARING; MCGEHEE, 2013).

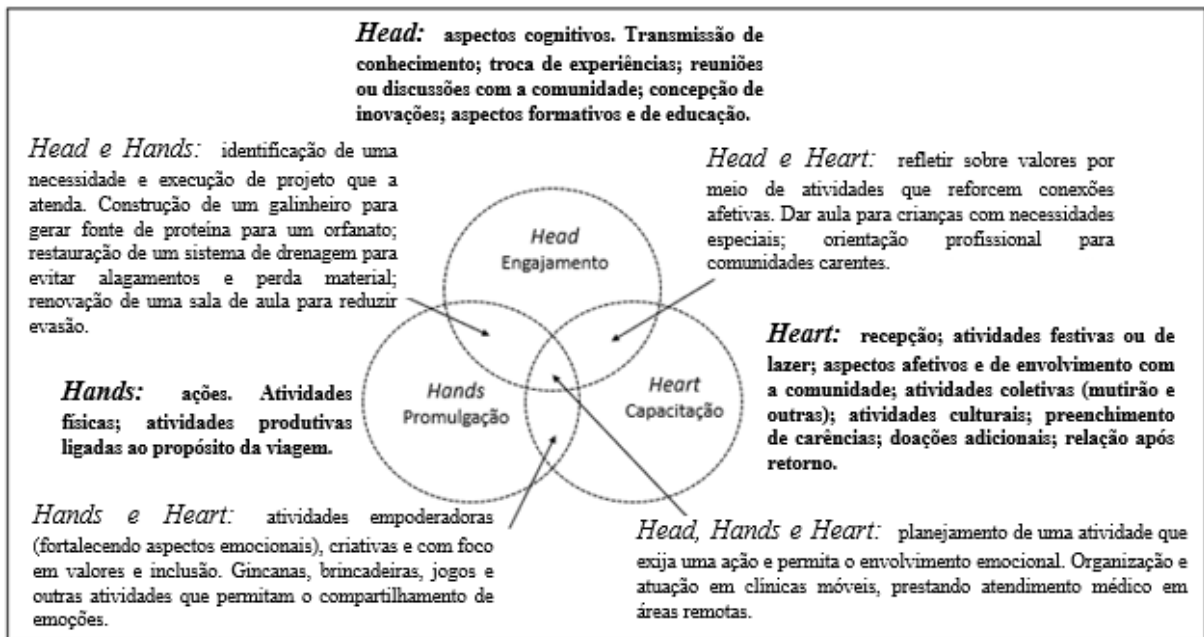
Quadro 6 - Categorias e motivos relacionados a tipos de comportamento

Categoria	Motivos
Pessoal (Egoísmo)	Busca pelo prazer, relaxamento, viajar
	Crescimento pessoal, desenvolvimento profissional, construção de carreira
	Aventura, desafios, estimulação
Interpessoal (Altruísmo)	Cuidado com o próximo, altruísmo, deixar um legado, desejo de dar algo em troca
	Troca cultura, imersão cultural
	Amizades, família
Outros (Motivos diversos)	Missão da empresa/organização
	Lugar certo, hora certa
	Contexto do projeto

Fonte: Chen e Chen (2011) adaptado pelo autor (2019)

Para o período que ocorre durante a viagem, os conceitos de Sips, Battisti e Grimm (2008), que eram voltados para um ambiente educacional, foram modificados na figura 3 para se adequarem a experiência do turismo voluntário. Serão utilizados para observar as atividades realizadas durante as viagens, evidenciando o engajamento, capacitação e utilização de diferentes domínios de aprendizagem, o que deve favorecer a inserção do turista voluntário em um contexto propício para a AT. Estando o voluntário envolvido em atividades conforme esse modelo, espera-se o surgimento de emoções empáticas que estimulem o comportamento altruístico, tornando-se útil também nesse momento os estudos de Batson (2002).

Figura 3 - Diagrama de Venn mostrando os constituintes e sinergias da TSL adaptadas para o turismo voluntário



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Ao fim da viagem, com o retorno dos turistas voluntários aos seus países de origem e retomada do cotidiano, surge a preocupação de alguns autores com a duração das mudanças resultantes da experiência do turismo voluntário (COGHLAN, 2008; BROWN, 2005; MCGEHEE; SANTOS, 2005). Com os estudos de Sterling (2011), representados na figura 1 e quadro 1, será possível avaliar quão profundas essas mudanças são, já que para se caracterizar a AT é preciso que elas atinjam os níveis mais profundos do conhecimento. Assim, também será possível, com base nos achados, categorizar a aprendizagem no turismo voluntário como de primeira, segunda ou terceira ordem.

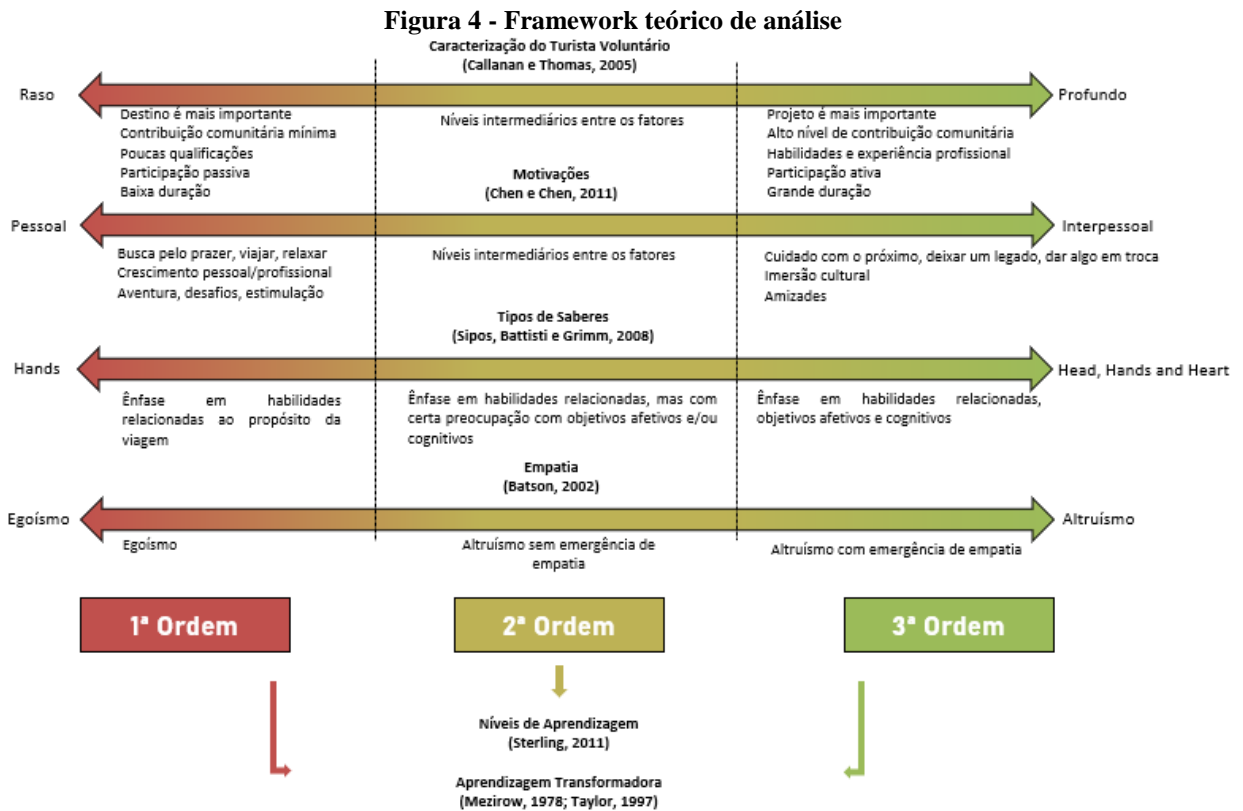
Expostos até aqui as teorias que serão utilizadas e as suas relações e adaptações ao tema de estudo proposto, apresenta-se a construção resultante da compreensão de todos esses conceitos e que tomam forma na maneira de um *framework* teórico capaz de analisar a experiência do turismo voluntário a partir desses múltiplos pontos de vista teóricos de maneira singular.

4.1.7 Uma ferramenta para o turismo voluntário transformador

Um *framework* teórico permite que seja feita a transição de simplesmente descrever um fenômeno que foi observado para fazer generalizações sobre diversos aspectos daquele

fenômeno. Com o apoio de uma fundamentação teórica se torna possível identificar os limites dessas generalizações além de especificar variáveis chaves que influenciam o fenômeno e como elas se diferenciam em determinadas circunstâncias (RAVITCH, 2017).

Buscou-se reunir de maneira coerente, conforme figura 4, os conceitos e teorias apresentadas, adaptadas ao turismo voluntário, de maneira a facilitar a compreensão delas dentro desse contexto, o que contribui para a construção de novos conhecimento e validação de suposições teóricas.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

A construção de novos conhecimentos ocorre ao passo que teorias desenvolvidas para outros fins foram adaptadas dentro do *framework*, como a AT, hipótese do altruísmo verdadeiro e os domínios de aprendizagem, para servir de lente a uma área de estudos diferente: a do turismo voluntário. Ao mesmo tempo, com os resultados obtidos, buscou-se a validação de suposições teóricas ao testarmos a coerência do *framework* quando este foi preenchido com os dados coletados.

Ademais, apesar de focado no turista voluntário, é possível que agentes intermediários o utilizem para ter uma visão mais holística da experiência ofertada, identificando *gaps* que podem estar presentes na seleção dos participantes, no roteiro da viagem, na necessidade em

que os turistas voluntários irão atuar e nos processos devolutivos, caso existentes, para que auxiliem os turistas voluntários a refletirem sobre a viagem e suas vivências, permitindo que obtenham uma compreensão mais profunda da complexidade que envolve a sociedade.

A AT não é necessariamente o que é buscado pelos participantes ou oferecida pelos agentes intermediários, mas sim o possível resultado da correta organização de todas essas etapas e variáveis mostradas acima. Dessa maneira, se o agente intermediário tiver ciência do seu papel, aumentam-se as chances de que a AT seja resultante da participação em viagens de turismo voluntário, que os benefícios trazidos para as comunidades sejam de longo prazo e que o turismo voluntário se propague de maneira ética e sustentável. Espera-se então que o *framework* possa vir a contribuir para que sejam criadas as melhores práticas para o setor.

No próximo capítulo serão detalhados os procedimentos metodológicos adotados para efetuar a definição da amostra, a coleta de dados e a análise de resultados da presente pesquisa demonstrando como os processos da Exchange do Bem se encaixam dentro do *framework* proposto e assim demonstrando na prática como ele pode ser adaptado para a realidade do turismo voluntário.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é guiada pela busca de um entendimento sobre a ocorrência da aprendizagem transformadora dentro de um contexto: a experiência do turismo voluntário. Embora existam diversos estudos sobre a teoria da Aprendizagem Transformadora que ajudaram ela a se consolidar como uma teoria digna tanto de críticas bem construídas quanto validações e reconhecimentos que a moldaram e permitiram o seu uso em diferentes áreas fora da qual havia sido originalmente aplicada, os estudos sobre o turismo voluntário ainda podem ser considerados na sua infância, especialmente no Brasil, quando comparados a outros temas já consolidados na indústria do turismo. Nessas condições, esta pesquisa está fortemente relacionada à percepção dos participantes de turismo voluntário acerca de suas experiências e ao entendimento do pesquisador sobre esta realidade, optando-se por uma abordagem de estudos de caso, de natureza exploratória e qualitativa para obter mais informações sobre o potencial transformador das experiências de turismo voluntário.

5.1 TIPO DE PESQUISA

O modelo de estudo escolhido para atingir os objetivos propostos para esta pesquisa foi o estudo de caso instrumental. Conforme Stake (2005), o estudo de caso não é tanto uma questão metodológica quanto uma escolha daquilo que será estudado. O caso é um sistema fechado, uma única entidade com fronteiras, sendo possível cercar o objeto do estudo. Assim, o caso pode ser uma única pessoa, um programa, um grupo, uma instituição ou comunidade e para este trabalho ele se torna instrumental, pois a questão de pesquisa pode ser esclarecida pelo estudo do caso da viagem em grupo para a Índia, detalhada nas próximas seções.

Para Yin (2001) o estudo de caso é uma forma de fazer pesquisa de forma empírica, investigando temas contemporâneos e que contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Complementa que “o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2001, p. 21). O estudo de caso também se caracteriza como exploratório quando o tema do estudo ainda é pouco explorado, sendo a observação direta a maneira indicada de coleta de dados para esse tipo de estudo (GIL, 1994).

Ainda, segundo Yin (2001, p. 32) “a investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência”. Permite-se, portanto, fazer

uso de provas tanto quantitativas quanto qualitativas baseando-se em diversas fontes de maneira complementar.

Para Hartley (2004) o estudo de caso é adaptável tanto a teorias originais quanto emergentes, possibilitando explorar questões em profundidade. Estudos de caso podem ser especialmente formatados para explorar novos processos ou comportamentos que ainda não estão bem entendidos. Assim, antes de abordar o estudo de caso selecionado para essa pesquisa, convém explicar brevemente sobre o funcionamento das viagens de turismo voluntário dentro da Exchange do Bem, agência de intercâmbio especializada nesse ramo e uma entre duas principais empresas do tipo no Brasil que trabalham exclusivamente com o turismo voluntário.

5.2 A EXCHANGE DO BEM

A empresa surgiu em abril de 2016 com o propósito de difundir a cultura do voluntariado e encontrou no turismo um meio eficaz e economicamente sustentável de se manter enquanto busca atingir o seu objetivo. No momento desta pesquisa, a empresa vinha funcionando no modelo de e-commerce desde a sua fundação, sem sede física, e atendendo clientes de todo o Brasil já tendo feito o envio de mais de 670 voluntários para projetos localizados na América Latina, Central, África e Ásia. Com a intenção de melhorar o relacionamento com os turistas voluntários, ter um papel mais ativo na preparação deles na etapa de pré-viagem/pós-viagem e ampliar seu quadro de funcionários, em 2019 ela abriu espaços físicos em São Paulo e Porto Alegre.

Os valores cobrados pela participação nos programas se referem aos custos dos operadores locais ao receber os voluntários com acomodação, transporte, alimentação, suporte local e orientação, além de cobrir os gastos administrativos da Exchange do Bem, sendo o trabalho voluntário em si, gratuito. Todos os projetos oferecidos pela agência e os parceiros com os quais ela trabalha foram visitados e inspecionados pessoalmente por membros da equipe, certificando-se de que apresentam um ambiente seguro para os voluntários e que os projetos desenvolvam atividades de impacto social relevantes para a comunidade local.

A agência é cadastrada no CADASTUR, órgão do Ministério do Turismo, responsável pelo cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no ramo do turismo. Considera-se agência de turismo, segundo o CADASTUR, a empresa que exerça as seguintes atividades:

- a) venda comissionada ou intermediação remunerada na comercialização de passagens, passeios, viagens e excursões, nas modalidades aérea, aquaviária, terrestre, ferroviária e conjugadas;
- b) assessoramento, planejamento e organização de atividades associadas à execução de viagens turísticas ou excursões;
- c) organização de programas, serviços, roteiros e itinerários de viagens, individuais ou em grupo, e intermediação remunerada na sua execução e comercialização; e
- d) organização de programas e serviços relativos a viagens educacionais ou culturais e intermediação remunerada na sua execução e comercialização.

Assim, a Exchange do Bem trabalha com duas maneiras de viagem para seus clientes:

- a) **viagens individuais:** os clientes se inscrevem em projetos intermediados pela agência em diferentes países, (Colômbia, Peru, Costa Rica, Brasil, África do Sul, Quênia, Gana, Tanzânia, Moçambique, Estados Unidos, Sri Lanka, Vietnã, Tailândia, Nepal e Índia) e viajam em datas da sua escolha ou pré-determinadas pelos projetos, contando com o apoio de empresas ou organizações locais que fornecem a orientação, acomodação, transporte e suporte local pelo período contratado. Nessa modalidade, os voluntários se encaixam na rotina do projeto, realizando as atividades conforme demanda e organização da equipe local e projeto. Enquanto estão lá, os voluntários entram em contato com a comunidade e demais turistas voluntários que escolheram o mesmo período para viajar, seja por meio da Exchange do Bem ou de outras agências/intermediários, e costumam ficar alojados em residências compartilhadas ou casas de família. Os custos dessas viagens são tabelados de acordo com o tempo de permanência no projeto e cobrem os gastos logísticos da estadia do turista voluntário e os administrativos da Exchange do Bem;
- b) **viagens em grupo:** as viagens em grupo são semelhantes as agendadas de maneira individual, podendo ocorrer nos mesmos destinos, porém contam com um período fixo e pré-determinado para o embarque e retorno, geralmente com duração entre 12 e 15 dias, contando com entre 5 e 10 participantes e sempre com um líder de grupo da empresa que acompanha a viagem. Surgem com um propósito específico oriundo de uma necessidade externada pela comunidade/organização local que solicita o apoio, tanto financeiro como de mão de obra, de voluntários para que

seja atendida (construção de um sistema de drenagem, renovação de uma escola, clínicas móveis para atendimentos médicos, etc.). O roteiro é então organizado pela Exchange do Bem, de maneira que possa atender às necessidades da comunidade local, além de aliar passeios turísticos e atividades culturais nos dias livres. Nessa modalidade, além de cobrir os gastos logísticos e administrativos, os valores cobrados dos turistas voluntários são levantados e definidos de maneira que também cubram parte ou todo custo da obra/atividade solicitada pela comunidade (nem sempre todo custo da atividade é coberto pelo pagamento dos turistas voluntários, visto que doações externas e apoio governamental podem estar envolvidos também). Devido ao planejamento demandando, a periodicidade dessas viagens também é reduzida, ocorrendo de 2 a 4 vezes ao ano.

Nas viagens individuais, a Exchange do Bem desempenha um papel de intermediador, mais como um operador comercial, oferecendo um serviço padronizado no qual turistas voluntários de diferentes perfis podem se interessar e se candidatar para participarem ao longo do ano inteiro. Já nas viagens em grupo, a empresa desempenha um papel de agente, interagindo diretamente com a solicitante (ONG ou comunidade) para que um objetivo específico seja atendido, podendo participar de forma mais ativa no recrutamento, no estabelecimento de cronogramas, projetos de obras, custos e promovendo um ambiente de troca muito mais rico e integrador para todos os atores envolvidos antes e durante a viagem.

Posto isto, as viagens em grupo demandam um nível maior de iniciativa, proatividade e conexão com outros membros do grupo, se apresentando como um ambiente mais propício para o estudo das interações e fenômenos decorrentes da participação em viagens de turismo voluntário quando comparadas com as experiências individuais. Com a intenção de buscar um maior entendimento sobre a aprendizagem transformadora e o papel que o turismo voluntário pode exercer na sua realização, foi selecionada uma viagem em grupo para a Índia como estudo de caso.

5.3 O ESTUDO DE CASO SELECIONADO

Devido ao fato de a empresa ter pouco tempo de atividade, as opções de casos para serem estudados nessa modalidade de grupo ainda são limitadas e, para o presente trabalho, o estudo será focado na viagem em grupo para a Índia, na cidade de Jaipur localizada no estado do Rajastão, que ocorreu entre os dias 27/01 e 08/02 de 2019. Conforme apontado no referencial

teórico, compreender a motivação dos turistas voluntários é fundamental para que se atinja o objetivo principal desta pesquisa e, portanto, torna-se válido que sejam levantadas as motivações pré-embarque e também os relatos pós-viagem, além da observação direta do fenômeno.

Além disso, apesar de não ser considerado um estudo de caso que faz parte da presente pesquisa, foi feita também uma análise exploratória de outra experiência realizada em Gana, em 2018, analisando-se apenas o pós-viagem, pois a interação com a comunidade dessa viagem foi maior, já decorrendo mais tempo desde da experiência vivida e pôde-se perceber uma presença mais incisiva ainda da aprendizagem transformadora nos resultados. Como não foram aplicadas as demais etapas da presente pesquisa, optou-se por colocar os resultados no apêndice C para evidenciar o potencial transformador na aprendizagem de outra experiência de turismo voluntário.

5.3.1 Viagem para a Índia – Jaipur

A organização da viagem em grupo para a Índia se iniciou com o contato de um parceiro comercial no país de destino, o qual já possui parceria com a Exchange do Bem, a pedido de uma ONG também indiana, solicitando auxílio para a reforma de um orfanato que também funciona como creche para crianças portadoras de HIV. Fundada em 2006, atualmente a instituição atende 60 crianças entre 3 e 18 anos de idade, sendo 40 meninos e 20 meninas em uma única sede, a qual ficou pequena para a quantidade de crianças. Assim, foi iniciada a construção de uma nova sede que é onde os meninos ficam e é também onde os voluntários atuaram na parte de renovação do interior do prédio como pintura, decoração e reformas leves que visaram criar um ambiente favorável para estimular o aprendizado, visto que querem poder dar aulas no local, e tornar o ambiente mais agradável para as crianças. A viagem foi organizada seguindo um roteiro (Apêndice A) para que, além do trabalho voluntário, oferecesse oportunidades para que os oito participantes, conforme quadro 7, conhecessem a região e se integrassem com a cultura local.

Quadro 7 - Participantes da viagem em grupo para a Índia

ID	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ORIGEM
VI1	Feminino	35	Empresária	São Paulo - SP
VI2	Feminino	21	Estudante	Curitiba - PR
VI3	Feminino	29	Políticas Públicas	Brasília - DF
VI4	Feminino	23	Estudante	Recife - PE

VI5	Feminino	32	Servidora Pública	Lages - SC
VI6	Feminino	47	Professora	Uberlândia - MG
VI7	Feminino	60	Aposentada	Brasília - DF
VI8	Masculino	36	Designer	Rio de Janeiro - RJ

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O grupo da viagem era formado de maneira heterogênea, considerando as idades e áreas de atuação profissional/acadêmica dos integrantes, o que contribuiu para uma análise de diferentes perspectivas dado os variados estágios de vida em que se encontravam os participantes. Com relação ao roteiro, as atividades visavam ajudar os voluntários a se ambientarem e vivenciarem o contexto em que vive a população local, além de permitir que o grupo começasse a se conhecer e criar intimidade antes da atuação no projeto. As acomodações eram compartilhadas e lá também foram realizados workshops com atividades tradicionais da cultura indiana com um ambiente propício para discussões, reflexões e compartilhamento de experiências durante as horas livres.

A chegada na Índia ocorreu em um domingo, 27 de janeiro, na cidade de Nova Déli, sendo cada participante recebido no aeroporto de acordo com o horário de chegada do seu voo e levado até a acomodação, um prédio localizado em uma rua com estrada de chão, infraestrutura básica e em um bairro de baixa renda. O contato com a cultura indiana ocorreu desde então, com as refeições do dia, conversas com a anfitriã e guia indiana que acompanharia o grupo e uma caminhada pelo bairro até um centro comercial para comprar roupas mais quentes devido ao clima extremamente frio e atípico que estava fazendo na região. Durante o trajeto, surgiam comentários sobre algumas condições precárias que se encontrava a vizinhança e o contraste proporcionado pelo centro comercial, tão moderno quanto alguns shopping centers de zonas nobres das capitais brasileiras. Algumas afinidades entre os participantes surgiram já nesse primeiro dia, seja pelas conversas ou pela mera distribuição dos quartos. No segundo dia, logo cedo pela manhã o grupo partiu com destino à Agra, onde está o Taj Mahal, uma das sétimas maravilhas do mundo moderno. Antes, no caminho para sair de Nova Déli, um tour da cidade, contextualizando como ocorreu a formação da cidade, alguns pontos turísticos, templos e marcos históricos importantes. Essa fase de ambientação e com aspecto mais turístico passa pela visita ao mausoléu até a chegada em Jaipur, no dia 29 de janeiro. O grupo já parecia ter se familiarizado tanto com alguns aspectos culturais quanto uns com os outros, visto que diversas oportunidades de interação ocorrem durante a viagem entre uma cidade e outra, feita de van, as refeições à beira da estrada e a noite em um hotel de Agra. Chegando em Jaipur, foram hospedados na sede do parceiro logístico da Exchange do Bem para os programas de turismo

voluntário na Índia. Similar à acomodação de Nova Déli, a de Jaipur contava com os quartos e áreas comuns para socialização, como cozinha e salas de estar e de reuniões, caso necessário. Foi feita uma introdução sobre trabalho voluntário, costumes locais, o que se pode e não se pode fazer, além de o que poderiam esperar de suporte durante a estadia entre outros assuntos como se fosse uma orientação geral.

No 4º dia, 30 de janeiro, logo cedo após uma oficina de yoga, café da manhã e 40 minutos de van, o grupo chegou ao projeto onde iria voluntariar. A ONG indiana é cadastrada nos órgãos responsáveis do governo e recebe auxílio dele para parte das medicações necessárias para as crianças, portadoras de HIV. Outras fontes de renda que cobrem o restante do custo com medicamentos, roupas, móveis, mão de obra, comida, eletricidade, aluguel da sede onde as meninas ficam e outros gastos do projeto são financiados por patrocinadores, sendo a maioria estrangeiros, e por meio de doações. A maior dificuldade em termos financeiros do projeto no momento é arrecadar mensalmente a verba para o aluguel da casa das meninas, que ainda é localizada na área urbana de Jaipur. O terreno para a sede dos meninos, onde o grupo de voluntários atuou, fica na área rural de Jaipur e foi doado por uma patrocinadora belga. A construção de 3 andares ainda estava na metade do previsto, com o primeiro andar finalizado, o segundo chegando na fase de pintura, mas ainda sem a parte elétrica em algumas salas e o terceiro andar ainda sendo construído. Devido às dificuldades financeiras que o projeto enfrenta e dependência de doações, não foi possível terminar a construção de todos os andares de uma única vez, por isso foram fazendo por partes.

Ao chegar, a coordenação do projeto estava esperando para fazer a recepção e se apresentar ao grupo, contando um pouco sobre o projeto e mostrando o ambiente. Logo no primeiro andar, pouco mais de um ano atrás, um outro grupo de voluntários havia feito a pintura e contou com um artista profissional para auxiliar com o trabalho, causando certa intimidação para os integrantes que viram um trabalho de alta qualidade realizado e sem querer desapontar o projeto, viram que não seria uma tarefa fácil. Os ambientes a serem renovados e pintados eram localizados no segundo andar e as obras (uma sala de aula, um saguão, corredor e uma face da fachada externa) recém haviam sido concluídos, portanto era necessário primeiro lixar todas as paredes antes de começar a pintura. Como o grupo estava em um país com cultura muito diferente da do Brasil, as ideias do que fazer eram apresentadas antes ao projeto para ver se era de interesse deles, evitando decisões unilaterais. Ocorreu uma conversa com os coordenadores do projeto e a partir daí foram se alinhando as ideias e desejos deles com as habilidades dos participantes do grupo. O horário de trabalho não era fixo, mas prosseguiu nos dias 31 de janeiro e 01 de fevereiro entre 08:30 e 14:30 com pausa para o almoço, realizado no

orfanato com comida previamente preparada na acomodação e atividades à tarde, após o término do projeto, como um workshop de hena e de dança local. Nessas atividades após o projeto, participavam juntamente do grupo os voluntários que estavam em outros projetos, vindos de outras nacionalidades e que residiam na mesma acomodação.

Os finais de semana eram livres e no dia 02 e 03 de fevereiro todos os integrantes optaram por participar de uma viagem à cidade de Pushkar, considerada sagrada e com a presença de templos das diversas religiões presentes no país. O grupo se deslocou de Jaipur com uma van fretada e contou com a orientação de um guia local durante a visita aos templos e locais importantes da cidade, podendo observar e participar de um ritual sagrado que estava ocorrendo em uma das tardes. A viagem à Pushkar, apesar de poder ser feita em um roteiro turístico tradicional, de certa maneira ainda assim permitiu ao grupo se inserir na cultural local e se integrar sobre a história, costumes e religião daquela população.

No dia 04 de fevereiro, logo cedo pela manhã, o grupo saiu de Pushkar com destino ao orfanato para dar continuidade aos trabalhos. Visto que ainda restava bastante a ser feito, após o fim do expediente durante o trajeto de retorno e na acomodação, foi feita uma reunião para estabelecer os próximos passos a fim de otimizar o trabalho e não deixar algo inacabado ou mal feito para o projeto. A revisão de metas e do plano inicial permitiu visualizar um caminho a ser seguido de forma que a finalização do trabalho ficasse, de certo modo, mais palpável e promoveu o surgimento de novas ideias e sugestões que seriam apresentadas e discutidas junto com os coordenadores do projeto no dia seguinte, assim como o acréscimo de mais de 1 hora de voluntariado, até às 15:30, mas que acabava indo um pouco além.

Em 05 de fevereiro, estimulados pela reunião no dia anterior e pela reação positiva dos coordenadores do orfanato, os trabalhos prosseguiram até o início da tarde, quando ocorreu uma visita de uma escola particular de classe mais privilegiada ao orfanato. Os alunos dessa escola haviam preparado uma série de apresentações, visando a interação com as crianças do orfanato e convidaram os participantes do grupo para assistirem e se integrarem. Dado o prazo que estava acabando para que as pinturas fossem finalizadas, alguns turistas voluntários não ficaram muito tempo e logo retornaram para suas atividades, enquanto outros preferiram ficar mais tempo e puderam aproveitar esse momento de interação para conhecer mais sobre os alunos da escola e também as crianças do orfanato. Após o término do expediente, o grupo retornou para a acomodação onde todos puderam tomar banho e descansar um pouco, antes de seguir para um jantar em uma casa de família indiana. Lá, puderam conversar e saber mais sobre tradições familiares e a cultura local, assim como conhecer diferentes pratos da culinária indiana e, mediante o diálogo, perceber de maneira mais direta os desafios presentes no dia-a-dia deles.

O dia 06 de fevereiro acabou sendo o último dia de trabalho, com a conclusão das pinturas e alguns ajustes solicitados pelos coordenadores do projeto, o término dentro do prazo trouxe um grande alívio e sentimento de dever cumprido aos integrantes. A satisfação de ter feito um bom trabalho também ficou presente ao ver o reconhecimento dado tanto pelas crianças, que sempre se aproximavam para conferir o andamento, quanto pelos coordenadores que demonstravam estar felizes com a arte finalizada. No dia seguinte, 07 de fevereiro, a manhã foi utilizada para realizar a limpeza e organização dos materiais, cujos excedentes ficariam de doação para o projeto (tintas, pincéis, moldes, lixas, etc.) e à tarde ocorreu um evento de integração entre todas as crianças do orfanato e o grupo. Depois, foi feita uma despedida e o grupo retornou à acomodação para descansar antes do retorno à Nova Délhi e Brasil.

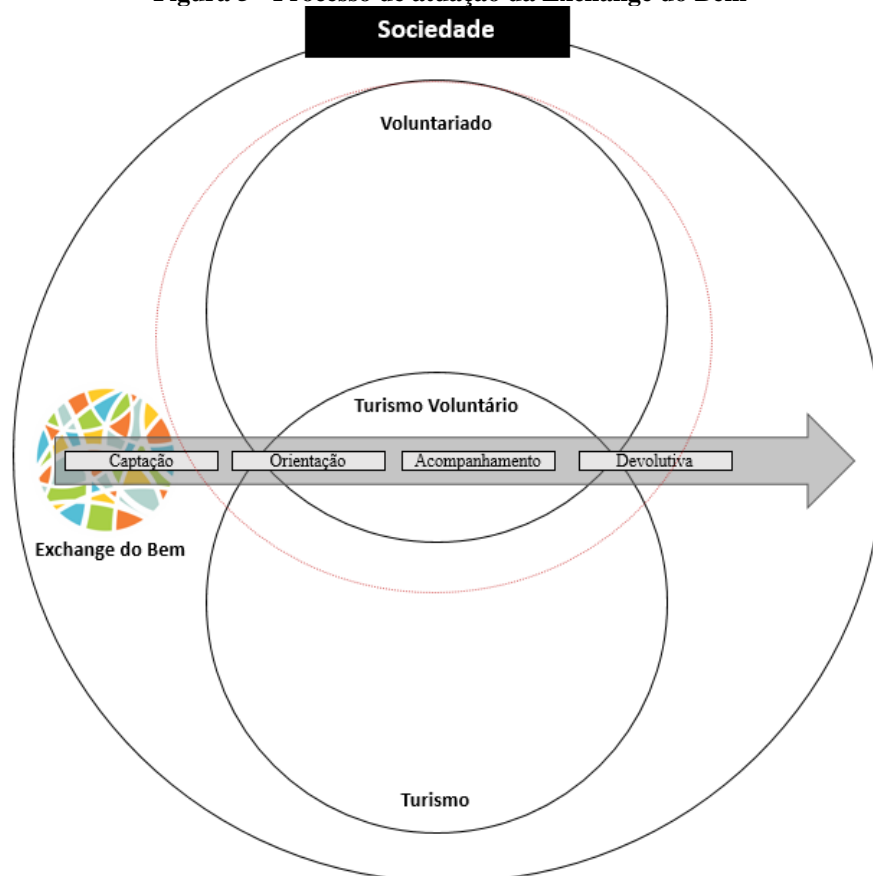
5.4 COLETA DE DADOS

Segundo Wearing e McGehee (2013), a literatura sobre turismo voluntário já está na fase da plataforma científica, tendo passado pelas fases anteriores de *advocacy*, *cautionary* e *adaptancy* (JAFARI, 2001). Na fase atual, devem ser utilizados métodos estruturados interdisciplinares, transnacionais e abordagens *mixed methods* para examinar o fenômeno de uma maneira mais sistemática e lógica, portanto sendo válido incluir desde estudos de casos qualitativos até análises macro-quantitativas de dados para que seja possível obter um entendimento mais profundo e amplo sobre esse tema. Apesar de a Aprendizagem Transformadora já ter sido vastamente utilizada no meio acadêmico para diversas áreas de estudo, o turismo voluntário ainda é um fenômeno recente e pouco abordado em pesquisas, portanto torna-se pertinente detalhar as etapas que levarão até a coleta de dados e posterior análise deles neste trabalho.

Na figura 5, ilustra-se de forma resumida o processo pelo qual a Exchange do Bem atua, inserida em um contexto em que se enxerga como parte da sociedade, da qual capta interessados para atuar, por meio do turismo voluntário, em projetos cadastrados ao redor do mundo. Essa captação ocorre com interessados por voluntariado, por turismo em geral, por indivíduos que tiveram contato com campanhas da Exchange do Bem ou com ex-voluntários que acabam divulgando de alguma maneira a sua experiência e tomaram conhecimento sobre os serviços da empresa. Após a captação do cliente, cujas habilidades e conhecimentos devem estar alinhadas com as necessidades do projeto, são passadas as orientações para a viagem para que o turista voluntário possa realizar o voluntariado de maneira correta, indo então para a fase de acompanhamento onde a Exchange do Bem mantém contato constante com a instituição local

e o turista voluntário por meio de aplicativos online, telefone e e-mails. Ao fim da viagem, é feita uma avaliação da experiência, o turista voluntário é questionado sobre os prós e contras da viagem e atuação no projeto, como ele percebe sua contribuição para a comunidade e sugestões para os próximos voluntários darem continuidade ao trabalho realizado. A ideia é que com experiências de turismo voluntário organizadas, feitas de maneira correta e com resultados positivos, impactantes e transformadores, ao retornarem para sociedade de origem, esses turistas voluntários atuem como embaixadores do voluntariado, para que se difunda e ocorra o crescimento das práticas de voluntariado (representado pela linha tracejada vermelha) na sociedade.

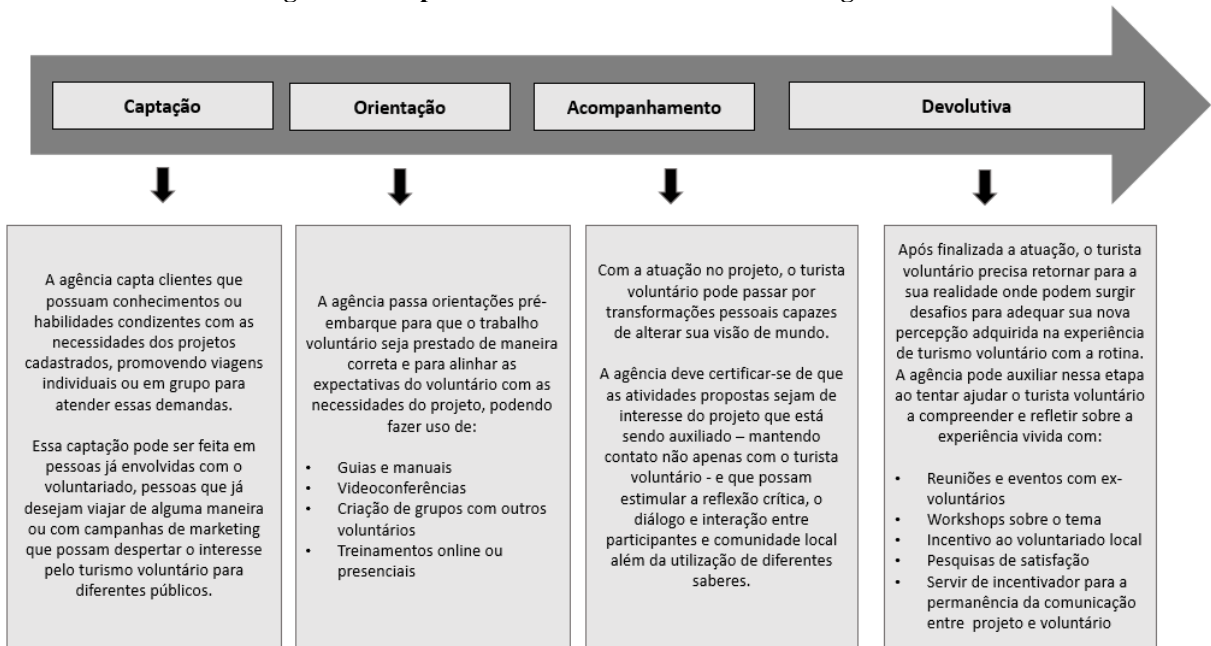
Figura 5 - Processo de atuação da Exchange do Bem



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Ilustrado o processo desde a captação do cliente até a finalização da viagem, podemos focar em cada etapa desse processo conforme figura 6 para continuar explicando o raciocínio utilizado para realizar a análise de dados.

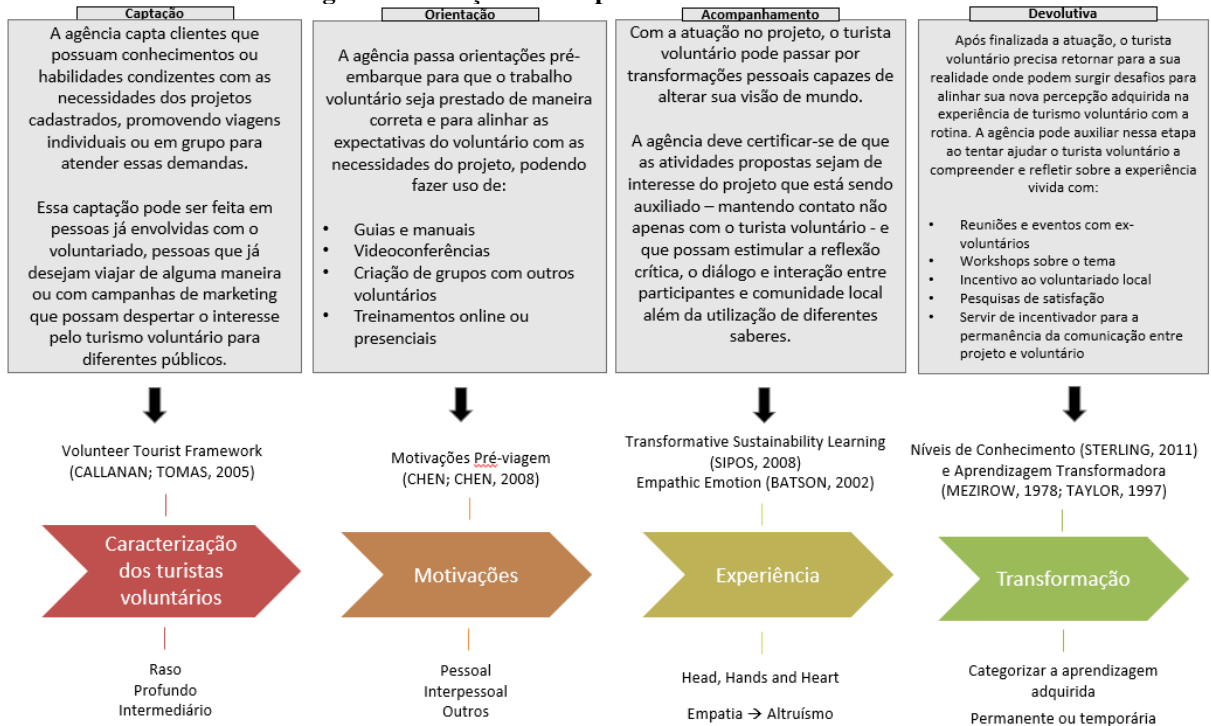
Figura 6 - Etapas do turismo voluntário na Exchange do Bem



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Detalhadas as etapas, buscou-se o embasamento teórico para poder estudar o fenômeno do turismo voluntário de maneira coerente com cada uma delas dentro do contexto da Aprendizagem Transformadora, conforme figura 7.

Figura 7 - Relação das etapas com o referencial teórico



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Pode-se argumentar que nem todas agências de turismo voluntário operam dessa maneira, porém no Brasil, a Exchange do Bem é uma de duas conhecidas empresas dedicadas exclusivamente ao turismo voluntário, portanto o seu modelo de atuação é de certa relevância para o tema.

Definido o referencial teórico, a coleta de dados foi estruturada conforme o quadro 8.

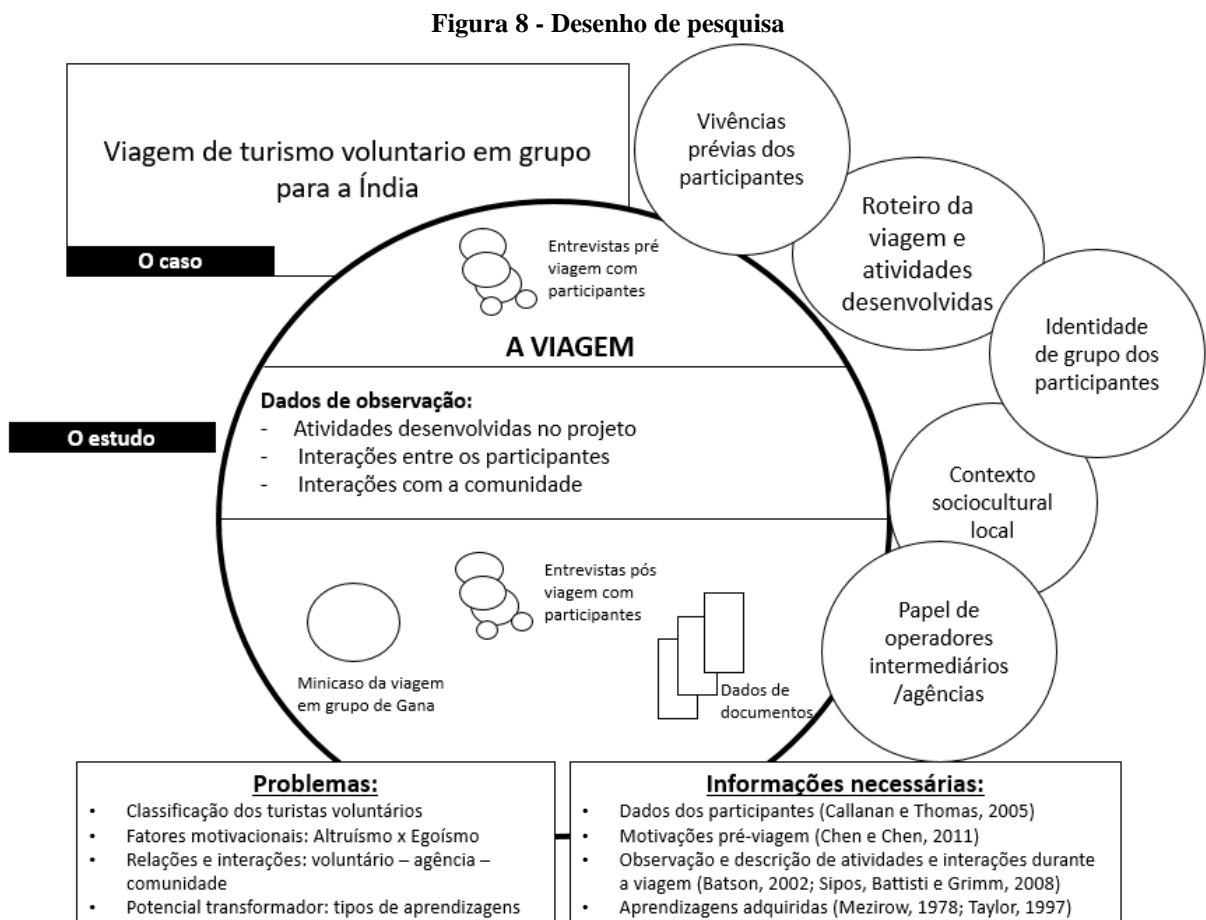
Quadro 8 - Etapas da coleta de dados

Objetivos	Descrição/ Categorização	Autores	Etapa	Instrumento	Alvo
1. Caracterização	Raso, Intermediário, Profundo	Callanan & Thomas (2005)	Captação	Formulário de Inscrição e entrevistas	Grupo Índia
<p>Detalhamento: Permite o levantamento de habilidades e qualificações de cada voluntário e de outras características pertinentes ao turismo voluntário de acordo com Framework de Callanan e Thomas (2005) classificando-os como Rasos, Intermediários e Profundos.</p>					
2. Motivações	Pessoal, Interpessoal, Outros	Chen & Chen (2011) Callanan &	Orientação	Entrevistas	Grupo Índia
<p>Detalhamento: As entrevistas pré viagem serão feitas com o grupo de turistas voluntários da Índia e focarão nas motivações, com intenção de categorizar as respostas dentro do framework motivacional de Chen e Chen (2011) separando-as em Pessoal e Interpessoal, relacionando-as com as classificações da etapa anterior.</p>					
3. Experiência	Observar atividades realizadas durante o programa	Sipos, Battisti e Grimm (2008) Batson (2002)	Acompanhamento	Observação, entrevistas e relatos	Grupo Índia
<p>Detalhamento: Relacionar as atividades realizadas durante a viagem no orfanato indiano com o framework de Sipos, Battisti e Grimm (2008), verificando se estão presentes as combinações de <i>Head</i>, <i>Hands</i> e <i>Heart</i> para que a experiência potencialize uma possível Aprendizagem Transformadora. Verificar, por meio de relatos, conversas informais e entrevista pós viagem, em quais voluntários ocorre a emergência do sentimento de empatia já que, conforme Batson (2002), ele favorece a ocorrência de atitudes verdadeiramente altruístas, que por sua vez evidenciam um olhar voltado para fora de si em direção ao outro – algo que é determinante para a ocorrência da AT.</p>					
4. Transformação	Aprendizagem de 1ª, 2ª ou 3ª ordem	Sterling (2011) Mezirow (1978) Taylor (1997)	Devolutiva	Entrevistas	Grupo Índia
<p>Detalhamento: Entrevistas pós viagem com o grupo da Índia para identificar possíveis aprendizagens com a experiência de turismo voluntário. Os estudos de Mezirow (1978) e Taylor (1997) servirão como base para analisarmos as respostas das entrevistas enquanto os Níveis de Conhecimento de Sterling (2011) fornecerão um norte para identificarmos o tipo de aprendizagem pelo qual os participantes passaram.</p>					

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Para atingir os objetivos propostos de maneira satisfatória, nota-se que cada um dos passos busca esclarecer um dos objetivos específicos da presente pesquisa, conforme capítulo 2, enquanto a análise do conjunto de dados coletados permitirá o esclarecimento do objetivo geral. Sendo assim, a coleta de dados ocorreu por meio de análise de documentos, realização de entrevistas e observações.

Antes de dar início à coleta é importante ter um desenho da pesquisa, conforme figura 8:



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Pode-se observar o delineamento do caso, a viagem em grupo para a Índia, os procedimentos do estudo no círculo maior, os contextos envolvidos no estudo nos círculos à direita e nos quadros abaixo a definição dos problemas e as informações necessárias que devem ser obtidas e analisadas. Referente aos contextos do estudo, eles se tornam importantes ao passo que a pesquisa qualitativa envolve interpretar o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, portanto é um processo de criar significados e significados são sempre considerados dentro de contextos (MERRIAM, 2009).

Conforme Taylor (1997), para a AT é essencial entender o contexto em que o aprendiz está inserido, portanto além da viagem de turismo voluntário, as vivências prévias dos integrantes do grupo podem oferecer insights e informações que venham a se tornar relevante ao longo da análise de dados. No segundo círculo, o roteiro da viagem e as atividades desenvolvidas devem proporcionar o engajamento de diferentes saberes dos participantes ao atuarem no projeto e a troca cultural além de promover condições favoráveis para a criação de uma identidade de grupo entre os participantes, ligando assim com o terceiro círculo, para que ocorram discussões, troca de opiniões e visões de mundo, estímulo à reflexão crítica e criação de soluções que sejam efetivas para solucionar problemas dentro do contexto sociocultural local do projeto, etapa que pode ser fortemente influenciada pela ação da agência que faz a ligação dos voluntários com o projeto.

Para a documentação, foram analisados os materiais informativos utilizados pela agência para preparar os voluntários para a viagem, os formulários de inscrição preenchidos pelos voluntários, as pesquisas de satisfação preenchidas após o retorno da viagem, materiais fornecidos pelas ONGs, folders, notícias sobre a empresa publicadas na mídia e outras fontes que se apresentem relevantes. Yin (2001, p. 109) considera que “o uso mais importante de documentos é corroborar e valorizar as evidências oriundas de outras fontes”.

A observação foi realizada de forma ativa, por meio da observação participante, durante a participação do autor na viagem para a Índia junto ao grupo. A observação participante consiste na participação real do observador na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada não apenas para se aproximar dos outros participantes, mas para tentar aprender algo com a experiência que eles têm descrita no papel (STAKE, 2016). Segundo Merriam (2009), por vezes, ser membro de um grupo pode ser a única maneira de se obter acesso a informações confiáveis. Para Yin (2001, p. 115) “As provas observacionais são, em geral, úteis para fornecer informações adicionais sobre o tópico que está sendo estudado”.

Referente às entrevistas, Yin (2001, p. 112) as considera como “uma das mais importantes fontes de informações para um estudo de caso” enquanto Stake (1995) aponta que os principais motivos para o uso de estudos de caso são para obter descrições e interpretações de outros, já que o mesmo caso não é visto da mesma maneira por todos, portanto a entrevista é o principal caminho para múltiplas realidades. As entrevistas foram feitas entre outubro de 2018 (pré-viagem) e abril de 2019 (pós viagem), online por meio de aplicativos como Skype, com base em um roteiro semiestruturado (Apêndice D) com os participantes da viagem para a Índia. As perguntas foram do tipo abertas, permitindo o aprofundamento das questões e dando flexibilidade para se adequar aos diferentes momentos da entrevista. Para tal, as entrevistas

foram gravadas (com as devidas autorizações dos participantes), sendo posteriormente transcritas pelo pesquisador com durações conforme o quadro 9.

Quadro 9 - Característica das Entrevistas

Entrevistado	Duração da Entrevista		Tipo de Entrevista
	Pré-viagem	Pós-viagem	
VI1	47'	22'	Skype
VI2	27'	22'	Skype
VI3	26'	23'	Skype
VI4	34'	26'	Skype
VI5	38'	15'	Skype
VI6	69'	20'	Skype
VI7	61'	28'	Skype
VI8	67'	21'	Skype

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O método online de entrevistas se apresentou como uma maneira prática e de fácil acesso para os participantes e o pesquisador, porém por não precisar estarem no mesmo ambiente físico, a praticidade acaba por atrapalhar no sentido de que as entrevistas poderiam ser feitas em qualquer momento, incluindo intervalos de trabalho, horário de almoço ou entre uma atividade e outra em que os participantes estivessem envolvidos. Em alguns casos isso resultava em interrupções durante algumas entrevistas.

5.5 ANÁLISE DE DADOS

Na pesquisa qualitativa a análise de dados se diferencia da visão de pesquisa positivista onde todos os dados são primeiramente coletados e depois analisados separadamente em outra etapa. No estudo qualitativo, o pesquisador se depara com a necessidade de iniciar a análise já durante o período de coleta dos dados – é um estudo emergente, não se sabe todas as questões que serão perguntadas, se uma nova entrevista poderá ser feita ou para onde olhar em seguida sem analisar os dados sendo coletados, portanto palpites, opiniões fundamentadas e intuição também fazem parte desse processo recursivo e dinâmico tornando a análise mais intensa quando terminada a coleta (MERRIAM, 2009).

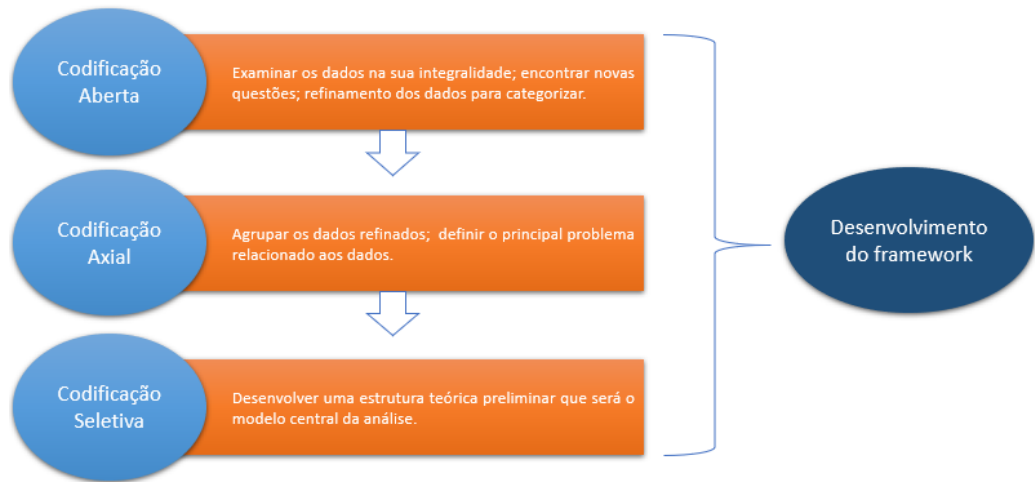
O processo de análise é fazer sentido do que foi coletado, consolidando, reduzindo e interpretando o que é dito pelos entrevistados, o que foi visto e ouvido pelo pesquisador. É um

processo complexo que envolve desde pequenos pedaços de dados até conceitos abstratos (MERRIAM, 2009).

Para a presente pesquisa, a *Grounded Theory* se apresentou como uma abordagem metodológica interessante ao passo que busca a construção indutiva de uma teoria assentada nos dados, por meio da análise qualitativa destes e que, agregada ou relacionada a outras teorias, poderá acrescentar ou trazer novos conhecimentos à área do fenômeno estudado (CASSIANI et al., 1996). Outro ponto que contribui para a escolha da *Grounded Theory* é apontado por Bandeira de Melo e Cunha (2006), que a destacam como uma abordagem influenciada pelo interacionismo simbólico, onde indivíduos ajem e reagem em função do significado atribuído às definições sociais coletivas, formadas por meio do processo de socialização. A sociedade é concebida como um processo, os indivíduos estão estreitamente inter-relacionados e o comportamento humano possui um aspecto subjetivo como uma parte necessária do processo de formação e dinâmica do grupo social. Isso permite caracterizar a *Grounded Theory* como uma metodologia interpretativista de pesquisa que busca compreender a realidade a partir dos significados atribuídos pelos indivíduos as suas experiências. Ela é um método de análise de dados que é fortemente dependente de contextos, permitindo a compreensão de determinadas situações. Assim, a teoria é descoberta, desenvolvida e verificada por meio da coleta e análise de dados referentes ao fenômeno propriamente ditos (STRAUSS; CORBIN, 1990).

A codificação dos dados coletados ocorreu segundo etapas propostas por Flick (2009), de Codificação Aberta, Axial e Seletiva, que visam expressar dados e fenômenos na forma de conceitos. Na Codificação Aberta os dados foram primeiramente desmembrados e segmentados, criando-se unidades de significado (palavras avulsas ou pequenas sequências de palavras) para alocar a elas códigos dando início a um processo de categorização. Durante as outras etapas de codificação como Axial e Seletiva essas para refinar as categorias inicialmente encontradas em documentos, observações, conversas e entrevistas sendo mais proeminentemente exploradas nos tópicos específicos de análise. Para melhor compreensão do processo, a figura 9 ilustra as diferentes etapas envolvidas:

Figura 9 – Etapas de Codificação



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Tal procedimento foi realizado em duas etapas dada a abrangência de conceitos que foram mencionados pelos entrevistados e a especificidade dos mesmos nos estudos dos autores utilizados como base teórica de análise dos resultados:

- a) durante a etapa de caracterização do turista voluntário, conforme quadro 10;

Quadro 10 - Categorias de codificação - tipos de turistas voluntários

Codificação Aberta	Codificação Axial	Codificação Seletiva
1. Buscar experiências pensando no destino; interesse maior em conhecer determinado país do que participar das atividades do projeto; não participaria da viagem se fosse para outro destino; mais interesse no turismo do que no voluntariado.		
2. Atividades de pouco impacto direto, sem interesse pela realidade do projeto social; trabalho e execução sem interação com o projeto social.	1. Destino	
3. Sem qualificação ou experiência que possa ser relacionada com as atividades desenvolvidas no projeto social	2. Contribuição Comunitária	
4. Passividade; sem sugestões de melhorias; pouca interação com o projeto social; falta identificação dos desafios e problemas.	3. Qualificações	Turista voluntário raso
5. Não ficaria por mais tempo; experiência sem intensidade.	4. Participação	
	5. Duração	

Identificação de características que ora são presentes no turista voluntário profundo, ora são presentes no turista voluntário raso; ou que estejam em um nível intermediário entre as duas categorias.		Turista voluntário intermediário
<ol style="list-style-type: none"> 1. Buscar experiências pensando no projeto; interesse maior em ajudar do que viajar para um local específico; participaria da viagem mesmo que para outro destino; identificação com a causa do projeto social. 2. Atividades com impacto explícito; conhecimento sobre o projeto social; envolve o projeto social no processo decisório. 3. Habilidade com pintura/desenhos conhecimento ou experiência com reformas, voluntariado, crianças, métodos pedagógicos, área da saúde, recreação. 4. Proatividade, interação com o projeto/comunidade; identificação e resolução de problemas; propor alternativas; criatividade. 5. Experiência intensa; ficaria por mais tempo. 		Turista voluntário profundo

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

b) durante a etapa de levantamento das motivações, conforme quadro 11

Quadro 11 - Categorias de codificação - motivações

Codificação Aberta	Codificação Axial	Codificação Seletiva
<ol style="list-style-type: none"> 1. Satisfação de desejos pessoais; compras; culinária; conhecer um par; imediatismo.; ir para um lugar específico; vontade de viajar; sonho de conhecer tal lugar; férias; descanso; fuga/escape; sair da rotina. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Busca pelo prazer, viajar, relaxar 	
<ol style="list-style-type: none"> 2. Foco no “eu”; melhorar como pessoa; autoconhecimento; evolução; currículo; profissão; trabalho; vantagem profissional; carreira. 	<ol style="list-style-type: none"> 2. Crescimento Pessoal/ Crescimento Profissional 3. Aventura, desafios, estimulação 	Pessoal
<ol style="list-style-type: none"> 3. Sair da rotina; adrenalina; acordar para a vida; difícil; desconhecido; medos; limites. 		

<ol style="list-style-type: none"> 1. Ajudar; doar; altruísmo; preservação; retribuir; foco no “outro”. 2. Novas visões; interação com lugares/realidades diferentes; interações profundas; entendimento mútuo. 3. Relações; conhecer pessoas; formar um grupo; rede de contato; laços. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Cuidado com o próximo, deixar um legado, dar algo em troca 2. Imersão cultural 3. Amizades 	Interpessoal
--	---	--------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

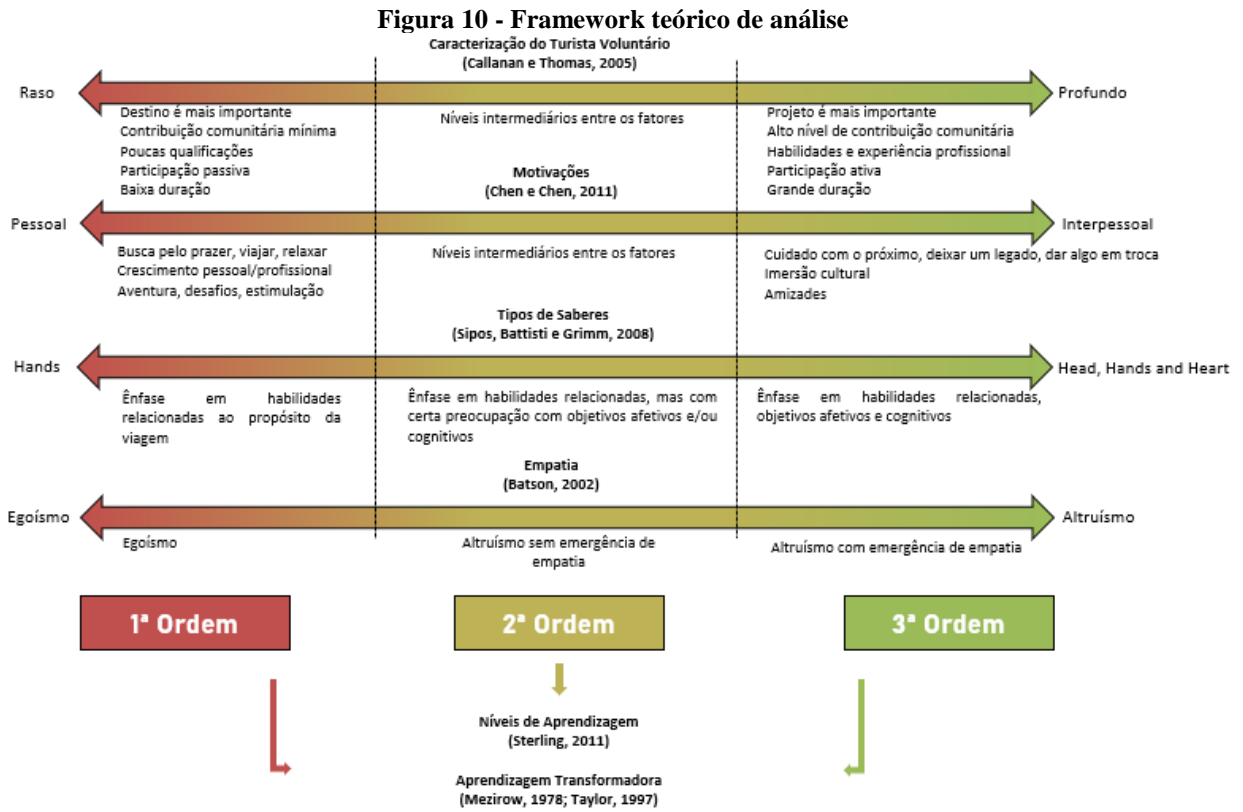
Além disso, para que haja êxito no esforço de codificação algumas técnicas podem ser seguidas. A primeira delas é o recorte, que pode ser uma frase, uma palavra isolada, palavras em conjunto, que indiquem uma relevância para a análise. Por meio do recorte é que são selecionadas as unidades de registro e as unidades de contexto. Para as três etapas de codificação, também é sugerido que o pesquisador regularmente faça algumas perguntas básicas direcionadas ao texto (FLICK, 2009):

1. *O que?* – Qual é o problema aqui, qual fenômeno é mencionado?
2. *Quem?* – Quais pessoas, atores estão envolvidos? Qual papel eles têm e como interagem?
3. *Como?* – Quais aspectos do fenômeno são mencionados ou não mencionados?
4. *Quando? Por quanto tempo? Onde?* – Tempo, percurso e local.
5. *Quanto? Quão intenso?* – Aspectos de intensidade
6. *Porque?* – Quais razões são dadas ou podem ser reconstruídas?
7. *Para que?* – Com quais intenções, por qual motivo?
8. *Pelo qual?* – Meios, táticas e estratégias para se atingir o objetivo.

Ao fazermos essas perguntas, o texto tende a se abrir e facilitar a categorização. Tais perguntas podem ser utilizadas para pequenas passagens ou para o caso inteiro. Além dessas questões, comparações entre os extremos de conceitos são maneiras possíveis de desmembrar mais ainda as dimensões e conteúdo de uma categoria.

O processo de codificação fortaleceu a relação entre os conceitos teóricos apresentados ao longo do trabalho e os relatos dados pelos entrevistados. Assim, a constante análise das teorias estudadas, da prática observada e dos dados coletados permitiram que fossem

identificadas compatibilidades que culminaram na criação de um *framework* teórico (Figura 10) capaz de avaliar não apenas o estudo de caso escolhido, mas aplicável a diferentes experiências de turismo voluntário, conforme apresentado no final do capítulo 4.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Seguindo esses procedimentos, os resultados da presente pesquisa são apontados no capítulo a seguir.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A categorização para a análise dos resultados exige, além do embasamento teórico, o processo de inferência por parte do pesquisador, levando em consideração o contexto e peculiaridades dessa viagem de turismo voluntário em grupo para a Índia. Os achados se devem a inúmeros fatores como momento de vida, pessoal e profissional, dos participantes, situação do projeto social auxiliado, constituição heterogênea do grupo, duração da viagem, roteiro elaborado e outras variáveis. Retratam a realidade e o resultados obtidos para essa experiência em específico, porém podem ser aplicados de maneira geral para o fenômeno de turismo voluntário como um todo, pois compartilham diversos elementos presentes em outras experiências – mesmo que com diferenças quanto a duração, objetivos e participantes etc.

Os respondentes que estão mais relacionados com aspectos do turista voluntário profundo, tendem a ter motivações interpessoais para a viagem, com emoções empáticas presentes durante a interação com o projeto social, fazendo uso de diferentes tipos de saberes e a soma desses elementos favoreceria a ocorrência de aprendizagens mais profundas. Prosseguindo com a análise, serão apresentadas a caracterização dos integrantes do estudo de caso (CALLANAN; THOMAS, 2005), suas motivações para buscarem o turismo voluntário (CHEN; CHEN, 2011), os tipos de saberes que foram utilizados durante a experiência e a emergência ou não do sentimento de empatia (SIPOS; BATTISTI; GRIMM, 2008; BATSON, 2002) e as mudanças que ocorreram frente às aprendizagens adquiridas (MEZIRROW, 1978; TAYLOR, 1997, STERLING, 2011). Dessa maneira, veremos se os achados estão em consonância com a hipótese proposta.

6.1 Perfil do turista voluntário

A classificação dos participantes da viagem para a Índia é o ponto inicial para dar prosseguimento às demais etapas da análise de dados, visto que dá o embasamento para verificar a coerência dos achados nas etapas posteriores. Estando os voluntários classificados de maneira mais fiel possível, é esperado encontrar maior coerência no conjunto de análises das etapas posteriores.

6.1.1 Perfil do turista voluntário

Os turistas voluntários rasos são caracterizados por valorizarem mais o aspecto turístico, o destino e o ganho pessoal da experiência, permanecendo no projeto social por um curto período de tempo, sem qualificações significativas relativas à atividade desenvolvida e, portanto, pode ser definido mais como o turista tradicional que visita um local alternativo. Os turistas voluntários profundos seriam o oposto, possuindo habilidades ou qualificações que possam ser úteis no projeto, priorizando-o ao invés do destino, com tendência de permanecer por longos períodos ou curtos períodos em atividades e envolvimento mais intensos, que proporcionariam uma contribuição clara e direta para a comunidade/projeto. No meio desses dois estaria o turista voluntário intermediário que possui características dos dois extremos, podendo, por exemplo, ficar um tempo razoável no projeto, mas garantindo de que tenha um tempo de lazer e férias também e/ou uma mistura de motivações pessoais e interpessoais (CALLANAN; THOMAS, 2005).

Dentre os entrevistados que atuaram na viagem da Índia, um foi classificado como voluntário raso (VI5), quatro como intermediários (VI1, VI3, VI6 e VI7) e três como profundos (VI2, VI4 e VI8). Na figura 11, cada um deles é alocado em um nível da tabela de acordo com os 5 critérios analisados.

Figura 11 - Caracterização do Turista Voluntário

Raso	Intermediário	Profundo
Destino é mais importante VI5	VI1, VI3, VI6, VI7	Projeto é mais importante VI2, VI4, VI8
Contribuição comunitária mínima Todos	-	Alto nível de contribuição comunitária -
Poucas qualificações -	VI1, VI3, VI5, VI6	Habilidades e experiência profissional VI2, VI4, VI7, VI8
Participação passiva -	-	Participação ativa VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
Baixa duração VI5, VI7	VI1, VI3, VI4, VI6, VI8	Grande duração VI2

Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Assim, no quadro 12, por meio da combinação dessas classificações, define-se o resultado alocando-os em raso, intermediário ou profundo:

Quadro 12 - Tipos de turistas voluntários - grupo Índia

Raso	Intermediário	Profundo
VI5	VI1, VI3, VI6, VI7	VI2, VI4, VI8

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

6.1.1.1 Destino ou projeto

Classificada como raso, ao ser questionada se o país foi determinante para a escolha de participar da viagem, VI5 foi categórica em afirmar que sim “Na verdade, antes de procurar o voluntariado, eu já estava procurando algo na Índia. Foi um fator decisivo (VI5)”. Indagada se deveríamos dar mais atenção ao destino ou ao projeto social na hora de organizarmos viagens em grupo, frisou a importância de equilibrar entre o lado econômico, olhando pela perspectiva da empresa, e o social citando como exemplo uma viagem que estava planejada para o Peru:

Acho que dá para unir as duas coisas. Eu acho que a Índia é um país que tem bastante coisas para fazer, mas eu acho que o turismo ajuda bastante a chamar. Por exemplo, eu não me interessei muito pelo Peru. Na viagem não me chamou. Zero. Não vou (VI5).

A viagem para o Peru era uma que foi organizada pela demanda da uma construção de uma creche para as crianças de um vilarejo remoto de Achambi, na região de Arequipa. A comunidade local buscou contato com o governo para solicitar a inclusão do vilarejo em um programa de educação onde um morador receberia auxílio financeiro para se tornar cuidador das crianças e eles passariam a receber a visita e acompanhamento de um professor itinerante com periodicidade quinzenal para ajudar na educação delas. Em paralelo, a comunidade entrou em contato com uma ONG para ver a possibilidade de arrecadação de materiais e verba para a construção das instalações de onde funcionaria a creche, e a ONG, por sua vez entrou em contato conosco para obter o auxílio de voluntários que atuariam em algumas etapas do processo de construção, além de contribuírem com os custos de compra de material e contratação de mão de obra. O impacto social e o envolvimento com a comunidade local para essa viagem foram maiores e mais alinhados com as características do turista voluntário profundo, do que a da Índia, porém não foram motivos fortes o suficiente para que despertasse um interesse maior em participar, reforçando a maior importância dada ao destino do que ao projeto.

Dos classificados como intermediários nesse fator, surge em determinados momentos da fala durante a entrevista, ora uma maior importância dada ao projeto, ora ao destino. VI1, ao ser questionada se deveríamos priorizar as necessidades dos projetos ou a escolha do destino na

hora de criarmos as viagens em grupo, comenta: “Na necessidade dos projetos. Afinal, a gente está fazendo um trabalho voluntário. A gente não está fazendo turismo. Se você se preocupar mais com o país que você vai, você vai passear, não vai fazer trabalho voluntário (VI1)”.

Porém, em outro bloco de questões sobre as motivações da sua escolha, disse que a Índia foi determinante para que fizesse a inscrição para essa viagem: “Mas quando eu vi a Índia, a gente sente uma energia diferente. Eu sempre quis ir para a Índia para vivenciar essa parte, também, espiritual. O que determinou mesmo eu escolher essa viagem em específico foi ser na Índia (VI1)”.

Já VI3 relata que o voluntariado aliado a um destino interessante se torna uma opção atrativa de viagem, mostrando interesse tanto no destino quanto no projeto:

Eu estava em ir ou para a Índia ou para o Nepal com vocês e aí quando surgiu a oportunidade da viagem em grupo, achei superinteressante casar o voluntariado com um país que eu já tinha interesse e com uma viagem que era um pouco diferente da de Gana (VI3).

Similarmente, VI6 achou “a programação muito rica porque a gente vai fazer atividades culturais, turísticas bem legais [...] e eu gostei muito do projeto, ficou bem equilibrado o foco de trabalho e de passeio”. VI7 disse que já conhecia muitos lugares, mas que a Índia seria uma novidade e por ser budista (religião originada no país), teve grande interesse em conhecer, porém também já havia se organizado para participar de outros projetos em diferentes destinos conosco, então não seria um fator de maior importância sobre o projeto.

Os classificados como voluntários profundos (VI2, VI4 e VI8), questionados se aceitariam participar da atuação nesse orfanato, mesmo que fosse em outro país, responderam com “Claro! Sem dúvida nenhuma. Já fui para tantos outros com vocês, por mim conheceria todos. (VI2)” e veem como prioridade a escolha do projeto antes do destino. “A necessidade (do projeto) vem em primeiro lugar, eu prefiro priorizar essa parte (VI8)”. Segundo VI4: “As pessoas são mais importantes. Foi tudo mais importante do que o destino. O destino foi só um detalhe que, com certeza, acrescentou muito, como pessoa, diferentes culturas, mas o que importa mesmo é o projeto (VI4)”.

Essa priorização do projeto frente ao destino pode indicar uma visão direcionada para o “outro”, onde coloca-se a necessidade do projeto antes da vontade de viajar para um local específico, satisfazendo vontades próprias.

6.1.1.2 Contribuição mínima ou de alto nível

Com relação à contribuição comunitária e a duração da viagem, todos os voluntários do grupo da Índia estavam envolvidos com as mesmas atividades, a reforma, renovação e pintura do orfanato e seguiriam o mesmo cronograma, portanto são variáveis comuns ao grupo todo. De fato, algum voluntário poderia ter se destacado e ido além do que estava previsto em termos de contribuição, porém o cronograma apertado não permitiu aberturas para isso na visão do pesquisador que estava acompanhando e participando da viagem.

Assim, com relação à contribuição, todos foram classificados como voluntários rasos, oferecendo uma contribuição direta mínima para a comunidade/projeto local. A explicação para essa classificação perpassa, de certa maneira, pelos três stakeholders envolvidos no turismo voluntário: a agência intermediadora (Exchange do Bem), a ONG local (orfanato indiano) e os turistas voluntários.

A Exchange do Bem, ao optar por incluir nessa viagem aspectos mais turísticos, como visita ao Taj Mahal, pernoite no deserto de Pushkar e passeio em Delhi (sendo que o projeto é localizado em Jaipur) ocupou uma quantidade de tempo com atividades secundárias que em determinados momentos resultaram em longos períodos de deslocamento e também de desgaste físico para os participantes. A elaboração do programa foi feita com a intenção de equilibrar o turismo com as atividades sociais, fato esse que foi explicado aos interessados desde o momento da inscrição, mas é importante ressaltar, pois mostra que as agências intermediadoras têm papel determinante ao avaliarmos questões de impacto social no turismo voluntário.

A coordenação do orfanato indiano também influenciou nessa classificação, ao passo que, nas etapas de organização da viagem, antes da Exchange do Bem fazer a comercialização com abertura das inscrições, por troca de e-mails, definiu a necessidade do projeto como prioritária na parte de renovação e pintura de uma sala de aula e da parte externa do 2º andar do prédio. É um trabalho que demanda bastante esforço físico, tempo e que seja feito por pessoas com habilidades específicas para que fique algo bem feito. Porém, a contribuição direta se restringe às crianças do orfanato que terão um ambiente mais agradável, convidativo e bonito para estudar. No entanto, após conversar pessoalmente com a coordenação do projeto durante a viagem e perguntar quais outros problemas eles enfrentam, foram destacados: falta de medicação e atendimento médico qualificado, apoio psicológico, instalações elétricas, renovação do website da ONG, verba para o pagamento do aluguel da sede das meninas, divulgação do projeto, roupas, workshops com as crianças ou staff do projeto, móveis e eletrodomésticos e apoio às atividades de artesanato. Haveria, portanto, a possibilidade de desenvolver outras atividades que talvez ajudassem o projeto de maneira mais significativa e

impactante. A pintura dos ambientes traz benefícios às crianças do orfanato, porém é um problema pequeno frente à magnitude dos outros problemas que a ONG enfrenta.

Já os turistas voluntários, apesar de não terem uma responsabilidade direta pela classificação como mínima, pois estão sujeitos ao programa criado pela agência e ONG, impõem indiretamente à agência intermediadora uma necessidade de desenvolver programas que se encaixem dentro de períodos mais curtos, seja pelo tempo de férias, pela família, trabalho, estudos, ou outras limitações, resultando em viagens de curta duração às quais tentam ser compensadas por atividades e envolvimento de grande intensidade. Apesar do grupo ter superado expectativas, tanto próprias quanto da ONG, no trabalho finalizado, o impacto direto causado não poderia ser considerado como o esperado de turistas voluntários intermediários ou profundos.

6.1.1.3 Qualificações e experiências

Os integrantes do grupo possuíam habilidades/experiências diretamente úteis para a realização das tarefas propostas no roteiro da viagem (pintura, reforma, desenho), entrando na classificação de turista voluntário profundo, ou indiretamente relacionadas ao propósito da viagem, mas que poderiam ter sido úteis em outros momentos durante o dia-a-dia no projeto de maneira que trouxessem algum benefício para a ONG como conhecimentos em nutrição, educação, saúde, culinária, esportes, etc. entrando na classificação de turista voluntário intermediário, que oferecem habilidades genéricas (CALLANAN; THOMAS, 2005).

Pelas entrevistas e observações realizadas durante a viagem, nenhum foi classificado como raso nesse quesito, porém é importante ressaltar que as habilidades/experiências genéricas não foram de muito uso devido ao curto tempo disponível para concluir a atividade principal de reforma, renovação e pintura do espaço. Os voluntários, no entanto, possuíam as qualificações e elas não foram utilizadas por fatores fora do controle deles, portanto foram consideradas na classificação.

Naqueles classificados como intermediários estão VI1, VI3, VI5 e VI6 com habilidades genéricas. Questionados durante a entrevista pré-viagem sobre suas qualificações e como acreditavam que poderiam contribuir, os entrevistados conseguiam relacionar experiências prévias/profissionais a possíveis atividades na viagem. “De formação sou nutricionista. Eu acho que de uma forma ou de outra, enquanto eu estiver lá eu posso contribuir na parte técnica também (VI1)”; VI3 auxilia na coordenação de uma ONG para refugiados no Brasil e trabalha na área de políticas públicas de uma empresa privada; “Na verdade, eu acho que pela minha

experiência profissional (oficial de justiça da infância e juventude) eu teria mais qualificação para um trabalho com as crianças (VI5)” e VI6 por ser professora e da área de tradução enxergava potencial para utilizar sua bagagem profissional, porém com ressalvas pois o período de estadia era curto e estaria chegando em um ambiente desconhecido:

É porque como são projetos de prazo relativamente curto, eu vou chegar num ambiente que é totalmente estranho, então eu preciso de um tempo para perceber, para sentir o ambiente para eu poder fazer alguma coisa com o que eu tenho de bagagem (VI6).

De fato, não apenas o roteiro apertado e o pouco tempo disponível foram empecilhos, mas também o contexto cultural local: “A minha percepção foi de que os meninos pareciam ter uma facilidade maior com os homens do grupo, não sei, talvez seja uma coisa cultural que tinha que deles (VI6)”.

Classificados como profundos no quesito de habilidades/experiências, VI2, VI4, VI7 e VI8 tinham habilidades diretamente relacionadas com as atividades propostas que foram essenciais para a etapa de planejamento e execução das atividades. VI2 cursava arquitetura e tinha habilidade para desenhar, VI4 era estudante pré-universitária mas tinha o desenho como hobby, VI7 possuía curso de caligrafia e VI8 era designer industrial com habilidades de desenho a mão livre. Um ponto de extrema relevância na entrevista com VI2 é de que a vontade se une à capacidade de poder ajudar:

Por isso que, para mim, foi muito importante, porque é muito legal você ter o contato com a cultura, com as pessoas e ajudar, mas é mais interessante ainda você ajudar com uma coisa que você gosta muito de fazer e que você se sente muita vontade de fazer, dá mais confiança de fazer (VI2).

Nota-se, portanto, a importância de que as agências intermediadoras alinhem as necessidades e expectativas dos projetos com as habilidades dos turistas voluntários para que esses possam ter o maior impacto positivo possível durante suas estadias (PALACIOS, 2010).

6.1.1.4 Participação passiva ou ativa

A experiência prévia com o voluntariado pode ajudar, deixando o voluntário mais desinibido e confiante para atuar. Aqueles que nunca tinham voluntariado antes eram VI1 e VI5, quem já teve experiências de voluntariado anteriores, no Brasil ou exterior são VI2, VI3,

VI4, VI6, VI7 e VI8. Desses, VI2 e VI3 já tinham tido experiências anteriores de turismo voluntário, tanto com a Exchange do Bem como com outras empresas.

O grupo foi dividido em 3 (sala de aula, saguão, área externa) e a conclusão do trabalho demandou muita iniciativa e proatividade de todos, pois não se tinha muito tempo e teria que ficar bom na primeira vez.

Para avaliar esse quesito foi utilizada principalmente a observação pelo pesquisador durante as atividades e inferências nas entrevistas pré e pós viagem. Nas observações, novas ideias sugeridas de desenho, materiais, técnicas, ou atividades extras não relacionadas à reforma/pintura, conversas com integrantes do orfanato/grupo para dar ou solicitar sugestões foram consideradas e, apesar de não estar presente em todos os momentos com todos integrantes (dada a divisão do grupo em 3), todos os voluntários tiveram mais de uma situação em que se encaixaram nesses critérios.

Nas entrevistas, há um sentimento de superação das expectativas, que, de certo modo, demanda proatividade, pois não se excede o que é esperado sem, de fato, buscar ir além: “A gente fez muita coisa a mais do que o esperado. Para o nosso projeto, o nosso tempo deu certinho, foi puxado. (VI1)”; “Eu acho que isso foi uma coisa que foi gratificante para mim. Nem que seja para eu fazer um miolo de uma flor, **mas você está ali dando o seu melhor**, fazendo aquele miolo de flor. (VI5, *grifo nosso*)”.

VI2 já havia feito duas experiências de turismo voluntário antes e, depois de concluir essa que seria a terceira, comparou a necessidade de ser proativa com uma das viagens anteriores:

Na Tailândia, eles têm um horário para tudo. Então eu acho que o que mais tem rotina é o da Tailândia. Porque a gente fazia muita coisa todo dia igual. Era muito legal, mas eu prefiro tipo a Índia. Que cada dia é uma coisa, você tem que se virar e pensar, criar alguma coisa nova (VI2).

O projeto em questão na Tailândia era em uma creche que recebe apoio do governo e possui recursos suficientes para ter uma equipe em quantidade suficiente para organizar o essencial do projeto, porém os voluntários são bem-vindos para aliviar um pouco a carga de trabalho e atuam como assistente das cuidadoras, com autonomia reduzida. Em um momento pré-viagem, questionada como poderia contribuir com o projeto, VI3 menciona a proatividade: “Eu estou com essa impressão, pode ser que mude lá na hora, mas eu acho que a contribuição é estar aberta a colaborar com qualquer atividade que houver demanda e ser proativa em pensar em atividades interessantes (VI3)”. O trabalho em equipe e em conjunto com a ONG também é mencionado: “Tudo foi decidido em conjunto e isso aproximou a gente, eu acho. Eu prefiro

muito mais essa criatividade, entrosamento, do que ‘Você vai pintar isso’ (V4)”. O choque inicial ao ver a quantidade de trabalho a ser feito e o trabalho que já havia sido concluído por outros voluntários no primeiro piso assustou, mas não impediu VI6 de cumprir o objetivo: “A nossa primeira reação quando a gente chegou lá no orfanato que a gente viu aquelas pinturas na parede, a gente pensou: ‘nossa, não vai sair nada’ e depois no final a gente ficou super satisfeito, [...] a gente nem sabia o potencial que tinha (VI6)”; com o sentimento de superação corroborado por VI7 “Você viu o resultado? Ficou a coisa mais bonitinha. Os meninos estavam encantados. Nem eu achava que eu ia conseguir fazer aquilo (VI7)”. VI8 que era designer industrial relata que, mesmo com a falta de habilidade artística, o grupo teve iniciativa e concluiu o trabalho de forma satisfatória:

Na construção geral, eu acho que o pessoal mandou muito bem porque a maioria das pessoas não tinha uma pegada artística, [...] mas a galera se puxou e ficou uma parada bonita, legal. Acho que mesmo com falta de experiência, mandou muito bem (VI8).

A familiarização com novas tarefas, hábitos locais e oportunidades para contribuir com conhecimento, ideias e habilidades é uma das etapas propostas por Coghlan e Gooch (2011) ao relacionar o processo de AT com o turismo voluntário e pôde-se constatar, sem ainda avaliar a intensidade, que ocorreu durante essa viagem à Índia.

6.1.1.5 Duração da viagem

No quesito duração da viagem, para essa oportunidade não havia a possibilidade de optar por ficar mais tempo no projeto, visto que era um roteiro fixo de 13 dias. De fato, os participantes poderiam ter optado por outros programas que os permitissem ficar mais tempo, porém existem limitações como período de férias, dinheiro, compromisso com filhos e familiares e o trabalho, entre outros. Assim, essas limitações foram consideradas e, durante as entrevistas, os participantes foram questionados se caso a duração da viagem dependesse apenas da vontade deles, sem outros fatores limitantes, se permaneceriam por mais tempo. Os que apresentaram falas que indicassem uma vontade ou possibilidade de permanecer por mais tempo sem considerar essas limitações foram classificados como intermediários, assim como aqueles que, em soma a isso, sentiram e expressaram que vivenciaram algo intenso (CALLANAN; THOMAS, 2005). Foram então classificados como rasos VI5 e VI7, como intermediários VII, VI3, VI4, VI6 e VI8 e como profundo VI2.

Para VI5 o tempo de 13 dias foi o suficiente, pois com 30 dias de férias assim é possível fazer o trabalho voluntário e também aproveitar um pouco para descansar depois: “Eu, nesse tempo (duas semanas). Nem mais, nem menos. Mas essa é uma característica minha, porque os outros estavam falando que eles ficariam meses fora de casa. Eu não (VI5)”. Já VI7 pondera que por ser a sua primeira experiência de turismo voluntário, duas semanas para começar é adequado, mas pensa que em outras oportunidades isso possa mudar:

Como é a minha primeira experiência, eu acho que duas semanas está de bom tamanho. É o tempo que eu vou ter para poder começar. Isso, mais para frente, pode me abrir. Como eu te falei, eu sou aposentada e tenho tempo disponível. Para começar, eu acho que está de bom tamanho. Para uma primeira experiência (VI7).

Dado que é um fenômeno recente no Brasil, com poucas agências atuando no setor de turismo voluntário quando comparado ao turismo tradicional, é de se esperar que haja uma fase de conhecimento da experiência.

Nos classificados como intermediários, VII acha que as necessidades do projeto devem ser levadas em consideração para que seja determinada a duração da viagem, mas que de qualquer maneira foi uma experiência forte:

Eu acho que depende do objetivo de cada um dos projetos. Para o nosso projeto, eu achei que essas duas semanas são suficientes para o trabalho que a gente vai fazer, mas para outros precisaríamos de mais tempo [...] E é um negócio engraçado, eu voltei com uma felicidade tão grande de lá que eu não sei explicar, foi muito forte não sei. Tanto foi assim que a gente já está empolgada para a próxima, pensando no que fazer para a próxima (VII).

Interessante destacar o relato de felicidade e vontade de dar sequência a esse tipo de viagem, presente em outros trabalhos científicos que até certo ponto questionam o quão duradoura essa sensação pode ser ao nos reinserimos na sociedade de origem (COGHLAN, 2008; BROWN, 2005; MCGEHEE; SANTOS, 2005).

VI3 já esteve antes em uma viagem com a Exchange do Bem em Gana, precisando voltar antes do tempo planejado devido a problemas de saúde na família e encurtando a experiência que também duraria duas semanas. Fora essas limitações gostaria de poder permanecer por mais tempo e demonstra ciência dos benefícios que uma estadia maior pode proporcionar:

Tirando as limitações, com certeza mais tempo. Eu acho, que você consegue sentir e gerar um maior impacto, porque em uma curva de aprendizado, acho que um pouco mais de tempo você consegue completar uma curva de aprendizado e de entrega suficientes. [...] Ficando mais tempo você acaba tendo uma certa relação com os alunos, qual que é aquele que precisa de mais atenção na hora do dever de casa, qual

que você tem que ter um pouco mais de cuidado em matemática, qual que tem que ter mais cuidado em física, em inglês. Então acho que esse tipo de relação você ganha com o tempo e se você fica pelo menos um mês, você tem uma troca maior (VI3).

Para VI4, o tempo foi adequado dada a demanda de trabalho e intensidade da experiência. Reconhece as limitações de ter sido uma viagem rápida e relaciona o cansaço a algo bom, pensando em ficar mais tempo em outra viagem para que tenha oportunidade de maior inserção cultural:

Eu achei que foi bom, porque foi muito cansativo. Foi muito intenso. Eu acho que se fosse mais dias para a gente, por exemplo, a gente pintou uma sala e lá na frente, mas se fosse para pintar outra sala acho que ficaria muito puxado. Mas tipo, eu pensei em fazer outro projeto, mas eu quero fazer por mais tempo para ver como é. Por mais que a gente foi e fez, eu queria uma imersão maior, na cultura, de tudo. De sentir mesmo o hardcore do negócio (VI4).

Similarmente, VI8 afirma que, se não fossem as limitações do trabalho, gostaria de ter experiências de turismo voluntário por mais tempo: “Mais tempo, nossa, eu ficaria muito tempo. [...] Mas tipo, sério mesmo, eu ficaria tipo por tempo indeterminado”. Porém, como não tiveram ainda outras experiências e apenas indicaram a vontade de que fosse algo por mais tempo, não foram classificados como profundos, mas sim como intermediários.

Algumas pessoas interessadas no turismo voluntário, que ainda não conhecem a prática desconhecem os custos envolvidos nas viagens e associam a experiência com o voluntariado na cidade onde residem, no qual não acarreta custos expressivos com logística e intermediários. As experiências de turismo voluntário, dependendo da duração e do destino, podem ter valores similares ao do turismo tradicional e a questão financeira é uma variável importante ao se considerar o tempo de permanência, conforme mencionado por VI6:

Eu gosto da ideia de mais tempo. Não sei, talvez um fator que pegue nessa questão do mais tempo, talvez seja o financeiro mesmo. Se bem que o mais caro é a passagem, que não vai fazer diferença. [...] Eu gosto de fazer viagens maiores, talvez para a primeira experiência, duas semanas esteja bom, mas eu pessoalmente gostaria de mais tempo (VI6).

Por fim, classificada como profunda, VI2 se diferencia dos demais participantes pois a viagem em grupo para a Índia foi a terceira participação dela em projetos de turismo voluntário já tendo a quarta agendada para julho de 2019, no Peru, totalizando 9 semanas de atividades em um ano. “Eu acho que duas semanas é um tempo legal. Para quem trabalha, às vezes, não consegue tirar muito tempo. Mas eu faria de mais tempo também, de um mês, porque é muito diferente de fazer. Com certeza eu faria (VI2)”. No entanto, o calendário da faculdade faz com

que tenha tempo para viagens apenas durante os meses de janeiro e julho e por isso vê duas semanas como um tempo bom, mas disposta a ficar mais tempo – e de fato ficando, quando possível. Nas duas semanas anteriores à Índia, estava em um projeto na Tailândia, ficando no total por 4 semanas em projetos de voluntariado em janeiro.

6.2 MOTIVAÇÕES

Classificados os turistas voluntários do grupo da Índia em rasos, intermediários e profundos o próximo passo foi analisar as motivações relatadas para que buscassem a experiência do turismo voluntário. Foram categorizadas conforme proposto por Chen e Chen (2011), separando-as em pessoais e interpessoais. Tal análise é importante dado que os participantes que foram classificados como voluntários rasos devem tender a ter motivações mais voltadas para o polo pessoal, os profundos ao polo interpessoal e os intermediários uma mistura entre os dois, mas todos podendo demonstrar simultaneamente motivações egoístas e altruístas (WEARING; MCGEHEE, 2013; BATSON, 2002).

O resultado das entrevistas para a classificação das motivações pode ser visto no quadro 13 e o detalhamento de cada respondente nas seções a seguir.

Quadro 13 - Motivações dos entrevistados – Índia

ID	Turista Voluntário	Motivações Encontradas		Classificação
		Pessoais	Interpessoais	Motivações predominantes
VI1	Intermediário	Viajar; Crescimento pessoal;	Cuidado com o próximo; Dar algo em troca	Níveis intermediários entre os fatores
VI2	Profundo	Viajar	Cuidado com o próximo; dar algo em troca; Imersão cultural; Amizades	Interpessoais
VI3	Intermediário	Viajar, Crescimento pessoal/profissional	Cuidado com o próximo; Dar algo em troca; Imersão cultural	Níveis intermediários entre os fatores
VI4	Profundo	Desafios	Cuidado com o próximo; Dar algo em troca; Imersão cultural	Interpessoais
VI5	Raso	Viajar; Crescimento pessoal	Cuidado com o próximo; Imersão cultural	Pessoais
VI6	Intermediário	Viajar; Crescimento pessoal; Desafios	Dar algo em troca; Imersão Cultural; Amizades	Níveis intermediários entre os fatores
VI7	Intermediário	Viajar; Crescimento pessoal	Dar algo em troca; Imersão cultural	Níveis intermediários entre os fatores
VI8	Profundo	Viajar; Crescimento pessoal	Cuidado com o próximo; Dar algo em troca; Imersão cultural; Amizades	Interpessoais

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

6.2.1 Classificados como rasos

Apenas VI5 foi classificada como turista voluntário raso e quando foi inicialmente questionada sobre quais eram as suas motivações, suas respostas pareciam ora pessoais, ora interpessoais. “Eu queria fazer alguma coisa. Um retiro, alguma coisa assim para melhorar como pessoa. A princípio, eu tinha visto um retiro, mas que tinha que ficar em silêncio. Eu desisti, porque eu não consigo ficar muito tempo sem falar com ninguém. Eu ia pirar (VI5)”. Procurou então na internet pelos termos “intercâmbio” e depois por “trabalho voluntário” sendo por meio deste último que conheceu o site da Exchange do Bem. Questionada sobre o que a levou a mudar de ideia entre retiro e trabalho voluntário, relatou:

Pensei ‘Vou ficar lá, em silêncio, não vou conseguir. Eu vou ficar entediada’, então eu vou achar alguma coisa que eu possa fazer algo, que eu não vou ficar entediada. Até eu estava lendo um livro, que é aquele ‘A Sutil Arte de Ligar o Foda-se’. Se eu não me engano, é nesse que ele fala uma coisa de um trabalho voluntário. Eu acho que foi disso assim. Também surgiu a ideia porque eu gosto muito de viajar, e eu pensei ‘Eu vou ter a oportunidade de viajar, conhecer um lugar diferente e ter uma experiência diferente também. [...] Eu sou uma pessoa que ama viajar. E eu não teria duas férias no ano, uma para fazer só o voluntariado e outra para fazer só a viagem. Nem tempo, nem dinheiro. Então eu acho que é um equilíbrio (VI5).

Percebe-se que há a presença de motivações que podem ser relacionadas a características pessoais – o retiro para crescimento pessoal, querendo melhorar como pessoa - e interpessoais – a busca pelo trabalho voluntário. No decorrer da entrevista, buscou-se retomar o assunto tentando entender então o que ela buscava obter com essa experiência:

Ir para o exterior para conhecer outro país, e o voluntariar porque eu tinha vontade de fazer uma coisa que me engrandecesse como pessoa, me enriquecesse. Eu acho que eu fui mais egoísta, talvez. Mais para mim. Eu queria mesmo melhorar como pessoa. Isso acaba refletindo na sociedade na qual eu vivo, no convívio com as pessoas, mas eu queria melhorar como pessoa mesmo. [...] A minha motivação é essa. Transformação pessoal (VI5).

Pareceu então, tender mais para as motivações pessoais. Menciona o ato de voluntariar porém junto de benefícios para si mesmo. Posteriormente, também foi verificado o formulário de inscrição disponibilizado no site da Exchange do Bem cujo preenchimento é etapa obrigatória para os que viajam com a agência. Nele, consta a questão “O que faz você querer ser voluntário nesse projeto e como você pode contribuir?” e a resposta dada foi curta quando comparada ao que é comumente escrito por outros turistas voluntários: “Tenho interesse, pois como trabalho na área da infância gostaria de ter uma experiência fora do Brasil, bem como me sentir mais útil fazendo uma viagem com voluntariado do que uma simples viagem turística

(VI5)”. Enfatiza-se aqui a parte que ela menciona sentir a necessidade de se sentir mais útil, podendo ser tanto para o lado pessoal como interpessoal das motivações, caso fosse direcionado ao coletivo. Em determinado momento da entrevista, quando questionada se estava se sentindo realizada pessoal e profissionalmente, expôs alguns fatos relevantes para a análise das motivações:

Não. Talvez isso tenha sido uma motivação também. Eu queria me sentir mais útil. Embora eu trabalhe com criança e adolescente, eu sou um pau mandado. É o que o juiz manda. Eu comentei isso com as meninas. Já aconteceu de eu chegar em uma casa, ter que fazer uma busca e apreensão de uma criança, olhar e dizer “Meu Deus, isso aqui está sendo muito injusto”. O juiz não vai lá. Ele dá tudo que ele quer lá do gabinete dele. Vem a assistente social, a assistente social diz que a família pobre e tem que tirar a criança. Já aconteceu isso de tirar uma criança de uma família porque era situação de pobreza. Aquilo me cortou o coração, mas eu não tenho nada para fazer. Eu sou obrigada a cumprir. Isso, às vezes, gera um pouco de frustração. Não tenho muito poder de mudar as coisas no meu trabalho. [...] Eu acho que falta eu fazer mais alguma coisa. Agora, a minha ideia no Brasil, eu gosto muito de fazer bordados, conversei com uma amiga para a gente fazer toalhas e doar para o câncer. A minha mãe teve câncer, então também tem esse lado que eu gosto de ajudar. Doar para eles venderem e arrecadar um dinheiro, porque eu sinto falta disso, de ter um papel na sociedade mais ativo e mais anônimo. Não gosto muito de aparecer. Fazer alguma coisa que ajude, que eu me sinta importante. Eu estou fazendo alguma coisa, nem que seja mínima. Falta isso no meu dia a dia. Eu vejo que eu vivo em um mundo meio vazio. Eu tive depressão e começou nesse sentido. Eu fui para as Bahamas e foi o auge da minha depressão. O lugar que todo mundo diz que é o paraíso. Eu estava muito mal. Comecei nisso. ‘O que eu estou fazendo da minha vida, só passear’ (VI5).

A “busca por sentido” aparece em estudos sobre turismo voluntário como motivador para procurar esse tipo de atividade (WEARING, 2001; BROWN, 2005; ZAHRA; MCINTOSH, 2007). Indica a procura por autorrealização por indivíduos que, sem motivo concreto aparente, sentem-se insatisfeitos com sua condição atual de vida. São insatisfações intrínsecas, provenientes de questionamentos internos sobre seu valor no mundo (LANGE, 2004). No caso de VI5, é importante conhecer o contexto de acontecimentos recentes na sua vida pessoal para que possamos compreender melhor suas motivações. Além da depressão, o falecimento da sua mãe havia ocorrido há três anos e, embora seja possível perceber uma vontade de se doar, querer se sentir útil e sair de um mundo vazio, VI5 faz um relato que elucida o porquê de constantemente aparecer em suas respostas indicativos de motivações voltadas para o lado pessoal:

Foi depois que a minha mãe faleceu. O câncer da minha mãe. A minha mãe foi a pessoa que só trabalhou na vida, só se sacrificou pelos outros e não aproveitou absolutamente nada. Acho que isso faltou para ela também. [...] A minha mãe foi altruísta demais. Faltou um pouco de vivência. Hoje eu aproveito mais a vida. Não esbanjo. Venho para cá. Poderia trocar de carro, por exemplo. Mas acho que é muito mais legal estar aqui. Como pessoa, a gente muda muito em uma viagem assim (VI5).

Ao buscarmos as suas motivações para a viagem, inicialmente surgem tendências que corroboram a sua classificação como rasa ao tenderem para motivações pessoais (queria fazer um retiro para ter crescimento pessoal, sua motivação principal foi a transformação pessoal mais voltada para o “eu”), mas em seguida dão espaço para motivações interpessoais (experiências diferentes, fazer algo que ajude, ter papel ativo na sociedade e impactar ela positivamente) o que poderia indicar a um equilíbrio entre os extremos motivacionais, mais apto aos turistas voluntários intermediários. Sua classificação como turista voluntária rasa se deu pelas respostas dadas às questões do roteiro e os elementos teóricos específicos utilizados no presente trabalho para realizar tal classificação. Considerando o contexto pelo qual VI5 estava passando no momento da entrevista e viagem, tal classificação como rasa parece fazer sentido, pois o falecimento e estilo de vida da sua mãe, doando-se aos outros e relegando privilégios próprios, levou VI5 a valorizar mais os aspectos pessoais nesse momento e que aparecem de maneira mais predominante ao analisarmos suas motivações. Nada impede, no entanto, que em outro momento de vida e sob outro contexto, ela passe a se enquadrar mais no perfil de turistas voluntários intermediários ou profundos ou que suas motivações se direcionem ao extremo interpessoal de classificação.

6.2.2 Classificados como intermediários

Nos classificados como turistas voluntários intermediários estão VII, VI3, VI6 e VI7. Para VII a busca pela experiência de turismo voluntário teve início com o final do seu casamento. Ao término do relacionamento, alegou querer resgatar planos de vida que haviam sido colocados em *stand-by* e considera o divórcio como um momento importante na sua vida:

Eu sigo a Exchange do Bem já faz um tempo, porque há muitos anos, quando eu tinha 20 e pouquinhos anos, eu li uma matéria na Viagem & Turismo, que na época falava sobre turismo voluntário, e acabou sendo o meu sonho fazer isso. De uns tempos para cá, eu fiquei meio parada, porque eu era casada. Agora eu sou separada. Acabei fazendo outros planos de vida na época, mas quando eu me separei eu comecei a resgatar coisas que eu queria fazer, e o voluntariado foi uma coisa importante. [...] A minha separação foi muito um divisor de águas na minha vida (VII).

A reflexão após o divórcio e o conseqüente desejo de resgatar a vontade de realizar uma viagem de turismo voluntário se misturam com o sonho de conhecer a Índia. “Na verdade, não foi o site que me fez querer (participar da viagem), foi uma coisa muito minha. Foi a vontade de fazer voluntariado e a vontade de ir para a Índia. Juntou duas coisas que eu queria muito

(VII)”. Questionada sobre como espera poder contribuir para o projeto para entender mais suas motivações, a religião aparece como um fator determinante para a realização da viagem.

Eu quero, na verdade, poder contribuir de alguma forma com pessoas que tem bem menos que eu a ter uma vida melhor. Até pelo meu pessoal, eu sou umbandista, como religião, e eu trabalho muito com energia alternativa. Quando a gente começa a trabalhar com essas energias, a gente acaba falando muito em caridade, a gente fica vendo muito o por que os outros têm menos. A gente está aqui para evoluir. Se eu posso contribuir com pessoas que tem uma vida muito mais difícil que a minha, a passar por essa vida fazer o karma delas, mas de uma forma mais suave, eu vou querer contribuir (VI1).

Wilson (2000) encontra em alguns relatos de entrevistados que a religião também aparece como um motivador para a busca desse tipo de experiência. Conforme a entrevista ia se desenvolvendo, as motivações pessoais e interpessoais apareciam na fala de VI1 e o voluntariado como algo que antes não era possível de ser conciliado com a vida de casada, visto que disse nunca ter feito antes, mesmo em sua cidade:

Eu tinha um objetivo, antes, de formar uma família. Eu continuo tendo esse objetivo, mas eu não tenho ninguém. Então enquanto eu não estou de novo com o objetivo de formar uma família, ter alguém, eu estou focando muito em mim e nas minhas vontades. Como o trabalho voluntário que era um sonho antigo. [...] Para esse viagem específica o que mais me motivou foi ser para a Índia. Eu estava vendo outros lugares para ir. Mas quando eu vi a Índia, a gente sente uma energia diferente. Eu sempre quis ir para a Índia para vivenciar essa parte, também, espiritual. O que determinou mesmo eu escolher essa viagem em específico foi ser na Índia (VI1).

Como mencionado na seção de classificação do tipo de turista voluntário, para VI1 o destino foi um fator decisivo para a escolha dessa viagem, no qual foi possível aliar o desejo de viajar por conta própria após o fim o casamento, o crescimento pessoal e o voluntariado, misturando-se também elementos da religião e ajuda ao próximo.

O mais legal é que essa viagem que eu estou fazendo agora está juntando três sonhos meus, que é viajar sozinha, ir para a Índia e fazer trabalho voluntário. Então essa viagem, para mim, tem uma importância muito grande. Junta toda a parte espiritual também, de ajudar o próximo, de fazer a caridade, que faz parte do que eu sigo como modo de vida. (VI1).

Percebeu-se durante a entrevista e em conversas na viagem com VI1, ao mencionar a Índia, um viés muito mais de realização pessoal, esperada do turismo tradicional, do que de imersão cultural, esperada do turismo voluntário ao abordar esse tópico. Por isso, suas motivações permanecem sendo consideradas uma mistura entre as pessoais e interpessoais, não

ficando claro que as interpessoais tenham sido a fonte primordial de motivação para a busca da atividade.

O framework do presente trabalho utiliza os conceitos de Callanan e Thomas (2005) para classificar os turistas voluntários em rasos, intermediários ou profundos. Baseada nas respostas dadas durante a entrevista, a classificação de VI3 constou como intermediária, porém a viagem para a Índia contava com algumas limitações como as atividades desenvolvidas que eram de contribuição comunitária mínima e o cronograma também não permitiu aos voluntários que, caso tivessem habilidades para desenvolverem soluções para outros problemas locais ao dialogar e interagir com o projeto, colocassem planos em prática. Assim, dado o histórico de já ter feito outras viagens similares, a atuação profissional voltada mais para o social, ajudar na coordenação de uma ONG e o teor do restante da entrevista ao avaliar as motivações de VI3, é possível que em outra oportunidade de turismo voluntário ela possa ser classificada como profunda. Questionada sobre as motivações que a levaram a buscar experiências de turismo voluntário no exterior, relata:

Eu sempre gostei muito de viajar e tanto durante a faculdade como pós, até pela questão profissional, eu tento casar o viajar para o exterior com algum projeto que eu tenho interesse. Então eu acho que esse tipo de viagem te permite isso, para quem não tem tempo suficiente para ficar um semestre fora sendo voluntário, casar as férias profissionais a algo que você acredite e que você não possa fazer no seu dia a dia (VI3).

A limitação de tempo e a possibilidade de conciliar o voluntariado com a viagem é mencionada por Vrasti (2013) ao classificar a atitude como “voluntariado em tempos neoliberais”. São pessoas que gostariam de voluntariar, mas veem a rotina pessoal/profissional como impeditivos para tal e optam por essas experiências de turismo voluntário devido ao curto período de viagens, encaixando-as normalmente nas férias e aproveitando que não há a necessidade de realizar cursos prévios para poder participar. Retomando a questão, perguntada o que mais lhe chamou a atenção ao ver a oportunidade em nosso site, aparece a combinação do turismo e do voluntariado:

O que me chamou a atenção foi que vocês conseguiram casar muito bem tanto a parte do projeto, mas também o turismo na Índia, que é um país supernovo, de uma cultura diferente, então de conseguir ter as duas coisas numa viagem só. Isso eu gostei muito [...] acho que um destino que me interessa, combinado com uma atividade que eu acho que posso contribuir (VI3).

Questionada então qual seria a motivação principal, se precisasse escolher um termo, palavra ou frase, para buscar essas viagens, responde:

Acho que é cuidado com a causa. Dar algo em troca. [...] Troca de experiências, vivências, aprendizagem com a comunidade local, acho que é muito mais isso. Acho que um destino que me interessa, combinado com uma atividade que eu acho que posso contribuir (VI3).

Pareceu tender mais para motivações interpessoais, mas também demonstrou alguns traços de motivações pessoais com o aspecto profissional e de interesse pelo destino.

Na mesma classificação intermediária, VI6 demonstra um equilíbrio mais visível entre as motivações pessoais e interpessoais, aparecendo também a questão da religiosidade como impulsionador para o voluntariado:

Eu não me lembro exatamente o início da história, mas por algum motivo, é porque eu sempre gostei muito de fazer trabalho voluntário, e eu sou espírita, então eu sempre fiz muito trabalho voluntário dentro da minha religião. Mas lá em Uberlândia eu conheci um grupo, que embora o pessoal seja espírita, eles têm muito contato com outras áreas também, então a gente às vezes tem alguns trabalhos voluntários. Por exemplo, tem uma ONG em Uberlândia que a gente faz o trabalho de mediação para adoção, na verdade tem muitas ONGs assim. E aí, eu não sei, alguma coisa, no ano passado, eu procurei alguma coisa que tivesse voluntário com viagem junta (VI6).

Por ser professora universitária, ainda mais da área de tradução, está inserida em um ambiente que é comum estarem presentes intercambistas e o tema de viagens para o exterior, porém como ela relata, a maioria dos programas são voltados para um público mais jovem ou que ainda estejam na fase de graduação:

Na universidade a gente vê muito também aqueles programas de intercâmbio para trabalhar fora, mas geralmente são coisas voltadas para adolescentes, de gente que está começando a graduação. É raro ter alguma coisa para quem já está formado, geralmente tem mais coisas para adolescente. Eu acho que literalmente eu joguei no Google viagem com voluntariado e apareceu. Aí eu comecei a olhar os programas, e eu gostei muito de todos (VI6).

Em momentos da entrevista, relata o interesse por outros projetos que estavam disponíveis também, mas por uma soma de fatores como datas, orçamento e viagem em grupo influenciaram na decisão pela Índia. O equilíbrio entre turismo e dar algo em troca, junto com a imersão cultural aparece em suas respostas sobre motivação:

Eu gosto muito de viajar, e eu gosto muito de fazer trabalho voluntário. E eu não sei, eu achei ótima essa opção de juntar as duas coisas, porque, para a gente sair do país, principalmente tirando a América Latina, que está mais próxima aqui, mais para a Europa ou para outro continente, acaba que é uma viagem relativamente cara. Você tem que comprar passagem, tem todos os custos, e aí eu gostei da ideia de que esse gasto não fosse só para a viagem, aquela viagem turística, como eu falei, de conhecer

os lugares e tirar foto. E aí eu acho que essa coisa de estar perto da comunidade, conhecer outras pessoas, é bem legal. Mas eu acho que é bom juntar o útil ao agradável, porque ao mesmo tempo que a gente vai estar conhecendo outro lugar, passeando, fazendo turismo, a gente vai conseguir dedicar uma parte do tempo para fazer alguma coisa de útil (VI6).

A motivação por “unir o útil ao agradável” também pode estar ligada ao fato de ser a primeira viagem de turismo voluntário de VI6. Como ela mencionou, havia gostado de diversos programas que estavam no site, em especial um que envolvia o ensino do inglês para monges no Sri Lanka e que estaria mais alinhado a suas qualificações profissionais, porém o fato de ser a primeira experiência do tipo a fez mudar de ideia:

Depois que eu fui olhar os outros programas, porque eu me interessei por budismo, então achei que ia ser super massa a experiência lá no Sri Lanka, que dá aula de inglês para as crianças que estão estudando para ser monge. Eu gosto muito de dar aula de inglês, e para mim é legal trabalhar a língua, já que é a minha área profissional, e aí na verdade eu tinha decidido ir, só que depois eu desisti um pouco por causa do preço da passagem, e também como é a primeira vez que eu estou indo com vocês, eu falei: ‘Quero alguma coisa em grupo, porque assim eu conheço melhor a empresa, o pessoal, o trabalho para depois eu fazer alguma coisa mais sozinha’, porque nesse a gente iria sozinho. [...] E aí eu pensei, não, já que eu gostei do passeio da Índia, acho que é legal fazer alguma coisa em grupo, para eu conhecer melhor o trabalho deles, e depois eu vou estar um pouco mais segura para ir para um que eu vou sozinha (VI6).

Pela fala de VI6, vê-se que a falta de familiaridade com esse tipo de viagem e a insegurança podem fazer com que alguns interessados optem por roteiros e projetos que não os tirem tanto da sua zona de conforto ou abram mão de projetos onde seus conhecimentos poderiam ser mais utilizados. Cabe ao agente intermediador avaliar e orientar os clientes de forma a melhor aloca-los nos projetos disponíveis (RAYMOND; HALL, 2008). Assim como em outros trabalhos sobre turismo voluntário (CHEN; CHEN, 2011), o estímulo a superar desafios pessoais também aparece na fala de VI6:

Eu acho que para mim, eu acho que uma coisa que me chamou atenção em mim mesma, digamos em termos pessoais, desde do início, que eu comecei a mexer com essa viagem, foi um certo medo do novo, sabe? E eu acho que por toda a situação da Índia e tal, um lugar em que você não fala a língua, com pessoas que você não conhece, o próprio grupo, apesar de o grupo ser um suporte, são pessoas que a gente não conhece e eu fiquei pensando que isso na verdade é uma coisa que eu preciso trabalhar no meu dia a dia, porque muitas vezes a gente deixa de fazer coisas novas porque a gente fica com medo e eu acho que na minha família isso é um pouco forte assim, minha mãe é uma pessoa muito medrosa, ela não faz nada, nunca faz nada novo e por mais que ela não ensine isso para a gente, ela acaba passando muito isso para a gente (VI6).

Fugindo um pouco do perfil da maioria dos turistas voluntários, VI7 iniciou a viagem com 59 anos de idade e comemorou seu aniversário durante a experiência, completando 60

anos. Entre as motivações, a viagem serviu como um presente dado a si mesma, aliado com a vontade de voluntariar:

Eu já vinha planejando, também, a passagem para os meus 60 de uma forma diferente. Eu pensei 'Por que não fazer algo dessa forma, diferente? Vou aliar um projeto voluntário com o meu aniversário. Tentar fazer uma coisa que une o útil ao agradável. A Índia, para mim, é uma coisa muito exótica, que eu sempre quis conhecer. Mas eu nunca quis conhecer na visão de um turista normal. Amigos meus foram para a Índia e passearam, mas aquela coisa do turista mesmo. Eu, na verdade, não sou uma turista que gosta de fazer turismo convencional, de ir por uma empresa. O meu turismo é sempre diferente. Quando surgiu essa oportunidade, eu falei 'Eu vou' (VI7).

Percebe-se a busca por um tipo de viagem alternativo ao turismo tradicional, a vontade de conhecer o destino de uma maneira mais profunda e a mistura de desejos/motivações pessoais e interpessoais. "Eu sempre fiz muitos projetos voluntários, mas não longe de casa, sempre perto, na comunidade. Ajudando aqui e ali, confeccionando uma coisa ou outra. Esse tipo de trabalho. Ou, então, uma ajuda no bazar. Mas eu queria algo diferente (VI7)".

Relata também as experiências de vida, úteis para entender o contexto que a trouxe até esse momento. A jornada como mãe solteira e com foco na carreira profissional para poder prover à família a fizeram buscar por caminhos diferentes após a aposentadoria. Via os anos anteriores como de doação para o filho e os pais e agora, com mais tempo livre e estabilidade financeira, busca aproveitar o tempo livre para se ocupar com atividades que lhe sejam de interesse apenas a si própria e se sente realizada pessoal e profissionalmente:

Eu não tive tempo para muita coisa. Durante um bom tempo da minha vida, eu abdiquei da minha vida pessoal para poder prover, para poder trabalhar, para poder criar o meu filho, cuidar dos meus pais. Foi uma correria muito grande. Dez anos se passaram em um clique. Vinte anos se passaram. Eu trabalhei bastante. Foi de muita luta, mas, como eu te falei, bastante gratificante. [...] Hoje desfruto dessa minha vida de aposentada, mas eu não tenho tempo. Eu pedi, inclusive, para falar com você de noite, porque eu ocupo o meu tempo com aulas de espanhol, faço três vezes natação na semana. Eu danço ainda. Eu preencho o meu tempo com o que a minha vida de trabalhadora não me permitiu. Mas hoje o que eu trabalhei eu colho de outra forma. O tempo me permite, hoje, fazer isso. Eu me sinto bastante feliz (VI7).

A visão voltada para o outro, apesar de restrita aos laços familiares nessa fala, aparece no discurso em outros momentos. Poderia ter dito que foi algo penoso e que lhe custou muito, mas hoje enxerga isso como gratificante. Questionada então se precisasse escolher apenas uma motivação, em forma de palavra, frase ou expressão, relata:

Eu acho que o mais é de tentar retribuir de alguma forma muita coisa que eu já recebi. Eu estou fazendo aqui, eu estou me colocando no lugar do outro aqui mesmo. Claro, eu também quero fazer um acréscimo na minha vida e fazer algo diferente (VI7).

Similar ao relato de VI7, outros autores (ULUSOY, 2016; VRASTI, 2013; BROWN, 2005; WEARING, 2001) mencionam o termo *desire to give back*, algo como desejo de retribuir, como um dos principais motivadores do turismo voluntário. É uma motivação interpessoal, ligada ao altruísmo e que, segundo Batson (2002) pode existir sem segundas intenções que visam o benefício próprio. Porém, por nunca ter feito uma viagem desse tipo, querendo unir o útil com o agradável, por ser um destino que lhe desperta um grande interesse, o significado de se dar a viagem de presente de aniversário e por estar constantemente buscando atividades que proporcionem um crescimento pessoal após a sua aposentadoria, não fica tão clara a predominância de motivações interpessoais. A questão da religião também surge ao longo da entrevista:

A Índia teve um outro fator. Eu sou budista. A questão da espiritualidade fala bastante, porque em um país como a Índia, que é paupérrimo, a gente sabe, 0,02% talvez tenha uma boa condição, mas tem uma espiritualidade elevadíssima. [...] Eu falei ‘É nisso que eu vou entrar para comemorar os meus 60 anos’ (VI7).

A religião ou espiritualidade aparece nas respostas para as questões sobre motivação para VI1, VI6 e VI7. Segundo Sipos (2005) a aprendizagem não deve se limitar apenas aos aspectos cognitivos. As emoções são um caminho para o despertar do interesse pessoal e a espiritualidade é um aspecto da conexão emocional que pode fazer surgir esse despertar que irá impulsionar a ação e conseqüentemente a transformação pessoal.

6.2.3 Classificados como profundos

Nos participantes classificados como voluntários profundos, era esperado que fossem encontradas predominantemente motivações interpessoais. VI2 havia feito sua primeira viagem de turismo voluntário em junho de 2018 para a África do Sul por 3 semanas e em janeiro de 2019 embarcou para um programa na Tailândia por 2 semanas que acabou emendando com as 2 semanas do programa na Índia, portanto já tinha alguma experiência prévia com esse tipo de viagem. Perguntada sobre como surgiu a vontade de realizar na primeira vez as viagens de turismo voluntário, respondeu:

Eu sempre fui de fazer. Na minha cidade, em Minas, eu fazia bastante em asilo e também para casas de deficiente. A gente se fantasiava, ia brincar com eles. Quando eu fui para São Paulo, eu comecei a fazer também com a faculdade. Eu falei “Eu quero ter uma experiência diferente”, porque eu gosto muito de viajar e eu achei que, talvez,

essa experiência ia mudar muito a minha vida. Porque eu ia conhecer mais a cultura do lugar, e também eu ia conhecer várias pessoas. E eu não tinha companhia para viajar. Eu falei “Quer saber, eu vou sozinha” (VI2).

Destacam-se as motivações de interesse em viajar, conhecer novas culturas e criação de laços de amizade. Há também uma expectativa de mudanças/transformações decorrentes dessa imersão cultural e contato com diferentes pessoas, relacionado a motivações interpessoais. Sobre o que achou da primeira viagem de turismo voluntário:

A primeira que eu fiz eu percebi que era muito legal. Eu conheci várias pessoas legais. E a maioria das minhas melhores amigas eu conheci em intercâmbio. Porque as pessoas foram com o mesmo propósito, são pessoas com os mesmos pensamentos de querer ajudar. Então foram pessoas que eu me identifiquei muito. Por isso que eu amei esse tipo de viagem e não quero parar de fazer (VI2).

Percebe-se que a formação dos vínculos com outros turistas voluntários era fortalecida por serem indivíduos norteados pelo mesmo propósito o qual, na percepção da entrevistada, era o de querer ajudar. Segundo McGehee e Santos (2005), o conceito de grupo é potencializado durante esse tipo de viagem sendo favorável para o surgimento de experiências voltadas para o outro, tanto para as comunidades onde estão atuando, quanto para os demais colegas. Como resultados, podem surgir redes de relacionamento, o incentivo ao engajamento com movimentos sociais e a conscientização. Após retornar da sua primeira viagem, VI2 menciona: “Até a Carol, que estava na minha sala, eu contei para ela e ela ficou ‘Quero fazer também’. Depois de um certo tempo, ela também já foi para outra viagem. Foi super legal (VI2)”.

Expostas as motivações para ter começado a procurar viagens de turismo voluntário, tentou-se compreender como que havia surgido o costume de voluntariar, visto que VI2 havia dito que sempre fazia na sua cidade. Questionada de sua família também tinha envolvimento com o voluntariado, respondeu:

É que a nossa vida é, praticamente, voluntariado. Meus pais são sempre muito solidários. Por exemplo, mesmo no serviço que meu pai tem, a gente tenta pegar as pessoas que estão realmente precisando, passando muita necessidade. Tem lugares em que a gente constrói casa para as pessoas ficarem enquanto elas estão trabalhando. E minha mãe sempre achou muito importante. A gente sempre foi muito de doar tudo, de receber muitas pessoas. Eu cresci com isso e para mim sempre foi um pensamento que isso é importante (VI2).

Na resposta acima fica destacada a visão do outro que VI2 desenvolveu durante o convívio e crescimento com a sua família. É algo que, segundo ela, já faz parte da sua pessoa, estando presente em sua rotina. Embora os autores pesquisados nesse trabalho não explorem o papel das famílias no desenvolvimento de valores e norteadores morais para a prática do

voluntariado, é importante ressaltar o papel que elas e outras instituições como escolas, centros religiosos ou agremiações podem ter para a procura desse tipo de atividade.

Questionada para essa viagem em específico, o que a motivou a se inscrever para ela, VI2 comenta:

Eu acho que pela necessidade das pessoas principalmente. E a cultura é linda. Era meu sonho conhecer. Também acho que a gente vê muito na internet, mas presenciar tudo isso é diferente. Tem muito mais coisas que, às vezes, ficam escondidas, que ninguém pensa que existe. Só de ter o propósito de ir, de ajudar e de melhorar a vida das pessoas, que são pessoas como a gente (VI2).

Para a viagem da Índia, há a presença de motivações pessoais como viajar e conhecer o destino, mas as motivações interpessoais voltadas para dar algo em troca, ajudar o próximo e imersão cultural estão mais fortemente presentes.

Diferente de VI2, que já havia participado de outras viagens de turismo voluntário, VI4 estava iniciando sua primeira. Já participava de ações voluntárias na sua cidade e foi por meio de uma colega que havia feito uma viagem de turismo voluntário para a Colômbia que ficou conhecendo sobre esse tipo de experiência:

Antes eu já fazia um trabalho voluntário, porque as minhas amigas elas têm um projeto, e a gente se fantasiava de super-herói, princesas, e íamos em hospitais, creches uma vez por mês. Só que como a rotina estava muito puxada, eu acabei me afastando um pouco, mas sempre ficava pesquisando projetos, porque era o meu sonho fazer um intercâmbio voluntário. [...] Eu tinha uma colega na escola que eu vi que ela foi para a Colômbia. Ela tinha ido para a Colômbia fazer um intercâmbio voluntário, mas acho que não foi com vocês. Aí eu pesquisei e conheci a empresa de vocês. Eu sempre ficava olhando o site, mas eu tinha medo de ir sozinha, não conseguir desenvolver. Eu era muito insegura de ficar sozinha no projeto. Quando eu vi que era um grupo, meu deus do céu, foi tipo, clareou tudo (VI4).

O fato da viagem ser divulgada como uma experiência em grupo dá segurança e confiança para participantes de primeira viagem, assim como mencionado antes por VI6 e aqui por VI4. Outros entrevistados também mencionam o sonho de conhecer o destino, enquanto VI4 fala no sonho de fazer o intercâmbio voluntário. Questionada então sobre o que a motivou a ir em busca desse sonho, responde:

Não mudar o mundo, mas aquilo que eu falei, eu tenho dois braços e duas pernas, tenho saúde. Sou meio doidinha, mas eu tenho saúde e eu posso, então eu posso ajudar alguém que não têm as mesmas condições. Graças a Deus eu tenho uma condição. Então se alguém não tem, eu posso fazer por ele. Sempre foi um sonho muito grande para mim. Eu fiquei muito feliz de que poderei realizar, é um sonho fazer um intercâmbio voluntário. Por mais que eu já tivesse trabalhado como voluntária, eu queria ter essa imersão em uma cultura desconhecida. Sair da minha zona de conforto (VI4).

Pela resposta percebe-se uma visão muito voltada para o outro, a realização do sonho não para algo pessoal, mas para retribuir os privilégios que possui e que são percebidos por ela. Essa capacidade de perceber uma condição privilegiada, necessita primeiramente perceber que há uma condição de desigualdade perante o outro. A percepção por si só, no entanto, não resulta necessariamente em uma ação para buscar reduzir essas desigualdades. É então que a busca pelo turismo voluntário pode ser vista como um meio para agir sobre elas. A ação aparece na resposta de VI4 quando perguntada como definiria a motivação principal para buscar as viagens de turismo voluntário: “É bem clichê, mas é ser a mudança que eu quero ver no mundo (VI4)”.

Por último, VI8 que também participa de ações de voluntariado em sua cidade, por meio de uma agremiação, tinha um impeditivo para esse tipo de viagem com relação ao idioma, pois possui apenas o inglês básico. Perguntado sobre como optou por participar na viagem da Índia, comentou que o interesse começou por uma viagem no Brasil:

Eu estava namorando e assim a gente sempre falava, eu e a minha namorada, ex-namorada agora, sobre fazer trabalho voluntário e tal e eu sempre... eu já fiz trabalho voluntário no passado em muita coisa, se você for fazer uma pergunta eu posso até falar disso depois, mas uma coisa que eu gosto muito de fazer é viajar também. [...] Aí eu fui pesquisar alguma coisa sobre trabalho voluntariado no exterior assim, mas muito aleatório e tipo eu realmente não sabia que ia achar vocês. Aí eu vi sobre a Amazônia, só que eu não sei falar inglês, esse que é o problema, aí eu falei: “Pô, não dá cara, não dá para fazer trabalho voluntário fora porque eu não sei falar em inglês, o meu inglês é muito ruim”. Aí eu vi que vocês estavam com um projeto na Amazônia, eu falei: “Pô, eu vou na Amazônia que é mais tranquilo, eu sei falar e tal, mas eram apenas 4 dias. Aí eu falando com um de vocês, disseram que não tinha necessidade de falar inglês na Índia, e ele botou alguns países lá, a Índia, Gana e o Peru, aí eu falei: “Pô, eu queria ir muito para a Índia, cara, mas eu não sei falar inglês, fica meio ruim isso e tal”, aí ele falou assim: “Não precisa falar inglês vai ter uma pessoa responsável lá que sabe falar e tal, vai ter um guia que sabe falar português e tal, vai te ajudar”. Então eu escolhi ir para a Índia (VI8).

O conhecimento do inglês inicialmente era uma preocupação e a viagem para a Amazônia era por um período considerado muito curto. Assegurado de que haveria um acompanhamento da agência para os voluntários que não tinham domínio de outra língua, a viagem da Índia se mostrou a opção pela qual ele mais se interessou. Segundo ele, as motivações que o levaram a isso estão ligadas à percepção de que podemos fazer mais pelos outros ao reavaliarmos nossas prioridades:

Então, eu aqui no Rio Janeiro eu vivo nessa rotina aqui, trabalho, e eu me sinto tão limitado assim, tipo, a mentalidade das pessoas, tipo, a gente convive numa futilidade tão grande, sabe, as prioridades são tão banais assim e a gente fica questionando às vezes: “Caralho, meu Deus, cara, tem tanta gente com problemas muito maiores e a gente reclamando de coisas tão idiotas”, sabe? E a gente fica naquele questionamento

e fala assim: “Que merda isso”, as pessoas fazendo selfie numa piscina querendo mostrar algo que não é real. [...] eu quero mudar a minha cabeça, eu quero expandir a minha mente, sabe, eu quero, tipo conhecer, por isso que eu digo que parece que eu estou fazendo por mim, eu me sinto mal por isso. Obvio que eu quero me dedicar, eu quero melhorar a vida de pessoas e, assim, eu vou dar o melhor de mim para isso (VI8).

O desejo de expandir a visão de mundo, a conscientização com os problemas alheios e a relativização dos próprios problemas poderiam indicar motivações pelo crescimento pessoal, mas no caso de VI8 não parecem estarem atrelada ao benefício próprio e sim a uma dimensão mais ampla: a sociedade. Lange (2004) fala sobre o processo de conscientização, citando Paulo Freire, que é facilitar o entendimento de que as relações de dominância e alienação podem ser modificadas. Apesar de começar em um nível pessoal e individual, essas transformações teriam o potencial de atingir o nível societal, por isso, a fala de VI8 pode ser classificada predominantemente em motivações interpessoais. Para dar mais embasamento a essa classificação, o entrevistado foi questionado sobre o que esperava dessa viagem:

Cara, eu espero conhecer pessoas que tenham uma mentalidade maneira assim, interagir com uma galera legal, que tenham uma cabeça boa nesse sentido assim que mencionei antes, que pensem mais igual a mim assim, sabe? Formar um grupo maneiro de pessoas que tenham mais essa visão pra conhecer a cultura. Enfim, eu quero ter uma inserção cultural também. É isso que eu espero (VI8).

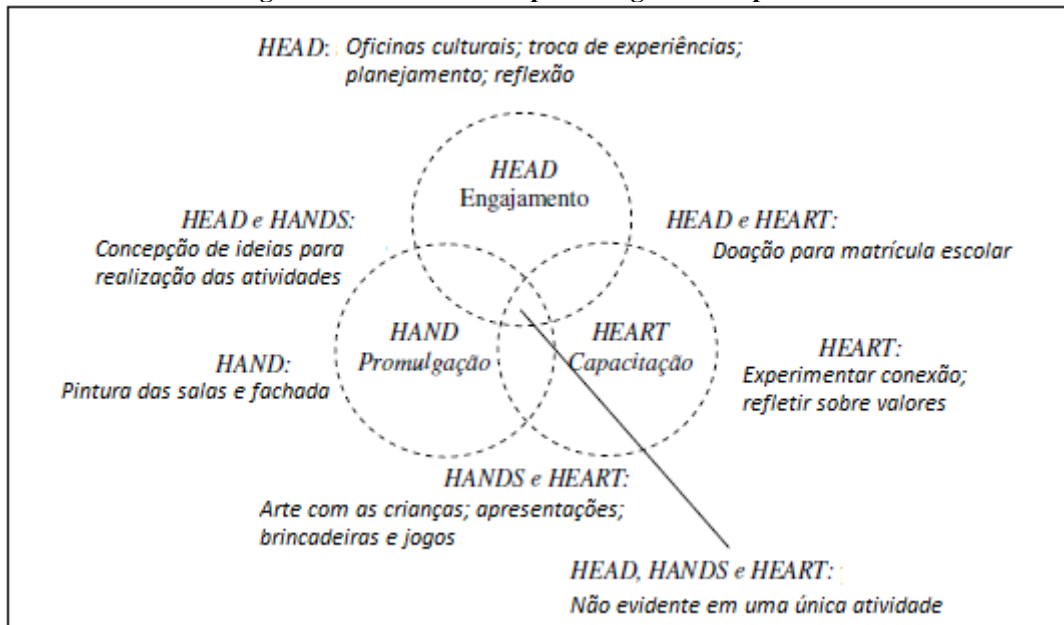
As amizades e formação de grupos se relacionam ao relatado por Coughlan e Gooch (2011) ao abordar o conceito do coletivo, que permite a criação de redes de relacionamento, parcerias locais, regionais e globais com potencial de gerar impactos além do nível pessoal. Perguntado qual seria a motivação principal, se pudesse definir com apenas uma palavra, termo ou frase: “Caraca, uma palavra. Altruísmo (VI8)”. Assim, as motivações dele aparecem de fato a tender mais para o lado interpessoal do espectro.

Os achados nas respostas dos entrevistados parecem estar de acordo com o relatado por Wearing e McGehee (2013) quando dizem que as motivações dos turistas voluntários são fluídas, podendo para uma única pessoa, oscilar em um espectro de extremos egoísticos e altruísticos. Mesmo os turistas voluntários rasos podem possuir motivações interpessoais e os profundos terem motivações pessoais. Não se presume, portanto, categorizar as motivações dos participantes da viagem à Índia de forma definitiva e rígida, mas sim verificar os relatos dados em determinado momento, para uma viagem específica em um contexto mutável por experiências de vida, expectativas pessoais e inúmeras outras variáveis que podem se modificar e apresentar outros resultados em análises de outras viagens futuras.

6.3 TIPOS DE SABERES

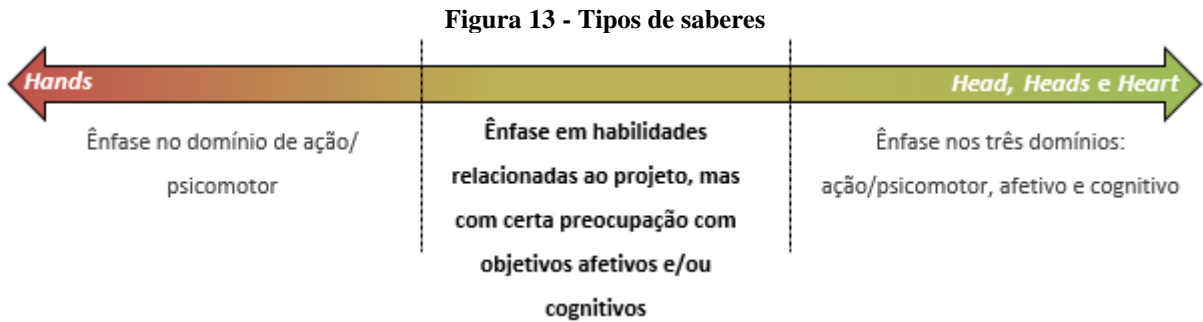
Na atuação dos turistas voluntários no projeto da Índia, buscou-se enquadrar as atividades realizadas no framework de Sipos, Battisti e Grimm (2008) com a intenção de verificar se as atividades realizadas durante a viagem seriam propulsoras da AT, envolvendo os três domínios de aprendizagem propostos pelos autores. Na figura 12 o framework foi então adaptado para o que de fato ocorreu nos dias em que o grupo esteve voluntariando no orfanato e viajando pelo país:

Figura 12 - Domínios de aprendizagem – Grupo Índia



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Para fins de análise dessa etapa, a figura 13 representa o resultado do que foi coletado durante as observações das atividades no orfanato e na viagem como um todo. No extremo esquerdo, está o foco no domínio psicomotor, de ação e que era o esperado de ser mais utilizado na viagem para a Índia, dado o propósito de pintura e renovação. Em destaque, no centro, o que foi encontrado para a presente pesquisa: uma ênfase nas habilidades relacionadas à atividade principal e uma certa preocupação/ocorrência de atividades e eventos que proporcionaram a aprendizagem pelos domínios cognitivo e afetivo. Já o extremo direito, seria destacado caso todos os domínios tivessem sido amplamente utilizados durante a viagem, porém como analisado a seguir, não foi o que ocorreu.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Existem alguns fatores limitadores que devem ser levados em consideração para a análise e que fogem do controle dos participantes tais como: o tempo de duração da viagem, tipo de atividade realizada, formação do grupo e roteiro. A duração da viagem é determinada pelo agente intermediador junto com o operador logístico local e preço do programa, datas escolhidas e disponibilidade são variáveis que influenciam esse fator. O tipo de atividade que será realizada é definido entre o agente intermediador e o projeto social que irá ser auxiliado, portanto é importante escolher algo que faça sentido para o projeto, que seja viável para o agente intermediador captar interessados. A formação do grupo deve ser otimizada pelo agente intermediador, pois se a intenção é prestar atendimento médico em uma área remota é preciso que o grupo seja composto por turistas voluntários da área da saúde, por exemplo - no caso da viagem à Índia, era necessário ter participantes com habilidades artísticas. Quanto mais específico for o objetivo da viagem, mais difícil será a captação de participantes e, portanto, maiores os custos. O conjunto dessas variáveis é determinante para a elaboração do roteiro da viagem. Como visto pelo exposto nas motivações, a Índia é um país que desperta bastante o desejo turístico de conhece-la, portanto é provável que atraia um público mais identificado como turistas voluntários rasos ou intermediários e, conseqüentemente, se torna mais favorável à formação de um grupo que não exija habilidades muito específicas, sendo a renovação e pintura um objetivo que facilita a formação do grupo, desde que exista a demanda por parte de algum projeto social. Assim, a inclusão de elementos turísticos na viagem permite, o que foi relatado por VI6 e VI7, unir o útil ao agradável - mas com a conseqüente redução de tempo para as atividades de fins sociais.

O roteiro é, portanto, uma espécie de limitador do quanto pode ser feito dentro daquele espaço de tempo e ele é criado sem a participação dos turistas voluntários que precisam se adaptar a ele. Ele é um afinilamento do tempo de duração da viagem, pois em 12 dias seria possível dedicar-se exclusivamente ao projeto social, com mais impacto positivo obtido, mas então talvez não houvessem interessados na viagem. É um equilíbrio que precisa ser

adequadamente gerenciado pelo agente intermediador o qual deve estimular os participantes a se engajarem utilizando os diferentes domínios de aprendizagem dentro desses limites.

Enquanto as motivações e classificações eram movidas e geradas por vontades, desejos, expectativas ou características dos participantes e, portanto, válidas de serem analisadas individualmente, a utilização de diferentes tipos de saberes é parte de um contexto mais grupal do que individual e com grande participação do agente intermediário em sua ocorrência. Portanto, torna-se mais lógico que a análise seja feita vendo a viagem como um todo e não sob a ótica de cada integrante do grupo. Assim, conclui-se que em outro contexto, outra viagem, dentro de outro roteiro, existe a possibilidade de que o mesmo grupo pudesse apresentar resultados diferentes, que tendessem mais para um extremo ou outro.

6.3.1 Head

No domínio cognitivo, os participantes puderam atuar no planejamento de como as atividades de pintura seriam realizadas. No primeiro dia de visita ao projeto, os participantes foram recebidos pela equipe de funcionárias e coordenação do orfanato, podendo visualizar os ambientes em que deveriam ser realizadas as atividades de pintura. Como mencionado anteriormente, nem todos os integrantes possuíam habilidades específicas para desenhar, portanto o grupo precisou se organizar de maneira que cada um pudesse contribuir de alguma maneira para que o trabalho pudesse ser concluído dentro do prazo limitado que havia. Assim, deu-se início às conversas com a coordenação do projeto para ver o que eles achavam que era necessário para os diferentes ambientes: sala de aula, salão interno com corredor, e a fachada externa. Os trabalhos seriam realizados no segundo andar, pois no primeiro andar um outro grupo de voluntários já havia feito pinturas, tanto internas quanto externas e, após o diálogo inicial, foram escolhidas as temáticas de cada ambiente dando início à segunda etapa do planejamento: o rascunho e sugestão de ideias do que poderia ser feito em cada um deles. Na fachada do segundo andar, optou-se então por dar seguimento à temática já feita pelo grupo anterior, com desenhos da natureza e da religião local. Na sala de aula o grupo tinha disponíveis 4 paredes para realizar as pinturas e optaram, com participação da coordenação do orfanato na definição da escolha, por realizar desenhos voltados para a geografia, anatomia, ciência e alfabetização. No salão interno, os desenhos davam continuidade aos da fachada, com a temática da natureza enquanto no corredor optou-se por apenas deixar as paredes preparadas para receber pinturas futuras devido ao curto prazo da viagem. O planejamento também incluía a decisão do que comprar de materiais como tintas, pincéis, máscaras, régua, lixas, canetas,

etc. custeados por parte do valor pago por cada integrante do grupo à Exchange do Bem e era revisado ao término de cada dia de trabalho,

Importante ressaltar que o domínio cognitivo, com relação ao planejamento, foi utilizado apenas com foco na resolução do “problema” ao qual o grupo havia se candidatado ao se inscreverem para a viagem: a pintura e renovação desses ambientes. Em outras viagens de grupo organizadas pela Exchange do Bem, o domínio cognitivo nesse aspecto foi além das atividades inicialmente propostas, porém possivelmente devido à contratação da mão de obra especializada para o andamento da atividade principal, permitindo que os turistas voluntários direcionassem esforços para outras demandas do projeto também, enquanto que o grupo da Índia dependia exclusivamente dos seus integrantes para a conclusão das atividades principais.

Também inclusas no roteiro, estavam previstas oficinas culturais e passeios guiados onde o grupo poderia aprender sobre os costumes e a cultura local. Entre elas, jantar em uma casa de família, aulas de yoga, vestimentas e danças tradicionais, pintura de hena e tour guiado por Nova Délhi, Agra, Pushkar e Jaipur. Essas atividades são organizadas pelo parceiro local da Exchange do Bem e embora os participantes da viagem em grupo tenham relatado serem bem proveitosas, na percepção do autor, nem todas se encaixam como oportunidades de aprendizagem pelo domínio cognitivo, pois possuem um apelo mais turístico, do que de imersão cultural.

Uma das mais interessantes foi o jantar na casa de uma família indiana onde os participantes puderam conhecer a estrutura familiar tradicional com três gerações vivendo em uma mesma casa, a esposa que sai da sua casa para se juntar ao marido, os pais dele que continuam morando na casa (e que pertencia à geração anterior que antes também morava junto) e os netos; as tradições como preparação dos alimentos, a organização dos ambientes com a importância dada à religião e os deuses hindus com um pequeno quarto para prece e altares e durante o decorrer do jantar, conhecer mais a história daquela família em particular e outros relatos relacionados à vida local. As aulas de yoga, além de proporcionarem benefícios pessoais para o corpo e mente, estavam diretamente relacionadas à cultura local, sendo uma prática creditada a origens indianas. Realizadas todas as manhãs antes do café, tornou-se um hábito para alguns integrantes do grupo como um momento de relaxamento e reflexão, pois não eram apenas os movimentos que eram praticados. O instrutor incluía falas que instigavam os participantes a refletirem sobre a felicidade, a saúde, os privilégios despercebidos que tinham e a simplicidade das coisas ao seu redor. Os passeios guiados por Nova Délhi, Agra, Pushkar e Jaipur em determinados momentos, durante visitas a alguns templos e pontos de interesse eram como palestras sobre a religião e tradições locais, contribuindo para a imersão cultural dos

participantes e comparação com os costumes e tradições do Brasil. Durante visita ao templo de Gurudwara Bangla Sahib em Nova Délhi, da religião Sikh, os participantes observaram a importância do voluntariado para o funcionamento de uma cozinha localizada abaixo do templo onde são servidas 10.000 refeições diárias gratuitamente para a população carente da cidade. Qualquer pessoa pode contribuir no preparo das refeições e, durante a visita do grupo, haviam voluntários estrangeiros participando das atividades da cozinha também. Outros momentos, como a visita ao Taj Mahal, apesar de proveitosa, foi com um foco bastante turístico. Similar, mas ao mesmo tempo diferente, a ida até a cidade de Pushkar e o deserto próximo proporcionou momentos de imersão cultural, turismo e de visões de outra realidade: a das condições extremamente precárias em que parte da população local vivia e o comércio se organizava em torno da visita principalmente de estrangeiros à região – conhecida como um local de peregrinação para hindus e sikhs. Ali, tradições milenares se misturavam a um comércio frenético de souvenirs, roupas, bijuterias e cigarros, dificultando em certos momentos a percepção de que ali era um lugar considerado sagrado para as religiões. As oficinas de dança, vestimentas e pintura de hena não se enquadram, na opinião do autor, em formas relevantes de aprendizado ou reflexão para o estudo aqui proposto, apesar de proporcionarem um conhecimento adicional sobre a cultura local, estariam sendo supervalorizadas ao serem consideradas como de alguma contribuição para um processo de aprendizagem transformadora.

Apesar de não estarem diretamente relacionadas às atividades desenvolvidas no projeto, as oficinas culturais e alguns dos passeios contribuía para a inserção dos participantes em um contexto muito mais amplo. Afinal, a realidade de uma nação e toda uma cultura não se restringem apenas ao que era vivenciado no orfanato, mas sim à inúmeras outras variáveis que, combinadas por cada participante e suas próprias percepções, permitiriam aos integrantes fazer sentido da experiência da viagem.

6.3.2 Hands

Domínio de aprendizagem predominante na viagem em grupo para a Índia, praticamente todo o tempo no projeto foi dedicado a atividades que envolvessem a ação do que havia sido planejado para o orfanato antes da viagem pela Exchange do Bem e ao chegar no projeto pela interação do grupo com a equipe local. Ao mesmo tempo em que outras atividades, mencionadas anteriormente foram importantes para que os participantes pudessem vivenciar e conhecer mais sobre o país, consumiam tempo valioso para a correta prestação e finalização das atividades de voluntariado. Os desenhos eram feitos por VI2, VI4 e VI8 enquanto os demais

integrantes se dividiam para colorir eles e acrescentar outros elementos ao desenho que não exigissem tanta aptidão para fazer os traçados na parede. Também eram realizadas atividades de recreação por alguns dos voluntários com as crianças do orfanato, quando possível, visto que a viagem ocorreu durante o período escolar e, portanto, quase todas estavam frequentando a escola no horário do trabalho do grupo. Isso permitiu um foco maior nas atividades de renovação, porém impactou a interação e possibilidades de conexão com as crianças.

Inicialmente, ao ver o trabalho que havia sido feito pelos outros voluntários no primeiro andar, houve um sentimento de insegurança, pois o grupo anterior contava com artistas profissionais e gerou a preocupação que os desenhos se destoariam muito em termos de qualidade. Contudo, isso contribuiu para que, com o passar dos dias e o andamento dos trabalhos, os integrantes fossem vendo que tinham mais capacidade e habilidade do que pensavam e foram ganhando confiança para incrementar e melhorar a proposta inicial. Nas entrevistas pós viagem, que serão relatadas em um próximo capítulo, é comum ver relatos de sentimentos de superação de expectativas, maior autoconhecimento e descobrimento de potencial que antes dessa experiência era desconhecido pelo participante.

6.3.3 Heart

Seguindo o proposto nesse trabalho, idealmente, os programas oferecidos por agentes intermediadores devem oferecer um equilíbrio entre os três domínios de aprendizagem. No entanto, como visto na viagem em grupo da Índia, é preciso avaliar uma grande quantidade de variáveis para que esse equilíbrio seja favorecido (época e duração da viagem, proposta de atividades, fatores locais como calendário escolar, qualificações e habilidades dos voluntários, roteiro, projeto escolhido, logística, entre outros). Posto isso, a avaliação do caso estudado é de que a viagem em grupo da Índia, em termos de quantidade, não permitiu muitas oportunidades de conexão com as crianças do orfanato - ocorreram, mas em momentos esporádicos e não de forma constante. Já considerando a intensidade, quando de fato ocorreu, para alguns mostrou-se importante.

No último dia de trabalho do grupo as crianças não tiveram aula e todas puderam ficar pelo projeto enquanto o grupo finalizava as pinturas e a limpeza do local. Depois, todos foram ao salão do andar térreo onde as crianças e equipe do projeto se organizaram para uma apresentação. Cada integrante do grupo de voluntários se apresentou, falou um pouco de si e sobre o porquê de estar lá. Depois foi a vez da coordenação do projeto e então a de cada uma das crianças se apresentar e, embora não tenham falado sobre detalhes da sua vida pessoal - o

que é compreensível – falaram sobre seus sonhos para o futuro. Os integrantes do grupo pouco conheciam sobre elas até então e foi possível ver o espanto de alguns ao verem que as crianças, apesar de inseridas em condições desfavoráveis para um desenvolvimento sadio, nutriam expectativas alinhadas com habilidades que de fato possuíam e foram desenvolvidas frente a adversidades pelas quais os membros do grupo nunca tinham passado. Uma das crianças esperava um dia poder ser cantor e de fato tinha talento para tal, assim como outra que queria ser dançarino e aprendeu por conta própria a dançar de maneira digna de uma apresentação em um palco, além de criar coreografias as quais ensinou a outras crianças do orfanato. Depois da apresentação de cada um, alguns muito tímidos, outros nem tanto, houve uma confraternização com músicas, danças e interação entre todos os que estavam presentes e onde realmente o grupo se sentiu como parte daquela realidade.

Os eventos desse dia foram assunto entre os membros do grupo por boa parte do tempo até o término da viagem, e serviam de reflexão para muitos deles, porém evidencia um aspecto ao qual precisa ser dada muita atenção ao se tratar do turismo voluntário: a desigualdade de trocas. Enquanto para os integrantes do grupo aquele dia foi algo que pode tê-los marcado ou surpreendido, possivelmente fazendo-os refletir sobre o que vivenciaram e trazendo isso consigo de volta para o Brasil, para as crianças do orfanato a experiência não aparenta se traduzir da mesma maneira, pois não houve oportunidade de aprendizado na mesma proporção já que os turistas voluntários conheceram muito mais a realidade delas, enquanto o inverso não se aplica. Consoante com esse pensamento, VI8 comentou sobre essa percepção antes mesmo da viagem, em parte pelas experiências prévias com o trabalho voluntário que realizava no Brasil: “Eu acho que a gente vai fazer um trabalho lá, mas quem recebe mais é a gente, cara. Nessa troca aí quem ganha mais é a pessoa que dedica no caso (VI8)”.

Se as crianças do orfanato estão conseguindo desenvolver habilidades dentro do projeto e elas mantêm uma expectativa positiva para o futuro, é um indicativo de bom funcionamento do projeto onde a participação dos voluntários, dado o curto período de estadia, se torna superficial dentro do contexto da aprendizagem pelo domínio afetivo ao considerarmos ambas as partes. No domínio cognitivo, ocorreu o diálogo com o projeto e a troca de ideias para a realização de atividades que satisfazem as necessidades propostas no programa. No domínio da aprendizagem psicomotora os integrantes do grupo obtiveram ganhos pessoais em termos de autoconfiança enquanto o orfanato teve o recolhimento de verba para a compra de materiais utilizados nas renovações e parte de sua infraestrutura melhorada. Já no domínio afetivo a troca, para essa viagem, não se deu de maneira proporcional, mas menciona-se isso apenas como uma observação e cuidado necessário ao elaborar os programas de turismo voluntário, pois para fins

de avaliação da ocorrência de AT pelos participantes do grupo, a experiência ainda pode se constituir como válida.

6.3.4 Head and hands

Na combinação de domínios de aprendizagem psicomotora e cognitiva, a proatividade dos participantes impulsionou a criatividade para ideias de desenhos e arte que se encaixassem nas temáticas escolhidas em conjunto com o projeto. Na sala de aula por exemplo, na temática de geografia, foram desenhados um mapa-múndi, um mapa da Índia e um mapa do Rajastão; na temática das ciências o sistema solar; um desenho de corpo humano para o ensino das partes constituintes para a anatomia; e um alfabeto. A escolha por cada um desses desenhos partia de ideias, pesquisas de referências, diálogo com o projeto e que estivessem de acordo com a capacidade artística dos integrantes do grupo. Foi possível observar um processo de evolução quanto à confiança do que poderia ser feito, com a sensação inicial de não terem capacidades para realizar os trabalhos sendo substituída pela vontade de acrescentar cada vez mais detalhes aos desenhos conforme iam sendo finalizados. Outro episódio que pode ser relacionado a combinação desses domínios e que foi o ponto inicial de integração entre o grupo e as crianças, foi no segundo dia de visita ao projeto, quando o grupo observou que haviam poucos brinquedos e jogos em boas condições para as crianças do orfanato, então se organizaram para fazer a compra desses materiais como bolas de vôlei, futebol, jogos educativos, lápis de colorir, livros e revistas.

6.3.5 Hands and heart

Alguns voluntários se revezavam entre a pintura e a utilização dos materiais adquiridos com as crianças quando algumas não iam à escola e tinham tempo livre para interagir com o grupo. A partir dessa interação, observou-se uma aproximação maior dessas crianças e que resultou em atividades que também envolviam os domínios psicomotor e afetivo. Antes, no entanto, é interessante ressaltar que nem todos os voluntários participaram dessa interação inicial dos jogos e brincadeiras e, portanto, podem nem ter percebido que elas foram importantes para que as crianças começassem a interagir com o grupo durante as atividades principais e se aproximassem para participar também. Houve uma interação interessante onde um dos jovens do orfanato tinha talento para desenhar e, uma outra criança quis mostrar para o grupo um desenho que esse jovem havia feito de um pavão. VI8 se interessou pelo desenho e

conversando com o jovem, fizeram uma versão dele que foi pintada na fachada. Outras crianças também passaram a participar da pintura externa desenhando pintando coisas simples como grama e flores, sendo um tipo de interação diferente da que havia sido feita antes com jogos e atividades esportivas. Aqui eles estavam participando diretamente da contribuição que o grupo de turistas voluntários estava tentando deixar para eles, a troca de ideias não mais envolvia apenas o grupo e a coordenação do projeto, mas também as crianças do orfanato dando, de certa maneira, um sentimento de empoderamento a elas. Os integrantes do grupo já conheciam os nomes das crianças, dialogavam mais com elas, eram recebidos na chegada ao projeto e de forma geral passavam mais tempo com elas, conhecendo-as melhor.

6.3.6 Head and heart

A viagem para a Índia tinha o propósito da renovação e pintura de salas e outras áreas do orfanato. No entanto, o projeto tinha também outras dificuldades e o diálogo com a coordenação permitiu que os voluntários se engajassem na solução de uma delas por meio da doação de uma quantia em dinheiro utilizada para o pagamento das taxas escolares de 4 crianças para o ano de 2019. Embora pequena frente à necessidade de despesas dessa natureza para 40 meninos, o montante doado pode ser ligado aos domínios cognitivos e afetivos dada a identificação de problemas não relacionados ao propósito da viagem e ao contato e envolvimento com as crianças, determinantes para que se buscasse auxiliar o projeto de alguma outra maneira além do propósito da viagem. Essa ação não envolve o domínio psicomotor, mas está relacionada ao afetivo, pois houve a reflexão sobre os valores da educação na vida das crianças, sendo o dinheiro destinado especificamente para essa solução em detrimento de outras possibilidades nas quais poderia ter sido aplicado (medicamentos, roupas, melhorias de infraestrutura, etc.).

6.3.7 Head, hands and heart

A utilização dos três domínios de aprendizagem, ao olharmos as atividades e eventos ocorridos de forma conjunta, pode-se constatar que ocorreu, porém não se as atividades forem avaliadas individualmente. Não necessariamente por falta de engajamento do grupo para uma abordagem mais holística, mas também, por exemplo, por falta de comunicação entre projeto e agente intermediador em alguns momentos. Durante as conversas com a coordenação do projeto, após o grupo já estar na Índia e ter identificado outras necessidades como das matrículas

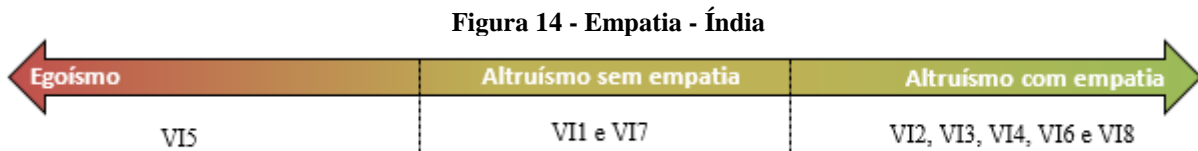
escolares, verificou-se também que duas pequenas hortas no pátio do orfanato estavam produzindo menos que o esperado e não eram muito bem-dispostas, ficando quase que no caminho de quem chegava e entrada no prédio do projeto. Se o agente intermediador, no caso a Exchange do Bem, tivesse identificado tal demanda com antecedência, antes da viagem ou tivesse sido informado sobre isso, poderia ter buscado integrantes para o grupo com conhecimento no assunto para tentar auxiliar em melhorias na área. Tal atitude, se tivesse ocorrido, poderia ser classificada nos três domínios de aprendizagem por necessitar do domínio cognitivo para a identificação do problema e de possíveis soluções, do domínio psicomotor para aplicar soluções encontradas e do afetivo por querer ir além do que havia sido inicialmente proposto, atendendo uma necessidade básica do projeto voltada à alimentação das crianças e que permite o envolvimento emocional. Analisando pelo lado da iniciativa dos participantes, um exemplo do que poderia ter acontecido era com relação a descuidos e hábitos de higiene das crianças ao andarem descalços pelo pátio, não lavarem as mãos para comer e desconsideração pela oscilação de temperaturas ao longo do dia. Dada a fragilidade de algumas delas devido ao HIV, a elaboração de cartilhas ou organização de palestras voltadas à prevenção de doenças e cuidados que poderiam ajudar a reduzir os riscos, tanto para as crianças quanto a coordenação do projeto, poderiam ter sido feitas.

6.4 EMPATIA

Próxima etapa no framework proposto para a presente pesquisa, conforme descrito no referencial teórico, segundo Batson (2002), a empatia pode ser uma fonte para a motivação altruística. Estando constatada a sua presença nas emoções relatadas pelos participantes, somadas as motivações interpessoais, pode ser um fator a mais que favoreça o processo de AT. No entanto, de difícil análise pelo método observacional, por ser um sentimento intrínseco, a avaliação da presença do sentimento de empatia foi feita durante a entrevista após o retorno da viagem, segundo relato de cada participante.

Visto que as motivações foram levantadas no período pré-viagem e alguns participantes estavam buscando esse tipo de experiência pela primeira vez, as motivações iniciais poderiam ter influências de outros fatores como, por exemplo, insegurança, receio e desconfiança. Era esperado que fosse relatada pelos turistas voluntários profundos, talvez em alguns intermediários e não nos rasos, pois a empatia evidencia um olhar mais voltado para fora de si, altruístico e em direção ao outro, o que é consoante com a ocorrência da AT. Na figura 14 são separados os turistas voluntários que não mencionam sentimentos/emoções de empatia ou

altruísmo, os que mencionam ou deixam evidente apenas o altruísmo (que existe, porém sem empatia pode servir também a interesses próprios), e os que relatam a presença de altruísmo com empatia.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

6.4.1 Egoísmo

O egoísmo, em uma das extremidades do framework, ficou mais evidente que os aspectos altruísticos na conversa com VI5. Ao ser perguntada se acredita que a experiência foi mais altruística ou egoística relatou “No meu caso foi mais voltado para o pessoal, eu acho. Percebi que contribui mais para mim mesma do que para os outros, mas mesmo assim valeu muito a pena (VI5).” Em outro momento da entrevista é retomada a questão dos sentimentos e emoções, e questiona-se quais delas a viagem despertou:

Difícil descrever, mas eu sinto muita saudade. Quando a gente está lá acho que a gente não tem tanta noção de como foi bom. Hoje eu olho sempre as fotos com saudade dos colegas, de estar lá. Foi uma experiência muito legal. Tenho muita vontade de fazer de novo. Eu já viajei para muitos lugares, mas essa foi, com certeza, a melhor viagem que eu já fiz (VI5).

Há a menção do grupo e das amigas, de ter gostado da experiência e de ter sido a melhor viagem que já fez, confirmando a afirmação dada na pergunta anterior de que o lado pessoal ficou mais evidente para essa viagem, já que não são mencionadas as crianças ou o projeto.

6.4.2 Altruísmo sem empatia

Para VI1 a experiência não foi forte o suficiente para promover ligações emocionais com as crianças e corrobora o que já foi mencionado anteriormente sobre as limitações da viagem:

Olha, de interação com as crianças eu vou falar que foi fraco, porque tivemos pouquíssima interação com elas, acho que a pessoa que mais teve foi a VI2. Mas eu vou te falar que aquele último dia foi durinho, aquela homenagem que fizeram para nós, da dança e quando a gente interagiu mesmo, mas deixar o “filho” da VI6 também foi difícil. Aquele menininho era muito engraçadinho. E repetia o que a gente falava em português, isso que é foda (VI1).

Consequentemente, a empatia não é mencionada durante a entrevista, porém o lado altruístico aparece de certa maneira ao falar sobre o esforço para atingir o propósito e objetivos da viagem, que visavam a melhoria de infraestrutura do orfanato:

Então eu acho que a nossa interação foi muito pouca com as crianças, eles chegavam quando estávamos indo embora. Mas eu também acho, Francisco, que nesse caso não era esse o nosso objetivo, era auxiliar com a necessidade do orfanato. Não era interagir com as crianças. Então qualquer interação que tivemos com as crianças foi lucro, gostaria de ter tido mais, mas dei tudo de mim durante nosso trabalho, pois o voluntariado era o nosso foco (VI1).

Da mesma maneira, ao ser questionada sobre a relação com as crianças do projeto, se surgiram momentos de empatia, em que pôde se colocar no lugar delas, VI7 comenta sobre a falta de interação com as crianças, mas mais pela falta de jeito para isso:

Francisco, nesse aspecto eu sou bastante honesta, eu não sei brincar com criança. Eu não sei nem como eu consegui criar um filho meu, porque eu não sei brincar. E também, porque, em muitas coisas eu não vi. Na verdade, eu não fiquei atenta à programação. Eu perdi muita coisa ali porque eu fiquei na minha fazendo as minhas tarefas. Eu não interagi. Se você me perguntar se houve interação com algumas crianças ali, eu não interagi com nenhuma, a não ser aqueles meninos que chegaram perto. Eu perguntava para eles se eles queriam ajudar a pintar. Mas no grupo inteiro não. Só a guriuzinha, que eu ficava conversando com ela (VI7).

Indagada se acredita que essa falta de interação prejudicou as expectativas da viagem, retoma as motivações iniciais as quais apresentam elementos de altruísmo:

Acredito que não, eu tinha o propósito de fazer algo diferente para o meu aniversário e de alguma maneira retribuir o que eu recebi durante todos esses anos, proporcionar algo que ajude alguém. A maneira de retribuir foi auxiliando naquilo que o orfanato propôs para nós e é mais meu jeito sabe, acabo ficando muito focada nessa parte de cumprir os objetivos e acho que as crianças gostaram bastante do trabalho, por isso fico feliz com isso (VI7).

Essa resposta é relacionável com a hipótese de que indivíduos emocionalmente carregados por empatia ajudam outros para se sentirem felizes consigo mesmo ao receberem um *feedback* positivo de quem foi ajudado. No entanto, essa hipótese é descartada por diversos estudos, que acabam apoiando a relação da empatia com o altruísmo verdadeiro, portanto foi considerada como desprovida de empatia (BATSON, 2002).

6.4.3 Altruísmo com empatia

A empatia acaba sendo percebida em relatos da maioria dos participantes, até mesmo de alguns que foram classificados como turistas voluntários intermediários, como VI3 e VI6. No caso de VI3, o último dia de interação com as crianças do orfanato foi o momento mais intenso da experiência e onde ela pôde ter esse sentimento:

Aquele episódio que a gente teve no final, de perguntar o que eles esperavam do futuro e vários ali querendo as profissões mais diversas, de engenheiro a dançarino. Mostram que eles pensam que existe um fio de esperança por uma vida melhor e eu acho isso sensacional, foi o que mais impactou, ver elas numa situação bem complicada e mesmo assim com muita esperança, com otimismo e felicidade. [...] Acho que ali deu pra se colocar no lugar delas de verdade, aquela atividades, todo mundo dançar junto, falar, ficou todo mundo no mesmo nível, sabe? Eu achei, foi o momento que me marcou (VI3).

Benson (2010) já trazia relatos de indivíduos que declararam posturas menos egoísticas no pós-experiência, principalmente no que diz respeito ao trato com o próximo – seja em ambientes familiares, como em profissionais ou comunitários. Semelhante situação é encontrada no relato de VI3. Também, o fato desse episódio ter ocorrido no último dia no orfanato é algo poderia ter sido organizado também para a chegada. Foi um evento de agradecimento e despedida, mas algo similar poderia ter ocorrido nos primeiros dias, quando o grupo estava conhecendo o projeto, para reforçar as oportunidades de surgimento de emoções empáticas e de conexão com os atendidos pelo orfanato. Como VI3 já tinha participado de outra viagem de turismo voluntário, aproveitou-se a oportunidade depois dessa resposta para questionar a diferença entre as duas experiências no sentido de empatia e sentimentos que ambas despertaram:

Eu acho que na outra viagem eu fiquei mais próxima das crianças do que dessa vez, mas eu acho que dessa vez teve uma imersão cultural um pouco maior, até pela questão do turismo. Até sobre isso, acho que aí você consegue conhecer um pouco do país e isso pode favorecer o impacto que você deixa na comunidade, quem sabe? Então você perde de um lado, mas ganha de outro também. Mas voltando, em Gana o foco era só o projeto, você acaba vendo o projeto como se fosse o país, entende? Os sentimentos eram mais intensos, até pelo tipo de atividade que era focada na criança e não na estrutura física do projeto. Mas é importante saber que há diversas maneiras de ajudar e de se doar e acho que as duas experiências têm o seu mérito e valor. O importante é querer ajudar eu acredito (VI3).

Pela resposta vemos que VI3 percebeu uma conexão emocional mais forte com o projeto durante outra viagem de turismo voluntário, enquanto a da Índia permitiu uma visão mais ampla da cultura e realidade do país. Há, portanto, pontos positivos nas atividades fora do projeto, visto que também podem proporcionar uma visão de realidades diferentes, imersão cultural e

consequentemente reflexões sobre isso. Mais uma vez, tal resposta apresenta mais um reforço na ideia de que o agente intermediador é, de fato um agente – com poder de agência – nas interações entre ele, os turistas voluntários e a comunidade local do destino da viagem, não podendo se contentar a atuar meramente como operador comercial nesse tipo de serviço.

Para VI6, questionada sobre o que a viagem despertou em termos de sentimentos e emoções, comenta sobre a alteridade, conceito que identifica a existência do “eu” a partir do “outro”, podendo ser relacionado diretamente com a empatia:

Acho a questão da alteridade, que eu tinha essa questão de olhar para outra cultura mesmo, para poder ver como que nós somos diferentes culturalmente, digamos assim, o ser humano é o mesmo, mas algumas coisas culturalmente são diferentes. Acho que a gente está falando muito nesse sentido de ter essa capacidade dos laços. Porque eu, de ver os meninos lá, a gente fica com vontade de levar os meninos para o Brasil e botar eles num canto bom (VI6).

Elaborando um pouco mais a questão de trazer os meninos para o Brasil, comentou “Não que na Índia eles não poderiam ter mais oportunidades com as pessoas de lá, é que a gente pensa no que nós poderíamos fazer pessoalmente, e aqui é onde temos como ajudar mais (VI6).”

Tanto VI3 como VI6 haviam sido classificadas como turistas voluntárias intermediárias, com uma mistura de motivações interpessoais e pessoais, mas que, durante as atividades e convivência no projeto, demonstraram sentimentos empáticos e altruísticos. O contexto pessoal, conforme Taylor (2007), é chave no processo de AT – que retira de si o foco da sua visão de mundo – e, portanto, pode-se inferir que também é capaz de influenciar no surgimento dessas emoções. Como já havia sido mencionado, VI3 ajuda na coordenação de uma ONG em paralelo ao seu trabalho profissional, que é voltado para o setor de políticas públicas de uma empresa privada e já realizou outras experiências de turismo voluntário, além de residir em outro país durante sua pós-graduação. Esses fatores podem contribuir para que desenvolva um olhar mais empático e atitudes mais altruístas, assim como VI6 que já fazia trabalho voluntário no Brasil e tinha bastante interesse na questão da adoção, fato descoberto apenas durante a entrevista pós viagem:

Eu sempre tive muitas voltas com essa questão da adoção, até por isso que eu escolhi o orfanato mesmo, mas uma coisa que eu sinto depois que eu voltei da viagem, que era uma ideia que eu estava namorando há um tempo, é procurar saber, porque a lei relacionada com adoção no Brasil está mudando, tanto o governo quanto ONGs estão fazendo um movimento de implementar outras medidas que melhora, que facilite o processo de adoção (VI6).

Assim, a identificação da situação das crianças do orfanato alinhada com um desejo pessoal e compreensão sobre o assunto pode estimular o surgimento desses sentimentos e atitudes. Como oposto, assim como relatado nos estudos de Kilgore e Bloom (2002), o contexto pessoal pode atuar como inibidor e poderia explicar os relatos de VI5, pois a depressão, a falta de realização profissional e o falecimento da mãe ainda parecem influenciar nas suas motivações e, conseqüentemente, emoções e atitudes.

Como VI2 também já havia participado de diferentes experiências de turismo voluntário, foi perguntada como essa da Índia a marcou:

Eu achei que marcou muito mais essa viagem pelo fato de que eu nunca tinha ficado tanto tempo em um orfanato. Ter conhecido as crianças e o estilo de vida delas, mesmo que foi pouco tempo eu acho que marcou muito. É muito diferente. Foi uma experiência que eu vou levar para o resto da minha vida. Um lugar muito especial com uma energia muito boa. Mesmo que as crianças passem por muita necessidade e muita dificuldade, elas são muito felizes, são muito unidas. Achei muito bonito isso. Acho que a união das pessoas, no meio de tanta dificuldade, elas se ajudam muito. E foi uma coisa que eu vi muito na África do Sul também. Eu achei os países parecidos nessa parte (VI2).

Antes, havia atuado em creches e em uma escola, sendo essa a primeira viagem para um orfanato. A resposta acima não evidencia o altruísmo dela nessa viagem, mas a sua percepção de que ele está presente nas pessoas que estão envolvidas com os projetos, algo que não tinha sido relatado até então por outros participantes. Aqui, reconhece as qualidades e força de vontade para superação dos problemas que parte deles mesmos e não graças ao auxílio dos turistas voluntários, contrariando as possíveis interações com enfoque neocolonialistas mencionadas por Palacios (2010). A presença de empatia e altruísmo também ficam evidentes no relato abaixo:

Eu tenho esse negócio de me colocar no lugar do outro. Se eu estivesse aqui, eu gostaria que as pessoas viessem me ajudar. Eu vi coisas que eu fiquei triste. Ontem, mesmo que tenha sido um momento muito feliz, eu fiquei com vontade de chorar de ver essas crianças maravilhosas e elas não terem oportunidade. Às vezes, eu vejo as pessoas com tanta oportunidade, até na minha faculdade, mas não estão nem aí. Você vê eles (as crianças) e alguns já são mais velhos, e você pensa “Provavelmente, essa pessoa não vai ter uma família no futuro”. Eu me sinto muito mal às vezes de ter que ir embora. É muito bom você ajudar se você vai trazer alguma mudança para a vida da pessoa, mas depois eu fico pensando “E depois, a vida inteira dele ele vai ter que passar assim?”. [...] Eu espero, realmente, que a gente tenha trazido um pouco de felicidade para essas crianças. Por exemplo, ontem que a gente escutou o que elas queriam ser. Espero que elas tenham ficado felizes que a gente teve um tempo de sentar com elas, escutar, aplaudir, incentivar de alguma forma a seguir os sonhos delas mesmas. Se a gente incentivar elas a correrem atrás do que elas querem, talvez no futuro elas consigam ter uma vida melhor, que elas consigam sair daqui e, talvez, ajudar o orfanato depois, de alguma forma (VI2).

A preocupação com mudanças que tenham um impacto duradouro e a vontade de ajudar também estão relacionadas à classificação de turistas profundos e motivações interpessoais. Além disso, identifica a reflexão do tipo de auxílio que é prestado, do momento posterior a saída dos turistas voluntários e a consciência de que os problemas sociais do local irão persistir caso não haja uma continuidade do trabalho por outros atores. Para VI8 a reflexão também ocorreu a partir do trabalho realizado, porém para um lado mais do autoconhecimento, também apresentando surgimento de empatia e altruísmo:

Então, acho problemas assim tem por tudo, saca? Mas lá eu pude ver que é muito uma coisa de perspectiva, porque eu no lugar deles não sei se ia ter esse otimismo e alegria que eles tinham. Foi muito maneiro, te faz repensar algumas coisas. E acho que, no final, eu saí com um sentimento de missão cumprida, de ter conseguido ajudar da maneira que eu podia, com os desenhos, com a arte. Olha que loucura né, a gente nem sabe que pode ajudar desse jeito às vezes, mas foi (VI8).

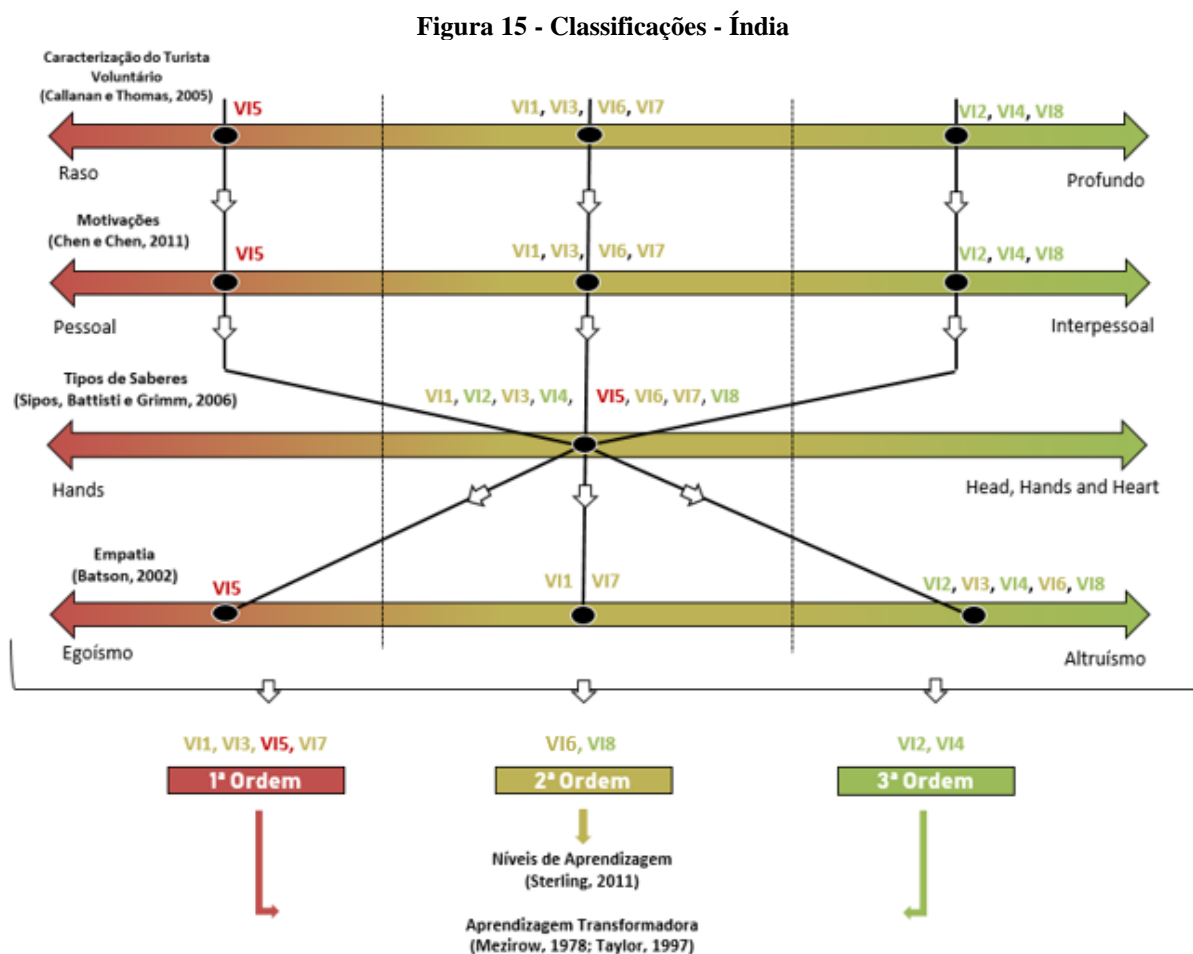
Assim como VI8, para VI4 as atividades desenvolvidas e o trabalho concluído tiveram ligação direta com o sentimento de empatia:

O que mais me marcava era quando eles vinham da escola, subiam e viam a pintura progredindo. Os olhos deles brilhavam e eles tentavam se comunicar com a gente. Teve um que falava comigo, mas o inglês dele era bem fraco e eu fingia até que eu entendia, mas eu não entendia, mas ele sorria sempre e eu fiquei imaginando depois eles todos estudando lá, podendo aproveitar isso para o desenvolvimento deles. Isso foi o que mais me tocou, pois deu a sensação de que estava ajudando mesmo (VI4).

Esse relato também pode ser ligado ao conceito de alteridade, mencionado antes por VI6, pois mostra a interdependência do “outro” e do “eu” na interação entre VI4 e as crianças do orfanato. Além disso, interessante evidenciar que VI2, VI4 e VI8 eram os que possuíam as habilidades necessárias para atuarem no projeto dentro do que havia sido proposto (pintura e renovação) e foram os que relacionaram o trabalho que foi feito com o altruísmo/empatia. No caso, VI2 fez essa relação na entrevista pré-viagem, conforme mostrada na seção de avaliação das habilidades para classificação no framework de Callanan e Thomas (2005), enquanto VI4 e VI8 a fizeram na entrevista pós-viagem, mostrada nessa seção. Isso mostra que pode haver uma relação entre habilidades do turista voluntário, trabalho realizado e os sentimentos evocados por causa dessa atuação. Se confirmada, também reforçaria a importância que deve ser dada para o alinhamento de habilidades e necessidades entre participantes e projetos.

6.5 APRENDIZAGENS ADQUIRIDAS: ORDEM DE MUDANÇA - ÍNDIA

Durante as etapas anteriores, os participantes da viagem para a Índia foram classificados dentro do framework proposto para essa pesquisa, a qual utiliza as diferentes teorias elencadas no referencial teórico para dar embasamento às classificações e a posterior análise das aprendizagens adquiridas durante a experiência de turismo voluntário, incluindo o processo de AT, caso fique evidenciado sua ocorrência. Na figura 15 é possível verificar o caminho percorrido pelas classificações de cada voluntário até o momento das aprendizagens adquiridas:



Fonte: Elaborada pelo autor (2019)

Ao buscar saber quais os tipos de aprendizagens que podem ser adquiridas em uma viagem de turismo voluntário, foram identificados os diferentes tipos de pessoas que buscam esse tipo de experiência; as motivações pessoais e interpessoais que norteiam essa busca; os tipos de saberes que podem estar presentes e dos quais os turistas voluntários podem fazer uso; e se é possível que ela seja, verdadeiramente, uma experiência altruísta. Porém, assim como a AT e outras aprendizagens, a viagem de turismo voluntário não é uma fórmula exata, é um

processo com diferentes contextos e variáveis de difícil mensuração onde será possível verificar tendências e possibilidades.

Posto isto, para as entrevistas pós viagem os participantes foram questionados com relação à mudança de três níveis: 1º ações, ideias ou teorias; 2º normas, suposições, crenças ou valores; e 3º visão de mundo/sociedade seguindo o modelo de Sterling (2011).

6.5.1 Primeira ordem

Começando por VII, questionada se depois da viagem ela voltou fazendo algo diferente do que fazia antes, responde:

Eu voltei querendo continuar o voluntariado, mas a gente volta para a rotina, tem que trabalhar, tem que pagar conta no final do mês e eu acho que eu também tive as minhas vontades, mas continuo focada, que ano que vem farei de novo, de uma forma diferente, um outro tipo de projeto. Porque hoje eu não consigo encaixar na minha vida, fazer uma coisa a mais como a VI4 que começou um lá em Recife, só que ela ainda não trabalha, só estuda. Então aí fica mais fácil de fazer. Você volta para sua rotina, você trabalha e estuda, como é que você vai fazer? Chega final de semana você está morto, quer só descansar para a semana seguinte, então eu voltei com a vontade, mas para mim a vontade é continuar fazendo isso da forma que eu possa, que é no tipo de viagem da Exchange do Bem (VII).

Aqui, fatores externos como o trabalho, rotina e outros compromissos se apresentam como desafios e que insere o turismo voluntário como alternativa para os tempos modernos. Se estamos cada vez mais envolvidos com nossos problemas, nossos afazeres e o que vemos como obrigações, o “outro” tende a ser algo cada vez mais distante. Nesse sentido, foi questionada sobre como enxerga as relações interpessoais:

Bem mais distantes. [...] Eu acho que a tecnologia afastou muito a gente. Por exemplo, a gente não liga mais para as pessoas para dar parabéns. As pessoas mandam uma mensagem no Instagram, no Facebook, no WhatsApp. As pessoas estão querendo se falar menos pessoalmente do que chegar e ter a proximidade, de ter uma pessoa ao lado. Vai para a academia, ninguém quer conversar com o outro. Está todo mundo pensando mais na própria vida do que em interagir. Hoje eu vejo as crianças aqui no meu prédio, tem uma quadra aqui no meu prédio, no final do dia eu olho para a quadra e está todo mundo sentado, cada um no seu iPad. As crianças não estão nem aprendendo a ter relação entre elas. Eu acho que estão se distanciando (VII).

Há, portanto, um reconhecimento de que as relações estão se tornando mais distantes, ao mesmo tempo em que sua resposta anterior demonstra uma impossibilidade de se dedicar ao próximo, porém enxerga o turismo voluntário como uma oportunidade para que tais conexões se mantenham ou surjam. Resta saber se a periodicidade com que a participação nessas viagens

é frequente e impactante o suficiente para trazer mudanças. Assim, prosseguindo com a entrevista e perguntando se via essa experiência da Índia como algo que a ajudou a enxergar as coisas de uma maneira diferentes, relata:

Bastante. Eu não sei nem explicar como ou por que, mas essa viagem foi transformadora. Eu acho que foi tão gratificante fazer o que fizemos, da maneira que fizemos, juntou muita coisa e a gente comentou até isso no último dia, que a gente era um grupo que tinha mais personalidades diferentes por metro quadrado, mesmo assim conseguimos, juntos, fazer um trabalho espetacular, vencendo todas as nossas diferenças. Então mudou esse meu olhar em trabalhar com a equipe, porque apesar de nós sermos tão diferentes, nós estávamos trabalhando por um único fim, não adiantava brigar entre a gente porque o nosso fim era o mesmo. Eu nunca tinha feito trabalho voluntário, então para mim foi uma coisa nova, foi tudo novo. Fazer trabalho voluntário num lugar que eu sempre quis ir e a gente acabou vivendo muito a rotina do lugar, a gente não ficou em hotel, então passar pelos perrengues que a gente passou em alojamento muda a gente. Porque a gente tem que retirar alguns pontos que temos, a questão do banheiro, a questão de tomar banho, então isso ajuda dar uma transformada grande (VI1).

Aqui o relato de transformação parece estar muito mais relacionado a mudanças de autoconhecimento do que de visão de mundo. De fato, tais relatos são comuns em trabalhos citados no referencial teórico da presente pesquisa e, enquanto alguns autores enaltecem esse tipo de mudança, outros a criticam por considerar que sejam superficiais e restritos ao turista voluntário, contribuindo para a desigualdade nas relações desse tipo de viagem. Porém, conforme dito no início dessa seção, as aprendizagens são um processo, algo que não ocorre de uma única e repentina vez, e para VI1, tanto o ato de voluntariar, como a experiência de turismo voluntário são expressas como sendo novidades então seria sensato de encarar esse relato como a primeira etapa de um possível processo de aprendizagem. Retirando o foco do nível pessoal e questionando então se via mudanças na maneira de como enxergava o seu papel na sociedade, responde:

Não, eu acho que não porque a consciência continua a mesma. Meu papel na sociedade é sempre ligado ao equilíbrio. Eu preciso sim ter a minha vida profissional, uma vida profissional que eu goste, preciso sim ter uma vida pessoal que eu possa fazer o que eu goste de fazer, independente do julgamento das pessoas. O meu papel como cidadã é buscar criar uma sociedade onde a gente consiga viver em paz. Para isso, eu tenho que fazer a minha parte como cidadã. Mas eu não posso cobrar que o meu bairro tenha segurança se eu não colaboro. Que tenha limpeza se eu joga garrafa de água no chão. O meu papel como cidadã é cumprir os meus deveres como cidadã. É um equilíbrio, eu faço a minha parte e os outros fazem a deles. A questão lá é a cultura que é muito diferente, lá a pobreza está muito mais evidente, em todos os lugares, mas eu acho que não me fez ver de uma maneira diferente não, continuo acreditando que deve haver esse equilíbrio (VI1).

Para VII, a resposta indica que não houve uma mudança de paradigma ou visão de mundo e pode-se inferir que crenças e valores permaneceram os mesmos, descartando então, aprendizagens de 3ª e 2ª ordem. No momento, a aprendizagem de 1ª ordem ocorre ao passo que podem ser identificadas mudanças em ações/attitudes e o relato de transformações pessoais que podem resultar em “fazer as coisas melhor”, mantendo os mesmos hábitos, mas organizando-os de um jeito mais eficiente (encaixar uma viagem de turismo voluntário uma vez ao ano na rotina). Por ser a primeira vez de VII e ter sido uma experiência recente, não se descarta que essa ou outras viagens de turismo voluntário das quais venha a participar possam estimular uma reflexão mais profunda sobre “fazer coisas melhores”.

A participação em experiências de turismo voluntário prévias não garante, no entanto, que a aprendizagem será mais profunda. Para VI3, o trabalho social já faz parte da sua rotina no Brasil e, quando questionada se havia mudado algo nesse aspecto após voltar da viagem fala que não houve mudanças “Não, eu já estava na ONG focado em refugiados e continuo esse trabalho (VI3).”. Reconhece que a rotina acaba influenciando no dia-a-dia e na tentativa de adotar novos hábitos e atividades:

Eu acho que a rotina que pelo menos a maioria dos brasileiros médios está inserida não tem tanto espaço para isso, então você acaba diminuindo a continuidade das coisas que você acabou mudando pós-viagem. Do meu lado, por exemplo, depois que eu voltei eu ainda estava tentando essa parte de ioga, tudo que a gente aprendeu lá também, de espiritualidade, focar mais nisso e com o tempo você vai vendo que sei lá, de cinco vezes na semana passou para três, daqui a pouco teve uma semana que mal existiu. Então acho que sim, acho que a rotina pode ser um empecilho para a continuidade das mudanças (VI3).

Também não foi possível constatar mudanças de percepções significativas ao avaliar os tipos de aprendizagens adquiridas. Quando questionada se enxergava os problemas sociais de maneira diferente, limitou-se a falar sobre as crianças do orfanato:

O que eu enxergo de diferente ou uma coisa que eu não sabia é que as crianças lá têm acesso ao coquetel, de forma pública, eu achava que isso não acontecia na Índia. Também a questão de você conviver com pessoas que são portadores, tinham as crianças que são portadoras, mas tinham uma vida completamente normal, digo de ir para a escola, não estar todo tempo internado ou com alguma doença pela vulnerabilidade, então você vê que muda essa coisa, eu tinha uma visão assim: “são portadores de HIV numa comunidade carente, provavelmente vão estar numa situação de vulnerabilidade, de dia a dia muito acamados”, essas coisas. E não foi o que a gente viveu, então isso mudou (VI3).

A partir dessas respostas é possível inferir que a aprendizagem se restringiu a mudanças de primeira ordem, visto que a viagem aparenta não ter gerado reflexões críticas e, em outra

questão sobre o que poderia ter feito de diferente em termos de ações, comportamentos ou qualquer coisa que pudesse mudar e fazer de novo durante a viagem, menciona atitudes pessoais e o convívio com as crianças:

Eu acho que eu poderia ter tido um pouco mais de paciência com algumas pessoas que eram diferentes, tinham estilo de se portar em grupo de uma forma que meio que batia um pouco do que eu acreditava que deveria ser. Eu acho que tenho que trabalhar mais isso, a paciência com as pessoas que não têm tanta visão de grupo, acontece, então eu acho que eu mudaria isso. E também eu convivi pouco com as crianças, então talvez ter mudado isso também, não sei em qual momento (VI3).

A falta do convívio com as crianças do orfanato aparece na resposta como uma possibilidade de que seria algo que poderia ter tornado a experiência mais significativa para VI3. Porém, como já mencionado em capítulos anteriores, foi reconhecidamente um dos pontos fracos durante as atividades no projeto.

Da mesma maneira, VI5 sentiu falta desse contato e relata que a realidade do orfanato não era muito diferente do que esperava:

Acho que a era, mais ou menos, o que eu esperava. Faltou um pouco de contato com elas, mas, mais ou menos, como eu esperava. A pobreza, elas são bem carentes de atenção, dá para ver. [...] Apesar de ter pobreza lá, acho que não é muito diferente daqui. Santa Catarina tem pobreza também, mas ainda é uma realidade distante do Nordeste, por exemplo. Quando eu fui para o Jalapão, tem lugar em que chegou a luz agora, há pouco tempo. Ainda em Santa Catarina eu tenho contato com uma realidade bastante dura, mas da minha região, da nossa, que não é tão difícil. Não é uma miséria. Ainda, os programas sociais conseguem dar uma ajuda, mas eu tenho um contato, é o meu cotidiano. O meu cotidiano no trabalho é só com pobreza, violência (VI5).

Por já estar acostumada com situações de pobreza e vulnerabilidade infantil no seu trabalho, ver “mais do mesmo” pode não ser um fator que a faça gerar uma reflexão sobre o tema. Questionada então sobre como acha que a experiência pôde, em geral, mudar suas perspectivas, relata:

Eu achei que sim (que mudou), porque eu voltei mais predisposta a fazer algum trabalho voluntário aqui, porque não posso ficar só viajando, tanto pelo tempo quanto pelo custo. Eu voltei animada para fazer alguma coisa aqui. Ainda não comecei, porque não achei nada, mas tenho esse desejo, e isso, com certeza, tem a ver com a experiência. Até a questão que o cara falou um dia no alojamento, “Quando você voltar para a casa, você vai valorizar mais”. Eu acho que até isso, valorizar não só o banheiro bom, o chuveiro bom. Mas, tipo, estou morrendo de saudade da minha família, da minha cachorrinha. Daquela coisa, “Coitadinha do cachorro, quer sair passear. Ai, que preguiça”, não leva. Hoje eu já estou pensando aqui “Quando eu chegar lá, vou passear com ela”. Você realmente se torna uma pessoa melhor, eu acho, quando você vai para uma realidade mais difícil (VI5).

A vontade de dar início a algum tipo de trabalho voluntário aqui no Brasil pode esbarrar e ser enfraquecida por diferentes barreiras como trabalho e obrigações pessoais, portanto, apesar de indicar uma tendência a postura mais altruísta dentro da sociedade, ela sozinha não é um fator relevante para o processo de aprendizagem mais profundo. A reflexão que ocorre pelo enfrentamento de dificuldades durante a viagem é mencionada por Zahra e Mcintosh (2007) e pode resultar em diversas mudanças, porém no caso em questão, parecem ter sido apenas superficiais. Questionada se pessoas próximas compartilham dessa vontade de se engajar com causas sociais, responde:

É impressionante como todo mundo diz “Legal”, mas em ninguém brilha os olhos com isso. Infelizmente é um mundo bem complicado. Todo mundo acha legal, mas todo mundo acha muito mais legal saber como é a Índia. A questão da viagem em si, não a questão do orfanato, do trabalho. O pessoal não tem muito interesse (VI5).

VI5 avalia que as pessoas com quem convive se interessam mais pelo aspecto turístico do que de voluntariado da viagem, o que pode refletir em sua iniciativa para começar um trabalho voluntário no Brasil, visto que a formação de redes sociais é um fator importante para o engajamento em trabalhos sociais (MCGEHEE; SANTOS, 2005).

Por último dentre as classificadas como tendo obtido aprendizagens de primeira ordem, VI7 viu na experiência uma oportunidade para reforçar comportamentos já existentes e de aprendizado sobre si mesmo, com relação ao grupo:

Mudanças... eu acho que essa viagem acertou em cheio a questão aquela que tínhamos conversado, sobre as diferenças e o trabalho em grupo. Lembro que estava com receio de ter essa parte do convívio, porque tenho essa coisa de ficar mais na minha, fazer as coisas do meu jeito. Mas quem diria que aquela menina que falava no grupo do Whats aquelas coisas bizarras, seria minha colega de quarto e hoje fala comigo quase todo dia? Foi uma grande surpresa, e foi positiva. [...] Mas, no dia-a-dia acho que mantive a mesma mentalidade. Já estou com mais de meio século de vida, estou buscando colher os frutos do esforço que fiz durante esses anos todos para chegar até aqui e abri mão de bastante coisa ao longo do caminho. Continuo me dedicando onde posso com projetos sociais aqui da cidade, fazendo os palhacinhos de brinquedo, já estou planejando ir para a viagem do Peru com vocês também em julho, mas eu vejo hoje essa viagem para Índia mais como um fortalecimento de convicções do que mudanças, entende? Fora essa parte de convívio em grupo, que pra mim, foi muito bacana – um aprendizado (VI7).

Já que não percebeu mudanças, foi questionada se a realidade do projeto, do local onde o grupo ficou era muito diferente do que ela esperava e, comparando com suas vivências prévias, relata que já vivenciou cenas muito piores no Brasil:

Eu imaginei pior. Porque como colocaram que eram 40 meninos, nem todos portadores de HIV, e pela realidade da Índia que a gente conhece, inclusive de amigos

que estiveram na Índia - era mais ou menos no esquema ame-a ou deixe-a - eu imaginei que poderia ter um contraste muito pior do que a gente vê aqui. Eu morei em Vitória por três anos e eu nunca vi um lugar pior do que um bairro chamado São Pedro, que você não sabia quem era gente, quem era urubu, quem era porco brigando pela mesma coisa. Isso existe aqui, em São Pedro em Vitória. Quando eu vim embora de lá, já tinha São Pedro 7. Para você ter uma ideia. Eu tinha lido tanta coisa, mas eu imaginei uma situação bem pior que São Pedro e não fiquei assustada. Você sabe uma coisa que me chamou muita atenção? É que dentro da situação em que eles vivem eu não vi cara de tristeza. Nenhuma. Eu já não sei se o conformismo vem porque eles não conhecem outra coisa, então para eles aquilo é a realidade e aquilo faz parte da vida, e aquilo é a vida deles. Eu não vi, em momento algum, meninos tristes. Eles tinham o maior prazer de pegar um pincel e tentar. Dar uma pincelada, para eles, já significava muito (VI7).

O contato com uma realidade mais dura e mais severa no Brasil pode servir como fator amenizador para a percepção de como as crianças do orfanato na Índia vivem e é uma variável dentro do contexto em que VI7 percebe essa realidade também. Para provocar uma reflexão, foi perguntada então porque ir até a Índia e há situações muito mais críticas aqui, próximas e visíveis:

Então, eu acho que tem todo um contexto junto. Porque já vieram me perguntar “Mas por que, então, você não faria um projeto voluntário aqui no Brasil ao invés de ir para tão longe?”. Porque a pobreza existe aqui também. Mas eu sei que eu indo ali, também, não vou conseguir ajudar, porque não depende só de mim. Eu vou fazer um grão de areia (VI7).

Pela resposta, é possível ver que não ocorreu o desenvolvimento de um senso de agência. Há a percepção de que alguns problemas são maiores que o indivíduo e que a solução está além do seu potencial. Assim, a viagem à Índia parece ter servido como aprendizagem apenas em questões mais superficiais para esses participantes, VII, VI3, VI5 e VI7, limitadas à primeira ordem e que resultam em pequenas mudanças sem reexaminar ou mudar valores e suposições que embasam as ações.

6.5.2 Segunda ordem

Nos entrevistados em que foi possível verificar essa reflexão dos valores e suposições, as quais consequentemente vão influenciar no modo de agir conforme modelo hierárquico de Sterling (2011), está VI6 que começa relatando sobre a imersão cultural pela qual pôde obter um maior entendimento sobre um outro povo e que acabou refletindo sobre o entendimento de sua própria cultura aqui do Brasil:

Eu achei que a viagem foi uma experiência muito rica, foi muito legal, acho que uma das coisas que mudou foi o meu olhar para a Índia, mesmo porque é muito diferente

a gente ouvir falar de outra cultura e a gente estar lá. Então eu acho que foi muito legal viver a cultura indiana. É bem diferente em alguns aspectos da nossa, foi muito legal viver isso, eu achei que a gente entendeu que era outra cultura, que era outro mundo, achei que foi uma experiência bem legal, eu já tinha tido essa mesma sensação quando eu saí para fora antes, mas eu achei que quando eu voltei agora, voltei com um olhar diferente para o Brasil, a gente fica muito tempo aqui no nosso país, a gente vai acostumando com o nosso convívio, com a nossa cultura, fica parecendo que o mundo todo é assim, e aí quando você sai, vê que não, eu voltei com outro olhar para o Brasil, de perceber mesmo as coisas boas que a nossa cultura tem, que o nosso país tem. Acho que um ganho bem legal dessa viagem para outra cultura, até para você repensar seu próprio lugar social, econômico. [...] Acho que, você falou de refletir, acho que ajudou a refletir em coisas pessoais, a gente pode usar a palavra autoconhecimento, de você perceber mesmo quais são as suas reações diante de situações novas, tinha situações que você nem espera que vai acontecer, diante de um grupo novo, de pessoas diferentes com as quais você vai conviver um tempo, acho que ajuda você a ter seu olhar também, de autoconhecimento mesmo (VI6).

O autoconhecimento também aparece como fator de mudança devido à viagem enquanto mudanças de percepções e relativização dos próprios problemas são evidenciadas ao ser questionada sobre novos hábitos e pensamentos:

Um hábito exatamente não estou lembrando agora, mas eu acho que um pensamento foi até que eu estava falando de você olhar para o Brasil hoje, porque a gente sempre junta as coisas, dependendo com o que a gente está comparando, digamos assim, e, por exemplo, as vezes a gente acha que no Brasil as ruas são muito sujas, tem muito trânsito, por exemplo, alguma coisa assim, isso eu mudei, agora eu acho que o nível de tolerância, a gente vai mudando. Por exemplo, eu moro em Uberlândia e tem pouquíssimo trânsito comparando com Belo Horizonte, então eu achava o trânsito de Belo Horizonte muito ruim, agora eu vivo assim comparando, então comparando com a Índia, a cidade em que eu moro é muito tranquila, tanto em termos de trânsito quanto de lixo na rua, de pessoas na rua, eu acho que foi o mais marcante assim (VI6).

O contato com a realidade das crianças do orfanato e a reflexão sobre as vivências adquiridas também a motivou a iniciar um processo de adoção afetiva aqui no Brasil, para depois, quem sabe evoluir nesse processo:

Então existe no Brasil agora, acho que é meio recente essa a nova lei, um projeto que chama Família Acolhedora. Família Acolhedora é o lugar em que a criança fica até ela ser definitivamente adotada. A família se dispõe a acolher a criança e não é a família final, família adotiva. Estão também com um projeto de apadrinhamento afetivo, que é também a pessoa poder criar um vínculo com essa criança que está no orfanato e dar algum tipo de suporte, seja financeiro ou emocional, sem ter realmente que adotar. Então é uma coisa que pela viagem eu não tinha relacionado, mas agora quando você me perguntou, quando eu voltei da viagem eu voltei com isso na cabeça e eu comecei a pesquisar mais sobre esse assunto como é que faz, como que lida com isso e já fiz os primeiros contatos para dar início (VI6).

Há, portanto, em VI6 uma mudança em comportamentos e ações embasadas pela reflexão e mudança de crenças e valores, ao repensar o seu lugar social e econômico, que foi

impulsionada pela viagem. “A viagem serve de estímulo para pessoa mudar. Para chegar na prática vai depender de n outros fatores, mas eu acho que com certeza a viagem é um estímulo sim (VI6)”.

Para VI8, ao ser questionado se a viagem trouxe mudanças e quais seriam, também menciona uma nova visão voltada para o outro:

Sim, muda, eu acho que muda e, conforme a gente vai fazendo mais, a gente vai crescendo, por isso que eu acho que tem que ter uma rotina, cada vez que você faz mais você recebe. Por isso que eu falei de você ficar se policiando a olhar para uma situação, de uma forma diferente, você enxerga, você amplia a sua visão e você não ignora mais coisas que ignorava, você tem um olhar mais solidário para as coisas. Acho que a maior mudança foi essa. Até que as pessoas falam que quem faz é que ganha, e eu concordo com isso, porque eu acho que quem faz ganha sempre mais, mas isso não é ruim não, porque no final das contas a pessoa que está fazendo o trabalho está mudando, está melhorando. Então se está melhorando, está valendo (VI8).

Ao relatar a mudança, reconhece que se sente privilegiado no resultado das trocas que ocorrem, porém não enxerga isso necessariamente como algo negativo, pois crê que o ganho é positivo para ambas as partes. Sobre como isso afeta sua visão do seu papel na sociedade, comenta:

Acho que a gente começa a se envolver mais, começa a ver possibilidade de ajudar onde antes a gente nem pensava, saca? Fiz uma parceria com o Lions Club, que eu fazia parte do Lions, porque assim, uma boate que eu fazia freela todo ano no Carnaval ela faz um evento de feijoada, Feijoada da Noite. Aí me envolvi com isso. Ela arrecada um quilo de alimento para ser encaminhado para uma instituição e essa instituição foi feito em parceria com o Lions Club, foi para um local de deficiente visual. Então, papel na sociedade não sei, acho que é tipo isso, ajudar onde pode (VI8).

A capacidade de visualizar novas oportunidades de como e onde ajudar é relatada também por outros entrevistados e pode ser relacionada a uma autoavaliação do turista voluntário por ter desenvolvido, durante a viagem, a familiarização com novas tarefas, hábitos e oportunidades (COGHLAN; GOOCH, 2011). Em seguida, comenta também sobre a aproximação com outras pessoas:

Eu falei ali de se envolver mais e como você comentou de papel na sociedade, acho que uma coisa que falta na sociedade hoje é aproximação. Eu acho que as pessoas ficaram mais distantes, cara, ficou mais distante apesar de os canais de comunicação contribuírem para aproximas as pessoas elas se distanciaram, é impressionante isso, cara. Às vezes as pessoas estão juntas vivendo o momento ali, trocando pessoalmente o momento. E elas pegam o celular e se distanciam, elas não estão ali, elas estão com a cabeça em outro lugar, antigamente, cara, não existia isso e as pessoas se esforçavam para se encontrar mesmo e viver aquele momento. É muito real isso, cara, porque eu acho que a essência das pessoas ficou mais distante assim, os momentos ficaram mais vazios eu acho. Mas na viagem não senti isso, muito pelo contrário e no início você até acha estranho, mas depois você acostuma e fica imerso naquilo. Sensacional (VI8).

A aproximação e conexão com outras pessoas é um fator que contribui para diversas etapas da AT e, conforme visto pelas respostas de VI8 estavam presentes na sua percepção. Porém, para VI6 e VI8 parece mais adequado analisar que, pelos relatos, adquiriram uma visão voltada para o outro, um engajamento com atividades de voluntariado/cunho social, junto de um certo senso de agência e uma conexão com a cultura e pessoas locais durante a viagem que contribuíram para que houvesse uma reflexão resultando em fazer coisas melhores, mas não necessariamente uma alteração nos quadros de referência para que ambos se repositonem frente às maneiras que interagem com o mundo. Assim, suas aprendizagens parecem melhor classificadas como de 2ª ordem.

6.5.3 Terceira ordem

Do grupo que foi à Índia, duas participantes parecem ter adquirido aprendizagens que as permitiram modificar seus quadros de referência, mudando as suas maneiras de perceber e interagir com o mundo. Quando questionada se depois que voltou da viagem começou a fazer algo diferente do que fazia, VI2 respondeu fazendo uma ligação com o autodesenvolvimento e mudança de hábitos:

Eu acho que a gente muda muito depois que a gente faz essa viagem de voluntariado. Além de você criar uma independência muito grande, você passa a ver as coisas de uma maneira diferente. Mesmo que você faça voluntariado no Brasil ou até não com tanta frequência, acho que você ficar em um lugar durante duas ou três semanas, e realmente ir atrás dessa realidade, você começa a entender como é viver aquilo. Quando você vai um dia, você volta para o conforto da sua casa e acho que aquilo não te impacta tanto. Quando você vai e fica, você entra na vida das pessoas de lá, é muito mais fácil você entender e isso muda essas atitudes diárias de você dar valor às suas coisas, de você buscar meios de você ajudar as outras pessoas diariamente até com as coisas mais simples possíveis, eu acho que te toca muito. Então você acaba melhorando a sua pessoa, os seus hábitos (VI2).

Ela compara a experiência de turismo voluntário com o voluntariado tradicional que estava acostumada a fazer acredita que o turismo voluntário proporciona um contato com realidades diferentes, enquanto que o voluntariado perto de casa, até por ser algo mais fácil de ser feito, pode ser também mais superficial ao passar apenas um dia ou tarde no projeto social. A mera mudança de hábitos estaria relacionada a aprendizagem de primeira ordem, no entanto quando associada à reflexão sobre valores e crenças, indica um direcionamento para uma aprendizagem mais profunda. É a avaliação de suposições e valores com a compreensão do

mundo interior ou subjetivo (STERLING, 2011). Indagada sobre uma visão geral de como essas viagens de turismo voluntário contribuíram para o seu autoconhecimento, relata:

Eu acho que a da Índia foi uma das que mais me mudaram, porque foi um país que eu gostei muito de conhecer as pessoas, a cultura. A experiência de ter ido em um orfanato, onde as crianças viviam lá e vivenciar a realidade delas foi uma coisa muito marcante. Além de ter esse trabalho que a gente fez as pinturas na parede, que eu tive um envolvimento muito maior com uma parte que eu gosto muito, de arte. [...] Eu acho que eu fui me descobrindo muito, descobrindo coisa que eu nem sabia que eu podia fazer com essas viagens, e também novos hobbies e várias outras coisas que eu aprendi até com as culturas locais. E o pessoal te ensina muita coisa. Você vai perdendo o medo. Por isso é o tipo de viagem que eu indico para todo mundo. Mas, realmente, nessas viagens de voluntariado, você tem experiências muito diferentes. Você aprende muita coisa, vivencia muita coisa. E meio que dá medo de vir. Eu estava com medo de vir nessa, mesmo que eu já tivesse feito outra, mas quando você chega, você também tem todo o suporte. Só que você muda. E é muito bom para a vida inteira (VI2).

Há, portanto, relatos de mudanças, mas de maneira genérica. Sabia-se que VI2 já praticava de forma regular voluntariado no Brasil, que essa prática faz parte do seu contexto e convívio familiar e que, assim, mudanças em ações e ideias seriam mais sutis. Alguns indicativos de que a aprendizagem poderia ser mais profunda apareceram no surgimento do senso de agência acima ao relatar que, a partir da interação com essa nova realidade e contato com as pessoas de lá, descobriu coisas que nem imaginavam ser capaz de fazer, buscando novos meios de ajudar, mesmo que de maneiras simples. Buscou-se então identificar uma aprendizagem que pudesse ser relacionada a novas visões ou paradigmas e questionou-se se a experiência da Índia a teria feito ver a realidade de problemas sociais de maneira diferente:

Com certeza. A gente nunca tem noção, exatamente, do que acontece na vida das pessoas. A gente dá oportunidade para elas mostrarem para a gente (com as viagens de turismo voluntário). Acho que ir lá e conhecer, eu comecei a ver de uma outra forma. Você acaba tendo uma consciência maior e tentando ajudar mais, porque todo mundo sabe que quem está em um orfanato ou que quem está em uma situação de vida mais difícil está passando necessidade, mas a partir do momento em que você vai e conhece, você não consegue deixar de lado. Você não esquece aquilo e você sente que você precisa fazer alguma coisa para ajudar, mesmo que seja pouco. Por isso que eu acho muito importante esse trabalho e espero que muitos voluntários possam ir para lá, para ir mudando aos poucos, pelo menos, a realidade dessas crianças e adolescentes, no caso. Também vimos que a doença deles não é uma barreira para você poder trabalhar com isso. [...] Uma das coisas que eu achei muito importante é que as experiências estão me fazendo ter mais força, mais vontade, de me tornar uma profissional melhor, porque eu consegui ver que a partir da minha profissão eu sei que eu vou conseguir melhorar a vida de muita gente. Isso, para mim, está sendo importante (VI2).

Percebe-se pelo conjunto de respostas uma mudança de postura e abertura para uma diferente visão originada pela interação com o outro. Há a reflexão crítica e o fortalecimento da

crença de que por meio do trabalho voluntário é possível ajudar a melhorar as condições de vida das pessoas, sendo seguida pela ação de continuar vivenciando essas experiências de turismo voluntário e a identificação de possibilidades da atuação profissional direcionada ao propósito de ajudar o próximo. Segundo Sterling (2011), para que a transformação ocorra, é necessário que a reflexão e o pensamento crítico resultem em ações transformadoras, sustentáveis e responsáveis. O direcionamento para que sua carreira esteja alinhada com essa visão orientada para o outro, em tempos de distanciamento e atrofiamento da cidadania, contribui para que seja possível caracterizar sua aprendizagem como de terceira ordem (LANGE, 2004).

Similarmente, VI4 relata mudanças em suas ações após a viagem. Diferente de VI2, VI4 também fazia voluntariado no Brasil, mas havia dado uma pausa devido à rotina de estudos para ingressar no curso de medicina, o qual estava tentando ingressar havia mais de 6 anos. Segundo ela, depois da viagem à Índia, a sua primeira experiência de turismo voluntário e primeira viagem ao exterior, voltou mais engajada com os projetos sociais em sua cidade:

Eu voltei muito mais engajada, não só por mudar o mundo, mas também minha comunidade. E olhar aqui pra Recife o que é que tá acontecendo, o que que eu posso fazer, ir em uma comunidade pintar uma parede que seja, sabe? Tipo, isso faz a mudança, tipo eu percebi que eu fiquei mais ativa e antes eu queria mudar o mundo, mas agora tipo eu realmente *sei que eu posso* mudar o mundo de alguém. Agora depois que voltei eu e minhas amigas a gente viu um projeto em uma creche para revitalizar ela. Com a experiência que eu adquiri na viagem também, eu super fui. Antes era um projeto, mas agora são todos. Antes eu participava, mas agora eu não estou só nesse grupo com minhas amigas. Eu estou em vários grupos, eu estou mais ativa. Então se eu posso pintar uma parede para ajudar alguém, se eu tenho o horário do meio dia livre eu posso ir na creche brincar com as crianças. Eu fiquei muito mais ativa (VI4).

Para VI4, há uma notável diferença não apenas em ações, mas no engajamento e percepção do papel ativo que pode desempenhar na sociedade. Isso fica evidente ao ser perguntada se, após o retorno, sente que pessoas próximas compartilham dessa maneira de enxergar o potencial que se tem para realizar mudanças:

Eu acho que eles têm a visão que eu tinha antes. Se é um projeto, não é algo que eles podem realizar. Quando eu fiz a viagem muita gente veio falar comigo “Como é esse projeto? Como você foi parar aí?”. Muita gente mesmo. Mas eu acho que ainda fica naquela fase do projeto, não de “Eu posso mudar o que está aqui. Eu não tenho dinheiro para ir para a Índia, mas eu posso mudar o que está aqui”. Tem muita gente querendo ajudar, mas tem muita gente que não sabe como ajudar (VI4).

Aqui VI4 reflete que há uma dificuldade para que a vontade se torne uma ação. Por meio da experiência de turismo voluntário ela pôde perceber o potencial que tem para realizar mudanças, gerar impactos positivos e, por meio dessas ações, desempenhar um novo papel e

senso de agência. Sobre mudanças na visão de mundo comenta e também menciona como isso impactou na sua jornada para ingressar em um curso de medicina:

Antes da viagem eu acho que eu me via muito distante desses problemas, mas depois da viagem eu pude perceber mais no meu dia a dia. As pessoas estão lá, mas acaba que a gente, muitas vezes, passa como invisível. Todo país tem problemas. Não dá para comparar Brasil e Índia, dizer que a pobreza é a mesma coisa. A Índia tem muita pobreza, muita desigualdade, mas aqui também tem. E é porque a gente passa na rua e não se importa com o outro, mas se a gente olhar direito também tem pobreza aqui. Também tem muita desigualdade. Tem os mesmos problemas, talvez não no mesmo grau, mas tem os problemas também que a gente, muitas vezes, não olha. [...] Eu vou contar uma situação que está acontecendo agora. Eu, antes, estava tentando 6 ou 7 anos medicina aqui. Não consegui. E nunca foi uma possibilidade para mim fazer medicina fora do país. Nunca. Eu era muito preconceituosa, preconceituosa em um nível muito alto. “Lá eu não vou fazer, os médicos não vão prestar”. E eu, atualmente, estou me preparando para mudar para a Argentina para fazer medicina. Isso nunca aconteceria se eu não tivesse ido para a Índia. Eu vi bem clara essa mudança. Eu fiquei mais independente, mais segura de mim. Eu vi que eu estava em um país estranho, com a cultura totalmente diferente, religião diferente, mas eu consegui me virar. Na mesma viagem, eu também voltei pela Etiópia. Eu desci na Etiópia. Depois eu fui para Dubai também. Me virei sozinha. Porque a gente em grupo, ainda estava no grupo, dava para enrolar. Mas lá eu fiquei sozinha. Eu fiquei muito mais independente. Eu confiei mais em mim. Essa viagem foi a coisa mais incrível que aconteceu na minha vida, porque eu mudei a minha visão do mundo, mudei minha visão sobre mim mesma, mudei minha visão sobre o meu papel no mundo (VI4).

A viagem a ajudou a ver que os mesmos problemas da Índia também existem perto da sua realidade. Passou a perceber o outro com mais frequência. O fortalecimento da autoconfiança a estimulou a superar medos e preconceitos, incentivando-a a continuar seus estudos em um país próximo, mas com cultura diferente. Perguntada se isso poderia atrapalhar seus planos de engajamento social, reflete:

Eu acho que é um caminho sem volta. Eu vou para a universidade na Argentina e eu já vi lá que tem projetos de voluntariado. Já estou seguindo no Instagram e estou doida para entrar. Não importa o que os outros vão falar. É mais o meu papel no mundo. Eu fiquei mais consciente do meu papel. E eu pretendo, eu espero muito, que eu siga para sempre (VI4).

Existem fortes indicativos de que a experiência de turismo voluntário possa ter servido como uma aprendizagem transformadora para VI2 e VI4, como mudança de percepção e surgimento de uma sensibilidade participativa e ética, porém é muito recente para afirmar que tais mudanças irão perdurar e se concretizar de forma definitiva. Analisando o conjunto dos entrevistados, fica evidente a questão de contexto levantada por Taylor (1997), pois a viagem foi para o mesmo destino, com as mesmas atividades, na mesma duração, porém cada um a enxergou da sua maneira e conseqüentemente gerou diferentes impactos nas ações, crenças e visões de mundo. Diversos elementos da AT podem, de fato, serem identificados nos relatos

dos participantes da viagem à Índia parecendo ela funcionar muito mais como um catalisador, quase que como um acelerador, para que diversas variáveis de alguns indivíduos convergissem e resultassem em um processo de aprendizagem mais profundo, enquanto em outros a intensidade desse processo era reduzida.

De relevância para o que se propõe o presente trabalho, foi constatado que as etapas da AT relacionadas à experiência de turismo voluntário no quadro 15, conforme propostas por Coghlan e Gooch (2011), se fizeram presentes durante as entrevistas e observações com os participantes da viagem à Índia.

Quadro 14 - Etapas para a aprendizagem transformadora - Índia

Aprendizagem Transformadora	Turismo Voluntário	Participante
-	1. Motivação para viajar, descobrir um ambiente novo, e/ou contribuir para uma causa social ou ambiental.	VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
1. Experimentar um dilema desorientador.	2. Choque cultural, vivenciar um ambiente cultural/social/natural diferente.	VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
2. Passar por uma auto avaliação. 3. Conduzir uma autocrítica de suposições existentes e papel desempenhado no contexto social atual.	3. Oportunidade para reflexão, por meio de diários de voluntariado com descrição de emoções e desafios encontrados.	VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
4. Se identificar com a experiência de outros indivíduos, comumente pelo diálogo.	4. Compartilhamento informal de experiências durante períodos de folga, como refeições.	VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
5. Explorar alternativas para novos comportamentos. 6. Criar competência e confiança em novos papéis.	5. Familiarização com novas tarefas, hábitos locais, etc. e oportunidades para contribuir com conhecimento, ideias e habilidades.	VI1, VI2, VI3, VI4, VI5, VI6, VI7, VI8
7. Desenvolver um plano de ação.	<i>Oportunidade para isso são limitadas nos programas de voluntariado</i>	-
8. Adquirir novos conhecimentos e habilidades para implementação do plano.	6. Auto atualização do voluntário com novos valores, habilidades e senso de agência.	VI2, VI4, VI6 e VI8
9. Esforços provisórios para tentar desempenhar os novos papéis e adquirir feedback	<i>Oportunidade para isso são limitadas nos programas de voluntariado</i>	-

10. Reintegração na sociedade	7. Criação de novas redes sociais.	VI2, VI4, VI6 e VI8
-------------------------------	------------------------------------	---------------------

Fonte: Coghlan e Gooch (2011) – Adaptado pelo autor (2019)

Avaliando a coluna central, na etapa 1, relacionada à busca dessas viagens, foram analisadas as motivações de todos os envolvidos; na etapa 2, apesar de variar em termos de intensidade, todos os participantes estiveram em um país, cultura e contribuíram para uma causa social que desconheciam; na etapa 3 o convívio em grupo durante o roteiro programado e as atividades no projeto, assim como as próprias entrevistas realizadas para concluir a pesquisa, serviram como oportunidades de reflexão e descrição dos desafios encontrados, similar à etapa 4; na etapa 5 o convívio diário e a proposta de trabalho voluntário a ser realizada no orfanato permitiram que os participantes se familiarizassem com novas tarefas, hábitos locais e oportunidades de contribuição, mas é a partir da etapa 6 que ocorre a diferenciação, aparecendo de maneira evidente para VI2, VI4, VI6 e VI8, com intensidade maior para os que tiveram aprendizagens de 3ª ordem e reduzidas para os de 2ª ordem, assim como na etapa 7 onde as redes sociais formadas tenderão a ser expandidas, pois precisarão buscar novos contatos e grupos para passarem a exercer novos papéis.

O framework de classificação proposto também se mostrou constante durante a maior parte da análise, com voluntários rasos tendendo ao extremo esquerdo das diferentes etapas, intermediários tendendo ao centro e os profundos tendendo ao extremo direito. Feitas as classificações entre raso, intermediários e profundos, a coerência do framework é reforçada ao passo que nenhum voluntário raso foi avaliado como tendo transformações de 3ª ordem e nenhum voluntário profundo como tendo transformações de 1ª ordem. As motivações também se mostraram coerentes com o tipo de classificação entre raso, intermediário e profundo enquanto que as atividades, apesar de limitadas nos domínios afetivo e cognitivo, eram iguais para todos os participantes, cabendo a percepção e posterior interpretação da experiência ao subjetivismo de cada um dos integrantes do grupo, mas todas partiram de um ponto inicial comum no início da viagem. A presença de empatia também apareceu como sentimento a ser considerado no processo de aprendizagem, exceto para VI3 que, apesar de ter relatado uma situação empática, acabou sendo classificada na aprendizagem de 1ª ordem.

Apesar de presentes os elementos característicos do processo de AT, a irreversibilidade é de difícil avaliação visto que a viagem ocorreu ainda durante o desenvolvimento do presente trabalho. Para que o fator do tempo seja levado em consideração, buscou-se avaliar essa variável frente as aprendizagens adquiridas por um dos grupos que atuou em um orfanato em Gana (Apêndices B e C), no ano de 2018. Foi possível identificar, nas respostas desse outro grupo,

indicativos de mudanças de 3ª ordem, sendo plausível inferir que as mudanças relatadas pelos integrantes da viagem à Índia podem também persistir com o passar do tempo. No entanto, dadas as diferenças metodológicas utilizadas para coleta de dados com o grupo de Gana, apenas no período pós-viagem, reservam-se os resultados como forma de instigar a curiosidade para futuros estudos sobre o tema, evidenciando o potencial transformador da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação turismo voluntário-aprendizagem foi considerada englobando três principais stakeholders: (i) o turista voluntário, (ii) o projeto social onde ocorrem as atividades praticadas pelo indivíduo durante a experiência e (iii) o agente intermediário que atua conectando o turista voluntário com o projeto. O turismo voluntário é um fenômeno recente, em expansão no Brasil. Está inserido no contexto da pós-modernidade, onde há uma busca por sentido da vida, o qual parece perdido em meio à consumo excessivo, falta do sentimento de pertencimento e onde o “eu” é definido pela carreira (LANGE, 2004), portanto aparece como um chamado tentador àqueles que buscam preencher esse vazio, retomando o contato com o seu lado humano e o mundo natural.

A fim de atingir o objetivo-geral, foi verificada, por meio da análise realizada, a existência da relação entre o turismo voluntário e as diferentes aprendizagens obtidas pelos participantes do grupo da Índia ao vivenciarem esse tipo de experiência, desde as mais superficiais até as mais profundas. Utilizando como base para a discussão a teoria da Aprendizagem Transformadora (MEZIROW, 1978; 1991; 1997; TAYLOR, 1997), agregada ao conceito dos níveis de aprendizagem (BATESON, 1972; STERLING, 2011) ficou visível a sua aplicabilidade ao fenômeno do turismo voluntário (WEARING, 2001; 2004; 2009; 2013; ZAHRA; MCINTOSH, 2007; COGHLAN; GOOCH, 2011; WRIGHT, 2013). Como ferramenta de análise, para evidenciar tal relação, foi criado um framework teórico que permitiu desenhar o caminho de aprendizagem que os integrantes da viagem à Índia percorreram nos momentos antes, durante e pós-viagem. Por meio desse framework, desenhou-se o perfil de cada um, suas motivações e expectativas, a segmentação dos tipos de atividades realizadas durante a viagem, resultando na emergência ou não do sentimento de empatia e os relatos sobre os resultados dessa experiência (BATSON, 2002; CALLANAN; THOMAS, 2005; SIPOS; BATTISTI; GRIMM, 2006; CHEN; CHEN, 2011). Ademais, a presente pesquisa contribui com o posicionamento de Jafari (2001) sobre o turismo voluntário e a fase atual em que o tema se encontra no meio científico, necessitando de estudos teóricos com variadas abordagens para que tenhamos uma melhor compreensão sobre o fenômeno.

Analisou-se primeiramente, dentro do processo de aprendizagem, o indivíduo – cada turista voluntário com a sua complexidade de motivações, histórico pessoal e visão de mundo formando parte do contexto individual - mas permitindo-se evidenciar, quando surgia, a participação dos demais stakeholders ao longo da trajetória. Com a proliferação de programas de turismo voluntário, em âmbito mundial, contrastado com a escassez de estudos sobre o tema,

o fenômeno se torna ambíguo tanto em definição como em contexto e não se criam distinções, por exemplo, entre uma jovem de 18 anos com poucas habilidades que viaja por dez dias e um engenheiro que vai para um programa de 1 mês ensinando workshops sobre construção de painéis solares à uma comunidade de outro país (CALLANAN; THOMAS, 2005). Assim, a criação de um perfil do turista voluntário, de maneira à classifica-lo entre raso, intermediário e profundo no momento pré-viagem, auxilia na organização e otimização desse tipo de viagem, permitindo que os agentes intermediários indiquem programas de acordo com o perfil do interessado. Dessa maneira aumenta-se a probabilidade de se obter um impacto social maior para a comunidade auxiliada e atender as expectativas do turista voluntário. Nesse aspecto, a viagem para a Índia seria melhor indicada para turistas voluntários intermediários ou entre intermediários e rasos: teve baixo impacto social, a procura ocorreu tanto por conta do destino como pelo projeto, requeria que apenas alguns integrantes tivessem conhecimentos técnicos específicos (no caso do grupo, três possuíam conhecimentos artísticos) era de baixa duração e intercalando atividades no projeto social com culturais e turísticas em outros períodos. Pela análise, de fato a maior parte dos integrantes acabou sendo classificada como intermediária, mas também houve a presença das classificações raso e profundo, validando a necessidade de aprofundamento no entendimento do fenômeno, já que se evidenciou distinções entre os perfis participantes.

A participação em programas de turismo voluntário, apesar de ser restrita a pessoas de classes econômicas com maior potencial aquisitivo, devido aos custos e requisitos de conhecimento de outros idiomas, ainda assim é procurada por estudantes, pessoas em diferentes etapas de carreira, pessoas aposentadas, profissionais das mais variadas áreas técnicas e científicas, entre outros inúmeros diferenciais. Portanto, há de se esperar que as motivações desses indivíduos também sejam as mais variadas, mas com denominadores comuns. O turismo voluntário se propõe a trazer benefícios para comunidades ou instituições que estejam em situação de risco, evocando motivações interpessoais, de doação, cuidado, auxílio para o outro e altruísmo. Por outro lado, é perceptível que essas viagens também podem trazer benefícios pessoais como melhoria do currículo, satisfação pessoal, aprovação social, entre outros voltados ao ego. Assim, de maneira geral, as motivações podem ser divididas entre dois extremos: pessoais e interpessoais, mas os participantes não estão restritos a um ou outro extremo, podendo ter motivações de ambos e oscilar entre eles (CHEN; CHEN, 2011; WEARING; MCGEHEE, 2013). Dessa maneira, com o grupo da Índia foram levantadas as motivações no período pré-viagem e descobriu-se que há, de fato, uma variedade de motivações dos participantes que oscilam entre satisfação do ego e altruísmo, mas percebeu-se também uma

relação direta entre a classificação em que eram alocados no framework como rasos, intermediários e profundos com o lado do espectro motivacional. Os rasos tenderam a possuir motivos mais egoístas, os intermediários uma mistura entre os dois extremos e os profundos foram motivados mais por razões interpessoais. De destaque nessa etapa de análise, é importante notar que o contexto da vida pessoal de cada integrante é fator influenciador não só sobre as aprendizagens, mas também sobre as motivações, explicitados na análise tais como o falecimento de um familiar, a depressão, a participação em instituições religiosas, o momento da carreira e de vida, o fim de um matrimônio, o envolvimento com o processo de adoção, a prática do voluntariado pela família e a percepção de que se têm o suficiente na vida para poder retribuir ao outro. As motivações impulsionam a ação dos participantes que, no caso dessa pesquisa, é o engajamento em uma viagem de turismo voluntário. Esses relatos se alinham com o proposto por Taylor (2007), de que o contexto pessoal e o contexto sociocultural de hoje, como descrito por Lange (2004), podem servir como fatores facilitadores ou inibidores para o processo de aprendizagem, mas vê-se que também se aplica ao período pré-viagem, impactando nas motivações.

O conjunto de relações, entre contextos, emoções, motivações, ações e aprendizagem, direcionaram a análise para os estudos de Sipos, Battisti e Grimm (2008) e a abordagem tríplice de *Head, Hands and Heart*. O direcionamento dessas relações para a AT é possível de ser realizado nas viagens de turismo voluntário, ao passo que foi verificada a presença da ativação dos domínios cognitivo, emotivo e de ação na viagem para a Índia. O que a presente pesquisa traz para a discussão acadêmica não é uma receita para a concretização da AT, mas evidências de um caminho que, se seguido, pode potencializar as oportunidades de transformação e que depende não apenas do aprendiz, mas mostra que há etapas onde o agente intermediário e o próprio projeto social podem atuar para também contribuir para que ela ocorra. Isso é reforçado, especialmente na viagem analisada devido ao fato de que todos os participantes tiveram o mesmo roteiro, realizando as mesmas atividades e mantendo o mesmo convívio diário em grupo durante toda a viagem, mas mesmo assim, tiveram percepções, ganhos, reclamações e, mais importantemente, aprendizagens de diferentes intensidades. No framework de análise proposto, todos os integrantes convergem para um único ponto na etapa de domínios de aprendizagem, mas devido aos seus contextos, emoções e motivações pessoais, se dispersam novamente nas etapas seguintes. Entre os domínios de aprendizagem analisados, o da ação foi o mais utilizado durante as atividades da Índia, com o cognitivo e o afetivo necessitando de uma proatividade maior do turista voluntário para que fossem ativados devido ao tipo de atividade proposta e o roteiro elaborado. Tal ocorrência deixou a desejar um maior contato com os jovens do orfanato,

como visto em alguns relatos, e também na opinião do pesquisador que esteve presente com o grupo durante todo o processo. Dessa maneira, ficou perceptível pelas entrevistas e observações que os integrantes do grupo obtiveram um maior ganho em termos de autoconhecimento e autodesenvolvimento, ligados à superação do desafio proposto pela pintura do orfanato. Isso, no entanto, foi o suficiente para que VI2 e VI4 refletissem e descobrissem o potencial para realizar mudanças que possuem como indivíduos, desenvolvendo um senso de agência e reorientando suas vidas para uma perspectiva mais aberta e inclusiva. Identifica-se, portanto, que a ativação mais proeminente de um dos domínios, para alguns turistas voluntários, já pode ser suficiente para que desencadeie o processo de AT, enquanto que para outros, esse processo pode precisar de estímulos mais fortes, envolvendo também os outros domínios de aprendizagem.

Na literatura sobre o tema, Wearing e McGehee (2013) relatam que há a discussão sobre o mascaramento de intenções altruístas no turismo voluntário, decorrente dos benefícios próprios que essas viagens podem gerar. Batson (2002), evidencia um direcionamento verdadeiramente altruístico para as ações, mesmo que tragam benefícios próprios, quando há a presença do sentimento de empatia. Nessa etapa da análise os resultados demonstraram haver uma tendência para que empatia estivesse presente nos participantes com motivações interpessoais, evidenciando o aspecto altruístico deles, mas não estabelecendo uma relação com a profundidade da aprendizagem obtida na experiência. Como possível explicação, as motivações interpessoais são de fato direcionadas ao outro, demandam um posicionamento mais aberto e uma visão direcionada para fora, coerente com o sentimento empático, portanto é natural que esse tipo de participante esteja mais suscetível ao surgimento da empatia durante a viagem. Ao mesmo tempo, a empatia está mais relacionada ao domínio de aprendizagem afetiva, que foi pouco exercitado com o grupo da Índia, portanto o impacto que ela teve no processo de aprendizagem não aparentou ser significativo.

Durante a análise das aprendizagens adquiridas pelos participantes da Índia, verificou-se a ocorrência dos três tipos de aprendizagem propostos por Sterling (2011). Os que foram classificados por terem obtido aprendizados de primeira ordem relatam uma vontade de dar continuidade ao voluntariado no Brasil, mas parecem esbarrar em dificuldades como a carreira, as obrigações financeiras/familiares e a rotina já preenchida. McGehee e Santos (2005) relatam as dificuldades de reinserção na cultura de origem, acrescentando ainda sentimentos de isolamento quando o participante não mantinha contato com outras pessoas que tivessem passado por esse tipo de viagem. Tal dificuldade aparece no relato de VI5, mencionando que não encontra afinidade e interesse em engajamento com projetos sociais entre pessoas

próximas. Consequentemente, ocorre a percepção de que não há o que o indivíduo possa fazer sozinho, aliada à falta do senso de agência. Esse sentimento é fortalecido em alguns relatos onde se verifica a percepção de distanciamento entre as relações pessoais, separando problemas próprios de problemas dos outros. Por esses e outros desafios, as aprendizagens de VI1, VI3, VI5 e VI7 parecem ter se restringido à 1ª ordem e ao autoconhecimento de maneira a apenas modificar coisas que já faziam, diferentemente dos classificados como tendo obtido aprendizagens de 2ª ordem, onde mesmo frente a essas dificuldades, enxergaram oportunidades de fazerem coisas melhores como se envolver em um processo de adoção, no caso de VI6 e participar de parcerias com instituições sociais, no caso de VI8. A reflexão e o reposicionamento do “eu” na sociedade de origem aparecem nas respostas, mas ainda de maneira restrita à desejos pessoais ou à realidade local. Ampliando essa reflexão, para que resultasse em mudanças de 3ª ordem com um forte desenvolvimento de senso de agência, reconhecimento do “outro” e do lugar que o “eu” ocupa em conjunto na sociedade, efetivamente desenvolvendo e participando de ações que buscam um impacto social positivo e enxergando o potencial do indivíduo para trazer mudanças à sociedade como um todo, seja pelo voluntariado ou pela carreira, estão VI2 e VI4. Pelos relatos, reforça-se que as vivências na viagem funcionam como um gatilho para a tomada de consciência (MCGEHEE; SANTOS, 2005), resultando em questionamentos referentes ao *self* e conferindo à viagem um potencial catártico (ZAHRA; MCINTOSH, 2007). Interessante mencionar que essas duas participantes são as mais novas do grupo, com 21 e 23 anos respectivamente, estando ainda em um período de suas vidas onde há mais espaço para a visualização de possíveis caminhos a serem seguidos, sem ter carreiras consolidadas e contando com amplo apoio familiar para buscarem novas experiências e descobertas. A análise ocorreu pouco tempo depois do retorno do grupo, podendo tais relatos e percepções se enfraquecerem ou extinguirem com o passar dos anos. No entanto, até o momento, reforçou-se a possibilidade de que o turismo voluntário serve como ferramenta para diversos tipos de aprendizagens, entre elas a AT, atendendo então aos objetivos geral e específicos da pesquisa.

Ademais, a presente pesquisa pôde contribuir para além da área do turismo voluntário, como por exemplo, para o campo da Administração. Com o crescente surgimento de empresas híbridas, cujo trabalho tem o potencial de gerar mercados e redefinir setores de atividade inteiros (como o turismo) ao mesmo tempo que procuram resolver problemas relevantes da humanidade como pobreza, desigualdades, fome, doenças, poluição e outras questões vinculadas ao meio ambiente, a leitura desse trabalho possibilita visualizar como é possível equilibrar as atividades econômicas de uma empresa, aqui uma agência de viagens que busca obter lucro, junto a essas demandas sociais. No momento de tamanha complexidade que

vivenciamos no mundo, a administração merece que seja compreendida de uma maneira que vá além da visão simplista de mercado e consumo.

Buscou-se fazer mais do que uma mera exposição do funcionamento da Exchange do Bem e do processo de aprendizagem dentro do turismo voluntário, podendo os resultados dessa pesquisa e o framework desenvolvido serem aproveitados para que empresas do setor desenvolvam melhores práticas que resultem no sentimento, por parte do turista voluntário, de que o trabalho feito teve importância, pois assim surge a valorização do serviço prestado pela empresa. Ocorre não apenas um sucesso maior para o negócio, mas também para as pessoas que participam dessas vivências e as comunidades hospedeiras, potencializando assim oportunidades para que nessa troca constante entre turistas voluntários e agência, sejam inseridos e obtidos benefícios sociais duradouros.

Espera-se também que essa pesquisa, ao demonstrar como aplicar algo complexo como a Aprendizagem Transformadora em uma empresa, possa estimular estudos nas áreas de carreira, fenômeno cada vez mais interligado à vida pessoal de indivíduos e com impacto direto nas organizações, de sustentabilidade, tema muito relacionável à conscientização adquirida na AT e do turismo como um todo, para que se torne um serviço capaz de trazer melhorias à sociedade em que vivemos, indo além de ser apenas um serviço comercial entre cliente e fornecedor.

Por fim, evidencia-se o caráter interdisciplinar dessa pesquisa e reconhece-se limitações do trabalho com relação ao cronograma do programa de mestrado. Tal fato resultou em uma impossibilidade de se aprofundar mais no aspecto teórico sobre aprendizagens, assunto com uma enorme complexidade e que foi aqui analisado apenas sob a perspectiva do participante da viagem de turismo voluntário, podendo também, em estudos futuros, ser abordado na ótica das comunidades que recebem os turistas voluntários.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, L. et al. Transformative service research: An agenda for the future. **Journal of Business Research**, v. 66, n. 8, p. 1203-10, 2013.

ASSOCIATION FOR TOURISM AND LEISURE EDUCATION. **Volunteer tourism: A global analysis**. DA Arnhem, Netherlands: Association for Tourism and Leisure Education. 2008.

BANDEIRADE-MELLO, R.; CUNHA, C. J. C. A. Grounded Theory. **Pesquisa Qualitativa em Organizações: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Editora Saraiva, v. 1, p. 241-266, 2006.

BARDIN. L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

BATESON, G. **Steps to an Ecology of Mind**. San Francisco: Chandler, 1972.

BAUMAN, Z. **Globalization: The human consequences**. Cambridge, UK: Polity, 1998.

BAWDEN, R.; PACKHAM, R. Systemic praxis in the education of the agricultural systems practitioner, **Systems Practice**, v. 6, p. 7-19, 1993.

BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **Individualization: Institutionalized individualism and its social and political consequences**. London, UK: Sage Publications, 2002.

BENSON, A.; SIEBERT, N. Volunteer Tourism: Motivations Of German Participants In South Africa. **Annals of Leisure Research**, v. 12, 2009.

BENSON, A. M. **Volunteer Tourism: Theoretical frameworks and practical applications**. Routledge. 2010.

BLAKE, J.; STERLING, S.; GOODSON, I. Transformative Learning for a Sustainable Future: An Exploration of Pedagogies for Change at an Alternative College. **Sustainability**, v. 5, p. 5347-72, 2013.

BLANCHETTE, I.; RICHARDS, A. Reasoning about emotional and neutral materials – Is logic affected by emotion? **Psychological Science**, n. 15, p. 745-752, 2004.

BROOKS, A. K. **Critically reflective learning within a corporate context**. Unpublished doctoral dissertation, Teacher's College, Columbia University, NY, 1989.

BROWN, S.; LEHTO, X. Travelling with a purpose: understanding the motives and benefits of volunteer vacations. **Current Issues in Tourism**, v. 8, n. 6, p. 479-96, 2005.

BUSSEL, H; FORBES, D. Understanding the volunteer market: The what, where, who and why of volunteering. **International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing**, n. 7, p. 244-257, 2002.

BUTCHER, J.; SMITH, P. Making a Difference': Volunteer Tourism and Development, **Tourism Recreation Research**, v. 35, n. 1, p. 27-36, 2010.

BUTLER, R. W. Alternative Tourism: Pious Hope Or Trojan Horse? **Journal of Travel Research**, v. 28, n. 3, p. 40-5, 1990.

CALLANAN, M.; THOMAS, S. Volunteer tourism. In: NOVELLI, M. (Ed.). **Niche Tourism: Contemporary issues, trends, and cases**. Wallington, UK: Butterworth Heinemann, p. 193-211, 2005.

CASSIANI, S. de B.; CALIRI, M. H. L.; PELÁ, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 75-88, 1996.

CHAMBRE, S. Volunteerism by elders: Past trends and future prospects. **The Gerontologist** v. 33, p. 221-28, 1993.

CHEN, L.; CHEN, J. The motivations and expectations of international volunteer tourists: a case study of Chinese Village Traditions. **Tourism Management**, v. 32, n. 2, p. 435-42, 2011.

CLARK, C. M. **The restructuring of meaning: An analysis of the impact of context on transformational learning**. (Tese) - University of Georgia, Athens. 1991.

CNAAN, R.; HANDY, F.; WADSWORTH, M. Defining who is a volunteer: conceptual and empirical considerations. **Nonprofit Volunteer Sector Q**, v. 25, p. 364-83, 1996.

COCHRANE, N. J. **The meaning that some adults derive from their personal withdrawal experiences: a dialogical inquiry**. (Tese) - University of Toronto, Toronto. 1981.

COGHLAN, A. Exploring the role of expedition staff in volunteer tourism. **International Journal of Tourism Research**, v. 10, n. 2, p. 183-91, 2008.

COGHLAN, A. Towards an Integrated Image-based Typology of Volunteer Tourism Organizations. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 15, n. 3, p. 267-87, 2007.

COGHLAN, A.; GOOCH, M. Applying a transformative learning framework to volunteer tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 19, n. 6, p. 713-28, 2011.

COLLARD, S.; LAW, M. The limits of perspective transformation: A critique of Mezirow's theory. **Adult Education Quarterly**, v. 39, 99-107, 1989.

COURTENAY, B. C.; MERRIAM, S. R. P.; BAUMGARTNER, L. Perspective Transformation over Time: A 2-year follow-up Study of HIV-positive Adults. **Adult Education Quarterly**, v. 50, p. 102-19, 2000.

CUNNINGHAM, P. M. From Freire to feminism: The North American experience with critical pedagogy. **Adult Education Quarterly**. 42, 180-191, 1992.

COUSINS, J. A.; EVANS, J.; SADLER, J. Selling conservation? Scientific legitimacy and the commodification of conservation tourism. **Ecology and Society**, v. 14, n. 1, p. 32, 2009.

DAMASIO, A. R. Fundamental Feelings. **Nature**. 413, 781, 2001.

DE VOS, A.; VAN DER HEIJDEN, B. **Handbook of Research on Sustainable Careers**. Edward Elgar Publishing. 2015.

DURBARRY, R.; SEETANAH, B. The Impact of Long Haul Destinations on Carbon Emissions: The Case of Mauritius. **Journal of Hospitality Marketing & Management**, v. 24, n. 4, p. 401-10, 2015.

EHRICHS, L. **'Volunteering' in Development: A post-modern view**. 2000. Disponível em: <<http://www.worldvolunteerweb.org/browse/countries/lao-pdr/doc/volunteering-in-development.html>>. Acesso em: 11 maio 2019.

ELLIOTT, D. **Voluntourism**. 2008. Condé Nast Traveler. Disponível em: <<http://www.concierge.com/cntraveler/articles/12200>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

ELLIS, C. Participatory environmental research in tourism: a global view. **Tourism Recreation Research**, v. 28, n. 3, p. 45-55, 2003.

ELLIS, S. J; NOYES, K. **By the People: a history of Americans as volunteers**. Jossey-Bass Publishers. 1990.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. London: Sage Publishing, 2009.

FRANKL, V. E. **Man's Search for Ultimate Meaning**. New York: Perseus Book Publishing, 1997.

GALLICANO, T. D. Relationship management with the Millennial generation of public relations agency employees. **Public Relations Review**, v. 39, n. 3, p. 222-5, 2013.

GIL, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOODMAN, L. Motivating people from privileged groups to support social justice. **Teachers College Record**. 102, 1061-1070, 2000.

GRAY, N. J.; CAMPBELL, L. M. A Decommodified Experience? Exploring Aesthetic, Economic and Ethical Values for Volunteer Ecotourism in Costa Rica. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 15, n. 5, p. 463-82, 2007.

GUTTENTAG, D. A. The possible negative impacts of volunteer tourism. **International Journal of Tourism Research**, v. 11, n. 6, p. 537-51, 2009.

HAMMERSLEY, L. A. Volunteer tourism: building effective relationships of understanding. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 6, p. 855-73, 2014.

HANSMANN, R. Sustainability Learning: an introduction to the concept and its motivational aspects. **Sustainability**, v. 2, p. 2873-97, 2010.

HART, M. Critical theory and beyond. Further perspectives on emancipatory education. **Adult Education Quarterly**, v. 40, 125-148, 1990.

HARTLEY, J. Case Study Research. In: SYMON, C. C. A. G. (Ed.). **Essential**. 2004.

- HOLDEN, A. **Environment and Tourism**. London: Routledge, 2000.
- HOLMES, K. et al. Developing the dimensions of tourism volunteering. **Leisure Sciences**, v. 32, n. 3, p. 255-69, 2010.
- HUNTER, E. K. **Perspective transformation in health practices: a study in adult learning and fundamental life change**. (Tese) - The Fielding Institute, Los Angeles, 1980.
- HUSTINX, L. Individualization and new styles of youth volunteering: an empirical investigation. **Voluntary Action**, v. 3, n. 2, p. 57-76, 2001.
- JAFARI, J. The scientification of tourism. In: SMITH, V. L. & BRENT, M. (Eds.). **Hosts and Guests Revisited: Issues of the 21st century**. Elmsford, NY: Cognizant, 2001. p. 28-41.
- KILGORE, D.; BLOOM, L. R. 'When I'm down, it takes me a while': Rethinking Transformational Education through Narratives of Women in Crisis. **Adult Basic Education**, v. 12, p. 123-33, 2002.
- LANGE, E. A. Transformative and Restorative Learning: A Vital Dialectic for Sustainable Societies. **Adult Education Quarterly**, v. 54, n. 2, p. 121-39, 2004.
- LEAT, D. **Towards a Definition of Volunteer Involvement**. Berkhamstead, England: Volunteer Centre, 1977.
- LEIPER, N. The framework of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 6, n. 4, p. 390-407, 1979.
- LEPP, A. Discovering self and discovering others through the Taita Discovery Centre Volunteer Tourism Programme, Kenya. In: LYONS, K.; WEARING, S. (Eds.). **Journeys of Discovery in Volunteer Tourism: International case study perspectives**. Wallingford, UK: CABI, 2008. p. 86-100.
- LO, A. S.; LEE, C. S. Motivations and perceived value of volunteer tourists from Hong Kong. **Tourism Management**, v. 32, n. 2, p. 326-34, 2011.
- LYONS, K. et al. Gap year volunteer tourism: myths of global citizenship? **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 1, p. 361-78, 2012.
- MARTINS, G. A. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MCCARTHY, A. M.; TUCKER, M. L. Encouraging Community Service through Service Learning. **Journal of Management Education**, v. 26, n. 6, p. 629-47, 2002.
- McGEHEE, N. G. Oppression, emancipation, and volunteer tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 1, p. 84-107, 2012.
- McGEHEE, N. G. Volunteer tourism: evolution, issues and futures. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 6, p. 847-54, 2014.
- McGEHEE, N. G.; SANTOS, C. A. Social change, discourse and volunteer tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n. 3, p. 760-79, 2005.

McGEHEE, N.; ANDERECK, K. Volunteer tourism and the “voluntoured”: the case of Tijuana, Mexico. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 17, n. 1, p. 39-51, 2009.

McGRATH, J. E. Toward a theory of method for research on organizations. **New Perspectives in Organization Research**. New York: Wiley, 1964.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research: A guide to design and implementation**. Jossey-Bass. 2009.

MEZIROW J. **Transformative Dimensions of Adult Learning**. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

MEZIROW, J. **Education for Perspective Transformation: Women’s Re-entry Programs in Community Colleges**. New York: Teachers College, Columbia University, 1978.

MEZIROW, J. Transformative Learning: Theory to Practice. **New Directions for Adult and continuing Education**, n. 74, 1997.

MUSTONEN, P. Volunteer tourism-altruism or mere tourism? **Anatolia: An International Journal of Tourism and Hospitality Research**, v. 18, n. 1, p. 97-115, 2007.

NEWMAN, M. Response to understanding transformation theory. **Adult Education Quarterly**, v. 44, 236-244, 1994.

O’SULLIVAN, E. The Project and Vision of Transformative Education: Integral Transformative Learning. **Expanding the Boundaries of Transformative Learning: Essays on theory and praxis**. New York: Palgrave, 2002.

PALACIOS, C. Volunteer tourism, development and education in a postcolonial world: conceiving global connections beyond aid. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 18, n. 7, p. 861-78, 2010.

PEARCE, P. L.; COGHLAN, A. The dynamics behind volunteer tourism. In: WEARING, S.; LYONS, K. (Eds.). **Journeys of Discovery in Volunteer Tourism: International case study perspectives**. Oxfordshire, UK: CABI, p. 120-43, 2008.

PILIAVIN, J. A.; CHARNG, H.-W. Altruism: A review of recent theory and research. **American Sociological Review**, v. 16, p. 27-65, 1990.

Ravitch, S. M.; Matthew R. **Reason and Rigor: How Conceptual Frameworks Guide Research**. Second edition. Los Angeles, CA: SAGE, 2017.

RAYMOND, E. M.; HALL, C. M. The Development of Cross-Cultural (Mis)Understanding Through Volunteer Tourism. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 16, n. 5, p. 530-43. 2008.

REHBERG, W. Altruistic individualists: motivations for international volunteering among young adults in Switzerland. **Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 16, n. 2, p. 109-22, 2005.

RYAN, C. The Chase of a Dream, the End of Play. In: RYAN, C. (Ed.) **The Tourist Experience: A New Introduction**. London: Cassell, 1997. p. 1-24.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de La Investigación**. México: McGraw-Hill, 1991.

SCHUTEL, S. **Aprendizagem Transformadora para o Desenvolvimento Sustentável Futuro**: Estudos de casos em cursos de administração no Canadá e no Brasil. (Tese) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

SINGH, T. V. Altruistic tourism: another shade of sustainable tourism: the case of Kanda community. **Tourism: An International Interdisciplinary Journal**, v. 50, n.4, p. 371-381, 2002.

SIPOS, Y. Transformative sustainability learning: a united pedagogy of head, hands and heart. **Retrospective Theses and Dissertations**, p. 1919-2007. 2005.

SIPOS, Y.; Battisti, B.; Grimm, K. Achieving transformative sustainability learning: engaging head, hands and heart. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 9, n. 1, p. 68-86, 2008.

SMITH, D. H. Altruism, Volunteers and Volunteering. **Journal of Voluntary Action Research**, v. 10, p. 21–36, 1981.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Sage. 1995.

STAYWYSE. **Youth Travel – The next BIG THING at ITB Berlin 2012**. The Association of Youth Travel Accommodation. 2012. Disponível em: <<http://staywyse.org/2012/03/09/youth-travel-thenext-big-thing-at-itb-berlin-2012/>>. Acesso em: 11 maio 2019.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. M. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory Procedures and Techniques**. Sage Publications, 1990.

STEBBINS, A.; GRAHAM, M. **Volunteering as Leisure/Leisure as Volunteering: An international assessment**. Cabi. 2004.

STERLING, S. Transformative Learning and Sustainability: sketching the conceptual ground. **Learning and Teaching in Higher Education**, v. 5, p. 17-33, 2011.

STODDART, H.; ROGERSON, C. M. Volunteer tourism: the case of Habitat for Humanity South Africa. **GeoJournal**, v. 60, n. 3, p. 311-18, 2004.

TAYLOR, E. W. Intercultural competency: A transformative learning process. **Adult Education Quarterly**, n. 44, 34-42, 1994.

TAYLOR, E. W. An update of transformative learning theory: a critical review of the empirical research (1999–2005). **International Journal of Lifelong Education**, v. 26, n. 2, p. 173-91, 2007.

TAYLOR, E. W. Transformative learning: A critical review. **Clearinghouse on Adult, Career and Vocational Education**. ERIC Clearing House. 1997. p. 374.

- TILLY, C.; TILLY, C. Capitalist Work and Labor Markets. **Handbook of Economic Sociology**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994. p. 283-313.
- TOMAZOS, K.; BUTLER, R. The volunteer tourist as 'hero'. **Current Issues in Tourism**, v. 13, n. 4, p. 363e380, 2010.
- ULUSOY, E. Experiential responsible consumption. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 1, p. 284-97, 2016.
- URIELY, N.; REICHEL, A.; RON, A. Volunteering in tourism: additional thinking. **Tourism Recreation Research**, v. 28, n. 3, p. 57-62, 2003.
- VINEYARD, S. **Megatrends and Volunteerism**. Downers Grove, IL: Heritage Hearts, 1993.
- VOGELSANG, M. R. **Transformative experiences of female adult students**. (Tese) - Iowa State University, Ames.1993.
- VRASTI, W. **Volunteer Tourism in the Global South: Giving back in neoliberal times**. Oxon, UK: Routledge. 2013.
- WEARING, S. Examining best practice in volunteer tourism. In: STEBBINS, R. A.; GRAHAM, R. T. (Eds.). **Volunteering as Leisure/Leisure as Volunteering**. Wallingford, UK: CABI, 2004. p. 209-24.
- WEARING, S. **Volunteer Tourism: Experiences that make a difference**. Cabi. 2001.
- WEARING, S.; McDONALD, M.; PONTING, J. Building a decommodified research paradigm in tourism: The contribution of NGOs. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 13, n. 5, p. 424-39, 2005.
- WEARING, S.; McGEHEE, N. G. Volunteer tourism: A review. **Tourism Management**, v. 38, p. 120-30, 2013.
- WEARING, S.; NEIL, J. Expanding sustainable tourism's conceptualization: ecotourism, volunteerism and serious leisure. In: McCOOL, S. F.; MOISEY, R. N. (Eds.). **Tourism, Recreation, and Sustainability: Linking culture and the environment**. Wallingford, UK: CABI, 2001. p. 233-54.
- WEILER, B.; RICHINS, H. Extreme, extravagant and elite: a profile of ecotourists on Earthwatch expeditions. **Tourism Recreation Research**, v. 20, n. 1, p. 29-36, 1995.
- WILSON, J. V. **Annual Review of Sociology**, v. 26, n. 1, p. 215-40, 2000.
- WILSON, J.; MUSICK, M. Who Cares? Toward an Integrated Theory of Volunteer Work. **American Sociological Review**, v. 6, p. 694-713, 1997.
- WRIGHT, H. Volunteer tourism and its (mis) perceptions: A comparative analysis of tourist/host perceptions. **Tourism and Hospitality Research**, v. 13, n. 4, p. 239-50, 2013.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAHRA, A.; MCINTOSH, A. J. Volunteer Tourism: Evidence of Cathartic Tourist Experiences. **Tourism Recreation Research**, v. 32, 2007.

ZAVITZ, K.; J. BUTZ, D. Not that alternative: Short-term volunteer tourism at an organic farming project in Costa Rica. **ACME**, v. 10, p. 412-41, 2011.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA VIAGEM À ÍNDIA

PROGRAMAÇÃO	
<p>Chegada em New Delhi 27/01/2019</p>	<p>Nesse dia, os voluntários serão recepcionados no aeroporto em New Delhi e ficarão em uma Guest House na primeira noite. Obs: Os valores das passagens aéreas dependem da cidade de origem de cada voluntário. A nossa equipe poderá fazer cotações para você, assim você pode fechar o pacote completo conosco e não precisa se preocupar com nada. O que está incluído nesse dia: transfer, acomodação e alimentação conforme horário de chegada.</p>
<p>City Tour em Delhi e ida à Agra 28/01/2019</p>	<p>Após o café da manhã, nós visitaremos alguns pontos turísticos de Delhi como India Gate, Parliament house, Gandhi Museum, Birla Temple and President's Palace. Depois iremos para Agra – cidade onde está localizado o Taj Mahal. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Visita ao Taj Mahal e ida à Jaipur 29/01/2019</p>	<p>Visita ao Taj Mahal pela manhã e de tarde transporte para Jaipur. O que está incluído nesse dia: acomodação, transporte, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Primeiro dia de voluntariado 30/01/2019</p>	<p>No quarto dia, após o grupo já estar bem integrado, iremos para o primeiro dia no orfanato. Também nesse dia teremos Yoga pela manhã e aula de Bollywood Dance para quem desejar no final do dia. O que está incluído nesse dia: acomodação, transporte, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado e Dress up Workshop 31/01/2019</p>	<p>Após Yoga pela manhã (opcional), iremos para o projeto continuar as atividades e depois visitaremos o Wind Palace após o término do trabalho. À noite também será possível aprender sobre roupas típicas indianas. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado e Henna Workshop 01/02/2019</p>	<p>Após Yoga pela manhã (opcional), iremos para o projeto continuar as atividades. Pela noite, teremos workshop de Henna. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Dia livre em Jaipur ou viagem à Pushkar 02/02/2019</p>	<p>O final de semana é livre para os voluntários. Como sugestão, é possível ir para Pushkar para passar a noite no Deserto de Thar com passeio de camelo. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Dia livre em Jaipur ou viagem à Pushkar 03/02/2019</p>	<p>O final de semana é livre para os voluntários. Como sugestão, é possível ir para Pushkar para passar a noite no Deserto de Thar com passeio de camelo. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado 04/02/2019</p>	<p>Dia de trabalho normal. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado e visita à área rural de Jaipur 05/02/2019</p>	<p>Dia de trabalho normal e visita a área rural de Jaipur onde teremos jantar com uma família local. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado 06/02/2019</p>	<p>Dia de trabalho normal. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Voluntariado 07/02/2019</p>	<p>Dia de trabalho normal. O que está incluído nesse dia: transporte, acomodação, café da manhã, almoço e janta.</p>
<p>Transporte para Delhi 08/02/2019</p>	<p>Após o café da manhã, iremos para Delhi onde você será levada(o) ao aeroporto para pegar seu voo. O que está incluído nesse dia: transporte para Delhi, transfer para o aeroporto, café da manhã.</p>

APÊNDICE B – ROTEIRO DA VIAGEM A GANA

PROGRAMAÇÃO	
Saída do Brasil 13/02/2018	Os valores das passagens aéreas dependem da origem de cada voluntário. A nossa equipe poderá fazer cotações para você, assim você pode fechar o pacote completo conosco sem se preocupar com nada.
Chegada em Accra 14/02/2018	Nosso coordenador local estará aguardando para levar você até o hotel para encontrar o restante da equipe. O que está incluído nesse dia: transfer no aeroporto e estadia no hotel
Ida à Kumasi 15/02/2018	Após o café da manhã do hotel, iremos até a estação de ônibus para pegar o ônibus para Kumasi. A chegada está prevista para início da tarde em Kumasi. Após a chegada, teremos a orientação com a nossa coordenadora local para falar mais sobre Gana, cultura, segurança e o trabalho que será realizado no orfanato. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, transporte para a estação de ônibus, recepção em Kumasi, orientação e janta.
Primeiro dia de voluntariado 16/02/2018	Primeiro dia no orfanato para conhecer as crianças e começar os trabalhos. Trabalho no orfanato das 9h às 17h. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, almoço (normalmente algo prático para levar ao projeto) e janta.
Dias Livres 17/02 e 18/02/2018	Dias livres. O voluntário poderá ficar em Kumasi ou realizar passeios a serem indicados pela nossa equipe. Os gastos com os passeios são por conta do voluntário. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, almoço (normalmente algo prático) e janta para os voluntários que ficarem em Kumasi.
Voluntariado 19/02/ a 23/02/2018	Trabalho no orfanato das 9h às 17h. O que está incluído nesse dia: acomodação, café da manhã, almoço (normalmente algo prático para levar ao projeto) e janta.
Volta para Accra 24/02/2018	Iremos para Accra após o café da manhã. O que está incluído nesse dia: recepção na estação de ônibus, café da manhã e transporte para o aeroporto. Obs: O voo deve ser a partir das 17h, caso contrário, sugerimos que o voluntário vá um dia antes para Accra para não ter risco de perder o voo. Também é possível pegar o voo para sair no domingo e passar a última noite em Accra. Em ambos os casos, o custo do hotel é por conta do voluntário.

APÊNDICE C – RESULTADOS EXPLORATÓRIOS DE APRENDIZAGEM TRANSFORMADORA NA VIAGEM À GANA

A viagem à Gana que ocorreu em fevereiro de 2018, do dia 13/02 até 24/02, e as entrevistas foram realizadas entre março e abril de 2019, tendo decorrido mais tempo entre a viagem de turismo voluntário e as entrevistas do que com o grupo da Índia.

Ela iniciou com o pedido de um orfanato local, o *All Nations Charity Home*, que já recebia voluntários da Exchange do Bem individualmente desde o início das atividades da empresa, a uma das ONGs parceiras no país destino para que fosse construído um sistema de drenagem e assim evitar recorrentes alagamentos causados pela tubulação do esgoto que desembocava próximo ao dormitório masculino das crianças. Esses alagamentos provocavam perdas materiais, danificação das estruturas do alojamento e sérios inconvenientes com constantes realocações até que fossem resolvidos. A ONG local deu início ao diálogo com os responsáveis pelo orfanato e buscou parcerias para obter doação de material, mão de obra qualificada para a elaboração do projeto e execução da obra – todos os profissionais que participaram do planejamento e execução eram nativos de Gana. Os voluntários não possuíam qualificações técnicas para esse tipo de obra, mas auxiliavam em tarefas mais simples e necessárias para sua finalização, no carregamento de materiais e na limpeza do córrego, repleto de lixo, que saía do esgoto ao lado do dormitório e contribuía para o alagamento.

Além disso, interagir com as crianças e promover atividades lúdicas e esportivas também fazia parte da proposta da viagem e ocorria diariamente. A proatividade dos voluntários permitiu ainda que fosse criado um campo de futebol, a renovação do interior dos dormitórios com pintura e compra de madeira para a fabricação de novos móveis e outras pequenas melhorias de infraestrutura.

Momentos de socialização e interação com a cultura local, além dos proporcionados pela atuação na obra e no orfanato, foram facilitados pela estadia durante a viagem em uma casa de família que era residida pela diretora da ONG local e seus familiares. Jantares, reuniões e outras atividades sociais eram comuns nos períodos em que os voluntários estavam na acomodação e também permitia um maior envolvimento e discussão entre os próprios membros do grupo. Uma viagem de final de semana para Cape Coast (praia localizada próxima à cidade de Kumasi) logo no primeiro final de semana, onde o grupo se hospedou em uma pousada, permitiu que se conhecessem melhor antes de iniciar os trabalhos, criando um ambiente que favoreceu a interação e criação de vínculos entre os participantes.

As obras foram finalizadas no tempo previsto e parte dos custos da viagem cobrado dos voluntários serviu para fazer a compra parcial prévia do material da obra e também para a contratação de mão de obra para a sua realização. A transparência nos custos e gastos envolvidos, desde o material comprado até o salário e outras despesas administrativas da Exchange do Bem foram apresentadas em um relatório aos voluntários após o retorno, prezando pela transparência na realização de todo o processo de organização da viagem.

Após o término da experiência, os integrantes do grupo mantiveram contato por meio de aplicativos online, onde organizam confraternizações e recebem atualizações sobre o projeto. Atualmente, com auxílio da Exchange do Bem, subsidiam integralmente os custos da faculdade de uma das meninas do orfanato que foi aprovada para cursar Letras.

Informações dos participantes da viagem em grupo podem ser vistos no quadro C.1.

Quadro C.1: Participantes da viagem em grupo para Gana

ID	SEXO	IDADE	PROFISSÃO	ORIGEM
VG1	Feminino	29	Farmacêutica	São Paulo – SP
VG2	Feminino	32	Engenheira	São Paulo – SP
VG3	Masculino	30	Engenheiro	São Paulo - SP
VG4	Feminino	29	RP	Rio de Janeiro - RJ
VG5	Feminino	26	Estudante	Santa Maria – RS
VG6	Feminino	26	Jornalista	São Paulo -SP
VG7	Feminino	25	Médica	São Paulo -SP
VG8	Feminino	32	Estatístico	Belo Horizonte – MG

Fonte: Elaborada pelo autor

A viagem em grupo para Gana, diferentemente da Índia, proporcionou muito mais contato direto com as crianças do orfanato e, apesar de ser voltada para o propósito de construção, contava com a contratação de mão de obra técnica especializada para liderar as obras, permitindo que os turistas voluntários se distribuíssem também em atividades secundárias como brincadeiras com as crianças, pequenas reformas nas instalações (dormitórios, campinho de futebol, limpeza geral, etc.) sem que atrasasse o objetivo principal de construção do sistema de drenagem. Posto isso, ficam perceptíveis os relatos de conexão emocional mais fortes e de mudanças na maioria dos entrevistados, contribuindo para a

proposição de que o turismo voluntário é um dos caminhos que podem levar à AT e, conforme quadro C.2, reforçando a permanência dessas mudanças mais de um ano após a viagem em sete dos oito entrevistados.

Quadro C.2 - Mudanças permanentes

ID	Sinais de Irreversibilidade
VG1	Sim
VG2	Sim
VG3	Não
VG4	Sim
VG5	Não
VG6	Sim
VG7	Não
VG8	Sim

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Alguns entrevistados apresentaram respostas mais amplas e falaram inclusive das motivações que os levaram a participar desse tipo de viagem. Para VG8 a busca pela viagem de turismo voluntário se deu pelo contexto histórico e cultural de outro país:

Eu já faço muita coisa voluntária há algum tempo, mas o meu interesse em procurar um país em outro continente era também um pouco conhecer sobre uma cultura diferente, não só um país carente, mas um país com um ponto de vista muito diferente do nosso. Ao contrário do Brasil, Gana é um território de um povo mais guerreiro que resistiu à colonização, enquanto a gente tem uma realidade que a gente não tem memória do nosso povo. Eu estava buscando uma experiência, uma vivência, para entender um pouco mais essa realidade, que a gente está muito distante (VG8).

A busca por uma nova realidade é algo que já induz o indivíduo a estar aberto a novos conhecimentos, emoções e sentimentos. Segundo VG8, isso passa também por uma tentativa de conhecer o verdadeiro destino, sem filtros ou ruídos de informações. Questionada se vivenciando pessoalmente isso, conseguiu ter essa visão diferenciada, responde:

Sem dúvida. Eu acho que a gente recebe as informações com muita coisa da mídia. Ela já vem com um vício muito grande de julgamentos, de questões, que vai depender de quem está comunicando. É muito diferente de você ir pessoalmente. Eu tive que escutar mais do que falar, porque era um país em que as mulheres não podem falar. Eu consegui exercitar, mas não de uma forma agressiva. Quando a gente fala sobre a posição da mulher a gente tem que ser um pouco mais agressivo para mostrar para as pessoas, mas quando você está em outro país, você tem que respeitar, em primeiro lugar. Quando eu fiz esse exercício de escutar, às vezes, eu percebi que nem sempre era uma imposição machista, maldosa, mas porque a pessoa aprendeu assim (VG8).

A principal informação que pode ser tirada dessa resposta, é o relato de que era preciso escutar antes de falar. Em primeiro momento, pareceu remeter ao machismo em sua resposta,

mas com a vivência, foi conhecendo a realidade daquele local e percebe-se uma abertura à visão de mundo do outro, um respeito a um posicionamento diferente do seu e que indica um caminho para a reflexão crítica e posteriormente a possibilidade do processo de AT. Buscou-se saber então como ela percebeu essa interação com o projeto em termos de troca, se havia sido unilateral ou em ambos os sentidos entre o grupo e o projeto:

Eu acho que foi uma troca de duas mãos, mas também não acho que a gente salvou a vida de ninguém, porque eu simplesmente peguei um voo, vim para a minha casa e continuo com os meus privilégios. Mudar uma realidade me permitiu uma experiência, mas não faz muita diferença na vida das pessoas (VG8).

Há a percepção de que foi uma troca onde ambas as partes tiveram ganhos, porém vê como algo temporário, pois o tempo de estadia é pouco e ocorre o retorno para a sua casa, com realidade muito diferente da vivida nessa viagem. Mesmo assim, considera que foi um ganho de experiência e reconhece os desafios de manter os aprendizados no dia-a-dia após o retorno:

Eu acho que o tempo de duas semanas é até pouco né, dez dias sei lá. Realmente, a cada dia, principalmente porque demora uns dias para ganhar uma confiança daquelas pessoas, acho que quanto mais dias você vai convivendo, maior é a abertura e essa troca mais sincera. [...] No meu caso, eu acho que eu ganhei experiência e eu já tenho uma proposta de vida que eu reservo algumas horas da minha rotina para me dedicar a algumas ações que impactam na vida de uma pessoa. Mas eu acho que é um risco é muito comum. A gente mesmo, como um grupo, saiu de lá falando que ia fazer um projeto e que queria ajudar as crianças a entrar na universidade. Isso demorou muito tempo a ser retomado, porque é difícil encaixar na rotina, eram muitas pessoas. Envolveria algumas questões, e acabou que no final concretizou, porque vocês tomaram algumas iniciativas, mas se não fosse vocês tomando a frente, talvez, não teria saído (VG8).

Aqui VG8 relata sobre uma iniciativa que selecionaria uma das jovens do orfanato para receber uma bolsa universitária, financiada pelos integrantes do grupo e pela Exchange do Bem. Durante a viagem, a organização e o planejamento dessa atividade fluíram com mais rapidez do que após o retorno, quando demandou diversas reuniões e o contato entre os integrantes já havia diminuído. No entanto, ressalta-se aqui a importância que o agente intermediário pode ter na continuidade de interação entre turistas voluntários e projetos, pois pode estimular a participação ativa dessas pessoas em projetos que deem continuidade ao trabalho realizado ou que sirvam para trazer diferentes melhorias para a população local. Apesar de reconhecer essa dificuldade de adaptação e continuidade das ações a nível de grupo, de maneira individual relata que já não passa mais por isso ao ser perguntada se houve, após seu retorno ao Brasil, a perda desse olhar voltado para o outro, voltando a ter uma visão mais egoísta:

Hoje em dia não mais. Hoje em dia eu não sinto mais essa dificuldade. Acaba que tudo que a gente faz, a gente abre mão de outras coisas, mas eu acho que eu estou em um momento de dizer que eu estou confortável com as minhas escolhas e como eu ocupo o meu dia. Claro que é uma correria, mas é uma correria muito positiva. Mas as pessoas costumam questionar. Qualquer mudança de hábito há um questionamento da sociedade. Eu acho que é positivo, porque o questionamento já é uma curiosidade. É melhor do que a fase anterior, que, talvez, seria de ignorar que existem problemas. Agora, quando teve esse incêndio de Notre Dame, muita gente postou que eles conseguiram dinheiro para reformar muito rápido e que poderia usar esse dinheiro para outro fim. A gente não está na posição de julgar o que cada um faz com o seu dinheiro, mas só o fato de as pessoas começarem a comparar as coisas, um desastre em um país na África e uma queima de algo cultural, mas que não envolve vidas, só o fato de questionar sem julgar os valores. Eu não acho também que eu tenho que interferir na escolha de alguém doou para o museu e falar que a pessoa está errada, mas esse próprio questionamento eu já acho que é uma conscientização coletiva sobre os problemas. Acreditar que cada um tem os seus problemas e começa a posicionar os problemas como conjuntos (VG8).

Ao abordar o tema da conscientização, sem que ele tenha sido diretamente mencionado pelo entrevistador, VG8 parece já adotar um posicionamento de percepção do outro e de reflexão que indicam uma aprendizagem mais profunda e vê isso ocorrer não apenas em nível individual, mas em nível coletivo também. Questionada então se acredita que a viagem de turismo voluntário contribui para esse processo, responde:

Com certeza, principalmente se você mora um pouquinho naquele lugar. A sensação de pertencimento na experiência de uma viagem é maior do que se fosse uma visita de um dia. Para criar esse sentimento de pertencimento no mundo, e não na minha cidade, na minha casa, e exercitar mais, ter uma visão mais crítica das coisas, acho que é positivo. É um exercício. A gente está começando. Para algumas pessoas, pode ser que uma viagem já mude a vida delas, mas também pode ser que faça menos diferença. Mas acho que só de fazer um pouquinho de diferença já é significativo (VG8).

A ideia de que há diferentes maneiras de perceber esse tipo de experiência é corroborada pelas respostas dadas durante as entrevistas com o grupo da Índia, onde a intensidade e os aprendizados adquiridos variaram entre os participantes. A sensação de aproximação é compartilhada também por VG7, quando questionada sobre as mudanças adquiridas na viagem:

Essas perguntas são muito difíceis. Foi uma viagem que marcou muito. Já faz um ano e eu lembro dela até hoje. Eu conto para as pessoas das experiências. Eu acho que todos os dias eu consigo aplicar alguma coisa que eu vi lá, que visitei, que eu vivenciei. Eu sempre consigo encaixar alguma experiência no meu dia a dia. Eu comento a viagem com as pessoas até hoje “Quando eu estava lá, a gente viu isso, isso e isso”. Antes eu tinha muito contato com pessoas com condições difíceis de vida. Nada me surpreendeu, mas é um contato diferente. É um contato totalmente diferente. Eu nunca tinha tido esse tipo de contato. Eu acho que foi mais próximo, foi mais íntimo, mais emocional até (VG7).

VG7 já tinha voluntariado na ONG TETO, mas na parte administrativa. A aproximação e

convívio direto com essa realidade do orfanato não lhe causou surpresa, porém foi algo novo e trouxe reflexões:

Eu tinha ajudado no teto. Eu não fui construir a casa. Eu fiz o cadastro para chamar as pessoas. Claro que você ir lá e comer a mesma comida que as crianças comiam, que a gente foi, que a gente comeu. O fato de ficar vários dias em um lugar que não tem asfalto, em que você saía na rua e se sujava de terra, eu nunca tinha tido essa experiência, mas de ter contato com pessoas que vivem naquelas condições eu já tinha tido. [...] Eu acho que mudou o jeito de encarar as coisas. Eu sei que eu vivo em uma bolha. Eu ainda acho que eu vivo, até hoje, mas eu realmente já tinha tido contato bem próximo. Eu acho que eu já tinha uma visão voltada para o outro, mas não deixa de mudar. Claro que muda. Por mais que eu já tivesse tido contato, é um tipo de experiência diferente das outras. É única. Acaba que você tem outras visões, com certeza. As crianças grudavam em você e imploravam por água. Lógico que você muda a sua visão. Acho que é muito difícil não mudar (VG7).

As vivências parecem então trazer oportunidades para surgirem mudanças de comportamento, pensamento e visões. Porém, reconhece, assim como outros já mencionaram, a dificuldade de encaixar a empolgação com essas mudanças logo após o retorno e até hoje na rotina:

Eu voltei muito com isso, tanto que eu fui atrás. Eu fiz outros e se der certo quero fazer de novo. Eu continuo com esse sentimento de querer mudar o comportamento, de querer fazer mais coisa voluntária. Acaba que você coloca, por exemplo, nessas férias eu não vou conseguir, porque eu tenho férias em tal período e a viagem é em outro aí se não casou com a minha rotina, não vou. Realmente, aconteceu. E é muito fácil mesmo você acabar voltando para a sua rotina e acabar deixando isso um pouco de lado. Eu acho que eu ainda tenho bastante vontade de fazer de novo trabalho voluntário, mas acaba sendo engolido pelo dia a dia (VG7).

As respostas iniciaram com o pensamento de transformações e mudanças potencializadas pela vivência proporcionada pelo turismo voluntário. VG7 já fazia voluntariado esporadicamente e, após a viagem de Gana, já participou de outra viagem de turismo voluntário para a Amazônia, porém durante a entrevista não foram dados exemplos que pudessem relatar de forma mais concreta como essa transformação mudou o seu dia-a-dia, suas atitudes ou visões. Percebe-se que há a vontade de continuar ajudando, por meio desse tipo de viagem, porém a manutenção e irreversibilidade da AT, caso tenha ocorrido, devem ir muito além de apenas participar no turismo voluntário anualmente.

De maneira parecida, a entrevista de VG5 parece retratar momentos tocantes e lembranças da viagem, mas sem transpor isso para os dias atuais, após o retorno, de maneira a poder inferir que resultou em mudanças profundas e que persistem ainda hoje. Inicialmente perguntada sobre como veio a buscar esse tipo de experiência, relata:

Eu sempre tive muita ligação com criança, principalmente. E eu sempre tive vontade de ajudar crianças. No colégio mesmo eu comecei com isso, que tinha os grupos que faziam para ir em lugares com crianças com câncer, em escolas precárias. Depois que eu saí do colégio, na faculdade eu tinha dificuldade de encontrar. Eu encontrei uma ONG na minha cidade que era com crianças que os pais tinham dependência química, então era bem triste. Mas me chama a atenção, eu tenho vontade, essa questão com criança, de ajudar, porque eu tenho muita pena. Não foram eles que escolheram. Eles nasceram em uma situação difícil. Eu me sinto bem de tentar ajudar o mínimo a eles saírem dessa, não seguirem essa vida em que eles nasceram. Só que eu penso que eu ajudo e, na verdade, quem ajuda muito mais são eles. O carinho que a gente recebe, o amor é muito gratificante (VG5).

Há um envolvimento prévio com voluntariado, tendo iniciado como voluntária em um projeto de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e atuava antes como coordenadora do mesmo, em paralelo com a faculdade de agronomia. Visto que menciona a conexão emocional com as crianças do orfanato, foi perguntada sobre o que mudou depois da viagem e responde:

Eu sinto que a gente passa a se sentir mais agradecido pela vida, dá mais valor às coisas, sem dúvida, porque a gente vê tudo que eles passam e, mesmo assim, eles são pessoas que estão sempre dando carinho. Apesar de as crianças serem muito carentes, elas dão muito carinho. Tanto que a gente vai para lá pensando que a gente vai ajudar, mas eles nos ajudam muito. Nos dão muito carinho, nos dão muito amor, nos acolhem muito bem. A gente consegue ver esse lado bom. Com eles aconteceram tantas desgraças, tantas coisas tristes e, mesmo assim, quanta coisa boa eles têm para nos ensinar, para nos passar. A gente se torna mais agradecido, vê o lado melhor das coisas. Eu acho que isso muda bastante (VG5).

Há indícios de uma autoavaliação, mas que não se traduz em mudanças profundas ao longo da entrevista. Direcionando as perguntas para dificuldades que possam ter surgido depois do seu retorno, para manter as aprendizagens adquiridas, complementa:

Eu acho que quando você tem essa coisa de ajudar os outros, eu acho que você fazer o voluntariado na sua rotina não é tão fácil, porque tem que ser um voluntário sério, que hoje não são muitos que são. Tem que ter muito compromisso, porque você está com crianças com problemas sérios, como esse que eu fiz, crianças com dependência química. Era um voluntariado bem sério. Para você encontrar voluntários assim não é tão fácil. Eu acho que às vezes as pessoas podem demorar para fazer, porque não encontram, ou encontram e não encaixa nos horários de trabalho, mas mesmo você não participando de um voluntariado, tem meios de ajudar. De fazer caridade. Eu acho que não tem desculpa para você não querer ajudar. [...] Por exemplo. Agora eu comecei a trabalhar em uma fazenda que não é na cidade. Então eu fico com dificuldade de tempo, porque a cidade mais perto tem 20 mil habitantes. Então não tem ONG lá. Eu sinto muita falta, mas tudo que a gente pode, a gente ajuda. Eu acho que as pessoas têm que fazer isso. O voluntariado que eu fazia era toda quarta-feira. Tem pessoas que não querem isso, aquela coisa fixa. Tudo bem, mas tem outras formas (VG5).

Por questões de tempo, devido ao estudo e trabalho, precisou abrir mão da ONG onde atuava, passando a se dedicar ao voluntariado de outras maneiras. No entanto, essas atitudes já

eram presentes antes da viagem e, portanto, não caracterizam mudanças que se buscam identificar entre os participantes.

Apresentando relatos mais profundos, VG6 fala de uma dificuldade de adaptação após o retorno, justamente pelo desconforto em aplicar as aprendizagens adquiridas nessa antiga realidade que não se encaixava mais na sua maneira de ser. Perguntada sobre o que ela diria que mudou com essa viagem, responde:

Vou assumir para você que quando eu voltei do meu trabalho voluntário, não foi uma época muito fácil para mim, na minha vida. Alguns outros problemas porque eu tranquei a faculdade e eu tinha saído do meu emprego. Quando eu estava voltando para cá, eu me senti até um pouco triste em relação ao que eu posso fazer pelo outro, como que eu posso mudar uma realidade. Eu voltei, não diria mais pé no chão, mas... eu, geralmente, dava muito valor a tudo que eu conquistei, às minhas conquistas, meus bens materiais, minhas conquistas pessoais no trabalho, na faculdade. Eu voltei de lá achando que isso não era a realização da minha vida. Eu acho que eu deveria buscar uma felicidade com o coletivo. Consegui ver mais na felicidade do outro do que nas minhas conquistas pessoais (VG6).

A reavaliação de valores e do seu papel na sociedade apresentam fortes indícios de que houve uma posterior reflexão e reposicionamento do eu perante o outro. Buscou-se saber então no que acarretaram essas mudanças:

Eu ajudo mais as pessoas. Ajudar financeiramente outras pessoas e outros grupos aqui dentro do Brasil mesmo que eu vejo que estão passando por dificuldade. Eu ainda não participei de nenhum outro projeto dentro do Brasil, porque eu sinto que eu ainda não consigo me envolver emocionalmente. Tem uma carga emocional com todas as pessoas que a gente viveu, que foi muito grande. Foi muito rica e foi muito intensa. [...] Eu não acho que eu tenha mudado a minha vida depois desse trabalho voluntário. Porém, eu tenho uma visão de sociedade hoje em dia muito mais coletivista do que eu tinha antigamente (VG6).

Novamente, assim como VG8, a conscientização parece ser um resultado dessas mudanças para VG6. Quando questionada se tais mudanças ainda persistem, relaciona-as com o desejo de alinhar a carreira com essa nova visão:

Agora eu estou desempregada, mas eu vejo que eu gostaria de fazer um trabalho que focasse em um ambiente que agregasse o coletivo. Metas e ações coletivas e a situações coletivas, menos focada no eu. Sinto que até hoje é uma meta de profissão, de carreira, difícil de se alcançar. Mas na minha plenitude de trabalho, eu gostaria de trabalhar em um ambiente que fosse voltado para o coletivo (VG6).

É perceptível que o coletivo passa a fazer parte do seu discurso de uma maneira que vai além da participação nas viagens, permeando outras áreas da sua vida, como por exemplo, a carreira. Esse aspecto da conciliação entre carreira e vida pessoal foi bem abordado por VG1, onde a vida pessoal pode passar por grandes mudanças por influências do trabalho, ou vice-versa, visto que carreira e vida pessoal estão em constante interação (DE VOS; VAN DER HEIJDEN, 2015). VG1 relata como a viagem para Gana a fez dar os primeiros passos para envolver o aspecto social junto a sua carreira, antes focada apenas no mundo corporativo:

A gente foi para Gana. Nessa época, eu e a VG2 a gente tinha começado a ter essa conversa entre nós. Depois que a gente voltou de Gana, a gente tinha combinado, eu e ela, como a gente só vivia só do mundo corporativo, e as duas tinham um anseio social grande, mas não sabiam como e não tinham coragem também para fazer acontecer. A gente falou “Vamos combinar de a gente uma vez por semana a gente conversa desse assunto e vê projetos e temas para descobrir o que a gente quer e como fazer”. Foi aí que a gente começou a fazer a parte social entrar no nosso dia-a-dia. Não só ela, mas também outras pessoas ao meu redor que são próximas e que eu tenho um respeito muito grande, começaram a falar desse lado de entender e buscar uma razão de viver e trabalhar maior. Eu sempre tive isso, só que eu sou uma pessoa muito conservadora. Eu tenho raízes japonesas que olham muito para o racional. Eu tinha uma dificuldade enorme de mostrar e de fazer acontecer no meu dia a dia. E depois do que a gente passou na experiência, eu estava em conversa com uma outra amiga. Ela voltou de viagem e no dia que ela fez uma festa de boas-vindas, eu estava comentando justamente isso com ela. Eu sinto que todos os meus grandes amigos, pessoas que eu respeito muito, estão fazendo essa virada, e eu tenho muito em comum com essas pessoas. Eu sinto que elas estão fazendo essa virada de chave e parece que é uma mensagem para eu fazer também e ir atrás do meu, ter a coragem de ir atrás do meu. Nesse momento, essa minha amiga ofereceu para eu trabalhar junto com ela na startup social dela. É uma startup. Na época, talvez um ano atrás, antes da experiência de Gana, antes de eu me abrir para isso, eu não tivesse coragem de aceitar. Porque eu não estava preparada profissionalmente e porque via outras prioridades na vida. Naquele momento, eu não ia me sentir bem. Agora eu me sinto confortável em aceitar um desafio desses que, na verdade, é um sonho. E eu topei (VG1).

Pela startup ainda estar em fase inicial, VG1 precisa conciliar o trabalho nela com a carreira no setor corporativo, tendo a mudança iniciado com a experiência da viagem de turismo voluntário que potencializou vontades já latentes (ela era bastante envolvida com o voluntariado no Brasil previamente), continuado ao manter contato sobre o tema com outra voluntária da viagem após o retorno onde poderiam pensar em alternativas de como desempenhar novos papéis voltados para o aspecto social e identificado em pessoas próximas de seu convívio esse mesmo sentimento para que pudesse, então, ser expresso e concretizado na forma de sociedade

em uma startup voltada à educação pública no Brasil. Depois, fala mais sobre como a viagem a ajudou a perceber o seu potencial, visto que enxergava o orfanato como um lugar que trazia impactos sociais positivos, mas com poucos recursos e conhecimentos formais:

Me deu confiança de ver a coordenadora do orfanato com uma mão na frente e outra atrás, vivendo com poucos recursos na vida pessoal dela, administrando um orfanato. Arranjando um jeito de fazer acontecer. Ela com quase nada de recurso fazia isso acontecer. Por que eu acho que tenho que ter mais recursos ou ter mais experiência? Porque a experiência que ela teve sempre foi muito voltada a isso. Não é que ela se formou. E o que ela falava era que era uma coisa que ela sentia de missão, a família dela tinha sentido isso. A mãe, as tias, alguma coisa assim. E ela sentia, tipo um chamado. Eu sempre senti o mesmo, sempre tive uma vontade muito grande. Então poxa, ela desse jeito pode fazer acontecer, por que eu não estou fazendo acontecer? Eu não preciso ser uma pessoa super experiente e profissional pra ter esse lado também (VG1).

Destaca-se aqui que o autoconhecimento, relatado por participantes da viagem à Índia, pode servir como caminho para mudanças mais profundas. No caso de VG1, diversos outros fatores foram dando sequência ao processo de mudanças, mas originou-se em uma autoavaliação das capacidades e requisitos para assumir uma outra posição dentro da sociedade. Essa mudança mostra indícios de irreversibilidade no momento em que VG1 comenta sobre como vê a si mesma:

É engraçado, eu já fiz muita reflexão sobre isso. Porque eu sou engenheira, trabalho em uma empresa farmacêutica e trabalho na área comercial. Além dessas três coisas, eu também faço ikebana, que é uma arte com flores orientais e sou esportista. Eu tinha muito orgulho de algumas coisas quando eu falava quem era a Fabiana, mas eu sempre senti falta, eu não sentia que eu estava completa. Agora, acabei de voltar do Japão onde tenho família. Fiquei um mês de férias lá. Antes, quando perguntavam o que eu fazia, geralmente eu falava “Eu trabalho na empresa farmacêutica, sou engenheira e tal”. E lá eu comecei a querer falar que tinha um negócio social. Eu comecei a falar as coisas que, realmente, são eu. Eu mexo com flores. Eu tenho um negócio social. Eu respondi muito mais pela minha personalidade, pelo o que eu quero para a minha vida, do que “Eu trabalho na multinacional”. A chave está virando (VG1).

Antes, identificava o seu eu com a sua formação e emprego, coisas que não necessariamente estavam ligadas à sua personalidade e posicionamento no mundo. Agora, parece ter uma visão mais completa de si e que, conseqüentemente, permitiu realizar um processo de mudanças e reavaliação individual e coletiva. Similarmente, VG2 remete ao autoconhecimento e ao trabalho o lugar onde pôde perceber as primeiras mudanças:

Eu acho que tem uma questão do autoconhecimento muito forte, a gente passa a entender um pouco mais os nossos sentimentos e uma valorização maior daquilo que a gente tem aqui, então pensando em mim, acho que esses foram dois grandes sentimentos, valorizar mais o que eu tenho aqui hoje, no Brasil, o que eu conquistei, o que o Brasil tem, as possibilidades que a gente tem e o autoconhecimento, de entender um pouco mais o meu sentimento, de tentar identificar aquilo que faz melhor para mim, o que não faz. Pensando no profissional, uma das coisas que para mim foi muito nítida também, eu tinha uma equipe na época que eu fui para Gana, era uma equipe de 14 pessoas e dois coordenadores. E depois que eu voltei, foi unânime, todo mundo falou que eu tinha ficado mais humana, tinha parado para ouvir um pouco mais o sentimento deles e conseguia prestar mais atenção, entender mais o que eles estavam precisando, o que eles queriam dizer e aí, logo em seguida, quatro meses depois que eu voltei, eu mudei de área e aí eu percebi que realmente, meu começo com a área nova, o jeito de lidar, de entender, de conversar tinha sido muito diferente. E muito da diferença vinha da experiência que eu tinha tido em Gana. Muitas coisas assim, pequenas, a valorização da comida, porque lá é tudo muito escasso, a valorização do sorriso, do agradecimento porque isso tudo eles estão sempre com um sorriso no rosto. A menor ação que você faz tem um obrigado por trás e é tudo muito genuíno, então também muito disso eu acho que transforma a hora que eu voltei (VG2).

Tanto VG1 como VG2 fizeram carreiras bem sucedidas em empresas multinacionais, que requerem uma forte dedicação para alcançar a posição ocupada, portanto é natural que as primeiras mudanças sejam vistas nessa área de suas vidas, já que é o que ocupa a maior parte do seu tempo, mas também é onde podem ser percebidas as insatisfações que começam a surgir por sentirem que há um conflito entre o que fazem, o que acham que deveriam fazer e quem são:

Acho que a viagem serviu como gota d'água, “não, não dá mais”. Mas também acho que se eu tivesse feito só isso, não teria surtido efeito. Se não tivesse todo o histórico, acho que eu teria ficado com o sentimento de poder fazer alguma coisa nos próximos meses, mas acho que talvez tivesse passado. Mas foi a gota d'água, não tenho dúvidas. [...] eu como cidadã, se não for eu para tentar mudar a realidade aqui no Brasil, como que eu vou cobrar de outras pessoas, quem é que vai fazer isso? Então isso foi uma das coisas que para mim ficou muito claro, ainda mais com a cultura de Gana, tem umas características parecidas com a do Brasil, então para mim ficou isso. Eu, como cidadã, sou responsável por isso, por tentar fazer a diferença. Se eu ficar na minha, sentada e quieta, não tenho argumento nenhum para mudar qualquer coisa, essa foi uma das coisas que para mim foi muito fortificada, foi uma ênfase muito grande. E quando eu voltei, esse sentimento de que eu fui lá, fiz isso durante as minhas férias e no meu dia a dia, o que eu posso fazer aqui? Eu achava que fazia pouco e foi um reforço, “eu realmente faço pouco, quero fazer muito mais” (VG2).

Mais de um ano após a viagem, atualmente VG2 sente que redirecionou sua vida ao pedir demissão e ingressar junto a VG1 na startup social, encontrando um propósito maior e de acordo com o que acredita fazer sentido. “Demandou bastante planejamento e conversa com meu marido, que também foi junto na viagem, pois tem toda a parte financeira também. Mas me sinto realizada e direcionando meus esforços para algo que sinto valer a pena mesmo e não serve só para mim mesma (VG2)”.

Para VG3, marido de VG2, uma mudança de carreira assim ainda não seria possível. Ambos se interessaram pela oportunidade da startup, mas pelo aspecto financeiro, optaram pela cautela e ele permaneceu no seu emprego, também de alto cargo em uma multinacional. Sobre como o casal optou por esse tipo de viagem, relata:

Para ajudar o outro, para ter um impacto positivo na vida de outras pessoas. Não necessariamente com o interesse de ganhar com isso de ganhar com isso, por mais que isso venha automaticamente. Não era isso, porque momento de férias, momento de viagem você escolhe as coisas que você vai fazer pensando em descansar ou, pelo menos, descansar a cabeça do dia a dia e relaxar, fazer alguma coisa diferente. Você já vem com qualquer tipo de programa que você quer conseguir fazer. Tinha essa intenção de ajudar. Particularmente, eu tinha interesse em outros projetos. Trabalhar com animais, alguma coisa do tipo. A decisão que nós tomamos foi pouco fora da minha zona de conforto. Eu não tinha esse interesse, mas acabou saindo uma experiência mais rica por causa disso (VG3).

Aproveitando a menção da riqueza da experiência relatada, foi perguntado sobre as mudanças que a viagem ocasionou para ele e se isso o fez mudar de ideia sobre o seu papel na sociedade, ao qual responde:

O papel na sociedade eu acho que não, porque sabendo que o trabalho voluntário, no nosso caso foram duas semanas. É um tempo curto e um tempo finito. Acaba não sendo um intercâmbio, daquele que você tem inserção na cultura, que é profunda. Passou um pouco da superfície, mas ficou ali. Eu entendo que a gente teve acesso, teve contato com a cultura de lá, mas eu consigo enxergar com clareza a diferença cultural, a diferença de dificuldade que cada país tem. Digamos que o papel na sociedade não mudou. O que mudou foi a iniciativa, a forma de atuar, o pensamento antes de agir. Isso sim. [...] Tem coisas que você assimila e você começa a enxergar com outros olhos a própria cultura do país, no nosso caso do Brasil, e tem certas coisas que passam a te irritar ou a te chamar a atenção de uma forma até que você pensa “Acho que a sociedade como um todo aqui poderia ser um pouquinho melhor em alguns aspectos”. Com isso, como você adquire esse posicionamento, esse pensamento um pouco diferente das pessoas que você convive, acaba gerando um pouco de conflito, de crítica e isso, por mais que vá passando com o tempo, algumas coisas que se alinham com os meus valores ficaram mais afloradas. A maioria das coisas passa, a gente acaba esquecendo de detalhes, mas algumas coisas ficam um pouco mais afloradas (VG3).

Diferentemente de VG2, para VG3 a mudança pareceu ocorrer de maneira mais superficial e, conseqüentemente, como ele mesmo menciona, algumas coisas passam e são esquecidas. Ao mesmo tempo, como já identificado em outros entrevistados, a viagem serve de estímulo para que alguns sentimentos, emoções, comportamentos e visões possam surgir. Poderiam ser consideradas, para alguns, como experiências sensibilizadoras:

Na questão de Gana têm as particularidades locais que a gente conheceu, isso abriu os olhos para ver o grau de desigualdade do Brasil. Você fica pensando, principalmente aqui em São Paulo. Dependendo de onde você sai e anda pelo dia a dia, você não vê quase pobreza nenhuma. Mas aí depois dessa viagem você começa a enxergar que tem. Vê que tem desemprego, vê que tem diversos outros tipos de necessidade e ao mesmo tempo, você poder participar da vida de outras pessoas com foco em ajudá-las. Você também cria uma empatia diferente então você já vê pessoas em situação de dificuldade aqui e, pelo menos na minha opinião, eu me sensibilizo mais do que antes. Você se coloca no lugar do próximo, tem mais iniciativa. Se empenhar mais para fazer algumas coisas. Também ter um pouco mais de leveza em relação a assuntos que para nós que, antigamente, eram importantes e hoje passaram a ser um pouco mais superficiais (VG3).

Pelas respostas, parecem ter ocorrido algumas mudanças que persistem até hoje, porém o nível de profundidade obtido parece estar mais relacionado a mudanças de 2ª ordem, não se encaixando no foco de análise desse grupo de entrevistados. Indo de encontro ao mencionado em algumas oportunidades ao longo deste trabalho e, de certa forma, ao relatado por VG3, para VG4 o acúmulo de experiências de turismo voluntário foi somando ao processo de transformação. Para ela, já no retorno da primeira viagem de turismo voluntário, feita com intermédio de outra empresa que não a Exchange do Bem, o retorno ao ambiente de trabalho já provocou sentimentos de inquietude:

A minha primeira foi em 2016, que eu fui para a Tailândia. Eu trabalhava em uma multinacional. O que mudou para mim foi muito significativo, é uma coisa que eu comento bastante, porque quando eu voltei da viagem, eu desembarquei no aeroporto e fui direto para o escritório. Eu ainda trabalhava lá, de terno e gravata. Naquele dia, eu não consegui desenvolver as minhas atividades, porque, naquele dia, foi exatamente naquele momento que eu senti que alguma coisa tinha mudado. O valor, a importância que eu dava ao que fazia, já não era a mesma que a anterior. Essa vida corporativa ganhou outro significado muito menos relevante depois dessa experiência que, na verdade, nem foi a mais marcante, mas foi a primeira. Eu acho que o que foi muito significativo foram as pessoas que eu conheci nessa primeira viagem. As pessoas que estavam engajadas, elas realmente faziam alguma coisa para um mundo melhor. Quando eu me vi em um escritório fazendo uma coisa que eu não acreditava que ia mudar a vida de alguém, e no meio também as pessoas não estavam preocupadas, isso contrastava muito com o que eu acreditava (VG4).

Assim, após a sua primeira viagem de turismo voluntário, mantiveram-se os hábitos e rotinas, mas ocorreu uma sensibilização e um desconforto com a posição em que se via dentro da sociedade. O sentimento de pertencimento adquirido na viagem, ao relatar que se identificava com as pessoas que também estavam lá, direcionadas ao mesmo propósito e que foi perdido ao reingressar no seu trabalho, reforçou o desejo pela mudança. “Aí em 2017 eu tive minha primeira experiência com vocês para a África do Sul e foi o mesmo sentimento, só que um pouco mais intenso. Veio um sentimento de que eu estava indo contra a minha essência, eu precisava mudar a minha vida (VG4)”. Após a experiência da África do Sul, VG4 pediu

demissão do seu trabalho e começou a planejar uma viagem por diversos destinos e projetos sociais, tanto com a Exchange do Bem, como com outras empresas do ramo e até por conta própria e que duraria 8 meses e meio no total. Algum tempo depois de retornar, utilizou as vivências e experiências adquiridas para, junto com uma outra voluntária que conheceu nas viagens, dar início a uma agência de consultoria e planejamento de viagens com foco em impacto social. Assim, foi perguntada sobre como via o seu papel na sociedade antes e depois dessas viagens, incluindo a de Gana:

Eu acho que eu não pensava nisso até eu começar a fazer trabalho voluntário. Eu me sentia muito culpada por não fazer nada por ninguém. Eu me achava muito egoísta, mas eu não sabia como fazer isso. Tinha tentado me engajar com algum projeto por conta própria, mas não tinha tido esse impacto sobre mim e eu não tinha me sentido motivada. Então antes eu me sentia muito culpada por não fazer, mas eu também não sabia como fazer. Eu me culpava, mas eu estava muito perdida. Depois que eu fiz essa eu realmente entendi o caminho, e hoje eu sei que eu sou um agente de mudança. Eu sei que eu tenho um potencial muito grande para fazer isso, basta querer e começar. E botar a mão na massa. Eu acho que eu só entendi o real significado fazendo (VG4)

A viagem de turismo voluntário aparece também em outros relatos, como o de VI4 da viagem da Índia, como o meio encontrado para dar início ao entendimento de que a mudança pode partir da atuação do indivíduo, trazendo a percepção dos problemas para si sem que os delegue ou a sua solução a terceiros. Nesse sentido, VG4 complementa:

Antes eu ouvia falar dos problemas sociais como problemas que o governo tem que resolver. A gente não traz isso para si, não vê que a gente também é um agente de mudança e deixa nas mãos dos outros e fica rezando para que as coisas melhorem. Quando alguém faz uma vaquinha ou uma campanha, a gente contribui, mas eu acho que é em um sentimento de culpa. Contribuí muito, também, por não estar fazendo nada. Eu acho que hoje em dia é exatamente a questão do filtro, de já ter visto muitos problemas sociais no Brasil e no mundo, estar envolvida com muitos deles. A gente fica com uma sensação muito mais de não é problema do governo, do estado, mas sim um dever de cada um poder contribuir para que eles sejam melhorados e também ter um pouco mais de noção de como fazer isso e não de qualquer maneira. Eu acho que desde que eu fiz esses trabalhos voluntários, eu tomei o problema para mim. Eu parei de pensar que os problemas sociais são problemas da sociedade, mas como problemas que também são meus e eu também devo me preocupar da mesma maneira que eu me preocupo com as minhas coisas. Hoje eles tomaram a mesma proporção. Os meus problemas são tão importantes ou, talvez, um pouco menos, do que os problemas da sociedade (VG4).

Essa mudança, no entanto, não foi de fácil adaptação. Conforme mencionada por Mezirow (1978), a AT e a sua irreversibilidade passam também pelo processo de adaptação do novo papel do indivíduo na sociedade de origem. O relato de VG4 ao ser questionada sobre o seu retorno, reforça essa etapa:

Agora quando eu voltei dessas viagens todas, foi muito barra pesada o primeiro um mês e meio que eu voltei. Eu fiquei mal mesmo, porque eu já não via sentido em estar aqui, na minha casa, sabendo que tinha tanta coisa acontecendo. Eu comecei a me sentir muito incomodada por estar aqui e não estar atuando de uma forma um pouco mais ativa. E, ao mesmo tempo, também tem aquela questão de ouvir as pessoas fazendo estardalhaço por problemas muito pequenos e a gente saber que aquilo é muito pequeno em meio a tanta coisa que a gente viu. Para mim, foi um desafio diário e ainda é, não julgar né os problemas alheios, mas aí é um trabalho interno. Você não pode falar que as pessoas estão certas ou erradas. O que eu mesma penso, também, falando das pessoas, a única coisa que me desanima a seguir em frente com as minhas campanhas como voluntária, é perceber que as pessoas mais próximas não apoiam. Ou seja, criticam, não dão suporte, não contribuem com as campanhas. É uma coisa que vai desacreditando a gente, porque você vê que o meio que você está não têm tanto interesse. Assim que eu cheguei no Brasil, os meus amigos, a minha família, todo mundo queria sair para restaurante, gastar uma grana, e eu estava já focada nessa grana para fazer a vaquinha de Moçambique. Eu fico pensando “A gente começa a sair, gastar uma grana, não pode ajudar com a minha vaquinha?”. O dinheiro tem um valor muito diferente depois dessa viagem (VG4).

Percebe-se que VG4 ainda mantém visões, atitudes e comportamentos adquiridos na viagem de Gana e em outras experiências de turismo voluntário, inclusive intensificando-os desde então.

Evidencia-se, na análise do conjunto de respostas dos participantes da viagem de Gana, que há a possibilidade de que as aprendizagens adquiridas pelos turistas voluntários da Índia, inclusive as mais profundas, possam perdurar com o passar do tempo e durante a reinserção na sociedade de origem, porém não sem desafios e obstáculos (sejam eles impeditivos financeiros, dificuldades de relacionamento, tempo, profissionais, emocionais, entre outros) que servirão como fatores inibidores àqueles que buscam desempenhar novos papéis dentro da sociedade.

APÊNDICE D – ROTEIRO DA ENTREVISTA

PRÉ-VIAGEM

Bloco A – Caracterização do Turista Voluntário (Raso, Intermediário, Profundo)

1. Me conte um pouco sobre o seu dia-a-dia, como é a sua rotina?
2. Como você ficou sabendo sobre a viagem em grupo de voluntariado?
3. Entre o que constava no site, o que o mais chamou a atenção para escolher essa viagem em específico?
4. Você já fez ou faz algum tipo de voluntariado? Foi uma experiência de turismo voluntário?
5. Como você espera poder contribuir para o projeto ou para a comunidade local?
6. Possui alguma qualificação técnica ou profissional em específico que ache interessante mencionar?
7. Com relação à atuação no projeto, você prefere já ter algo mais estruturado com atividades pré-definidas ou elaborar atividades e soluções por conta própria/em equipe de maneira mais espontânea?
8. Suponha que, no projeto, o grupo desvie das atividades propostas no roteiro para atuar em novas necessidades do projeto que não estavam previstas, qual a sua opinião?
9. E se a viagem fosse para outro destino, você continuaria interessado?
10. Na sua opinião, para escolhermos as próximas viagens em grupo, devemos focar mais no destino ou nos projetos?
11. Qual você acha que é o papel da Exchange do Bem durante essa viagem?
12. Supondo que você não tivesse limitações com relação ao trabalho e/ou família, gostaria que as viagens em grupo fossem por mais ou menos tempo?

Bloco B – Motivações Pré-viagem

1. Agora considerando as limitações do dia-a-dia e outros fatores que podem pesar para você na decisão de viajar, o que o motivou a começar a busca por uma viagem de voluntariado para o exterior?
2. E para essa da Índia em especial, quais foram as motivações ao decidir participar?
3. Se tivesse que escolher apenas uma motivação, como sendo a mais determinante, qual seria?
4. Como seus familiares participaram ou reagiram a sua opção? E os amigos?
5. Você enxerga essa viagem como uma oportunidade para poder descansar, aproveitar as férias e ter uma aventura ou mais como algo que esteja relacionado à troca de experiências e realidades, convívio, cuidado com outras pessoas e doação?
6. Em termos de expectativas, o que você **mais** espera dessa viagem?
7. E como você descreveria a viagem de turismo voluntário ideal?
8. A empresa Exchange do Bem teve alguma influência ou significância na hora de você decidir fechar o intercâmbio?
9. O fato de ser uma viagem em grupo fez alguma diferença na hora de decidir por participar? Por quê?
10. Se for proibido tirar fotos no projeto, muda algo para você?

Bloco C – Outros (Podem trazer alguma informação relevante)

1. Voltando à primeira questão, sobre o seu dia-a-dia, você se sente realizado pessoalmente?
2. E como você enxerga o seu papel na sociedade?
3. Na sua opinião, as relações entre pessoas se tornaram mais próximas ou mais distantes?
4. Referente ao problema que iremos enfrentar no projeto, você se vê distante de situações semelhantes no seu dia-a-dia?
5. Algumas experiências e acontecimentos, junto de outros fatores, têm a capacidade de mudar a maneira como enxergamos o mundo e a nós mesmos, poderia compartilhar algum episódio da sua vida que você acredite que tenha sido determinante para moldar seu pensamento?
6. O que você espera que a viagem proporcione em questão de mudanças pessoais?
7. Atuando no projeto, você se enxerga mais como alguém que prefere atuar com os aspectos afetivos, envolvimento com a comunidade e atividades coletivas (ex.: sentar e conversar com as crianças, entender a realidade delas compartilhando sentimentos); atividades físicas ligadas ao propósito da viagem e melhorias para a estrutura do projeto (ex.: pintura das salas, reformas, etc.); ou com aspectos cognitivos como concepção de inovações, regulamentos, aulas ou workshops com troca de experiências que possam beneficiar o projeto?

PÓS-VIAGEM

Bloco A – Mudanças (Índia)

1. Algum tempo atrás, antes da viagem, conversamos sobre como você enxergava o seu papel na sociedade. **O que você sente que mudou depois da experiência de turismo voluntário?**
2. A realidade das crianças do orfanato e da comunidade local, foi muito diferente do que você imaginava?
3. Você vê o seu papel na sociedade diferente do que era antes da viagem?
4. O contato com a realidade do orfanato na Índia provocou o surgimento de sentimentos? Quais seriam?
5. Agora que retornamos, pretende fazer ou já faz algo diferente do que fazia?
6. Você sente que pessoas próximas a você compartilham desse seu pensamento?
7. Isso apresenta alguma dificuldade?
8. Antes da viagem, você foi informado que estaríamos atuando em um orfanato para crianças portadoras do HIV. Após a atuação, você enxerga o problema deles de maneira diferente do que antes de embarcar?
9. Você acredita que essa viagem ajudou você a colocar comportamentos, crenças e visões de mundo sob uma perspectiva diferente? Se sim, como?

Bloco B – Mudanças (Gana)

1. Já faz mais de um ano que você retornou da experiência em Gana. O que você sente que mudou depois da experiência de turismo voluntário?
2. A realidade das crianças do orfanato e da comunidade local, foi muito diferente do que você imaginava?
3. Você acha que mudou a sua visão sobre o seu papel na sociedade?
4. O contato com a realidade do orfanato em Gana provocou o surgimento de sentimentos? Quais seriam?
5. Você sente que pessoas próximas a você compartilham desse seu pensamento pós viagem?
6. Isso apresenta alguma dificuldade?
7. Antes da viagem, você foi informada que estaríamos atuando em um orfanato para crianças carentes. Não só lá, mas no mundo todo e aqui no Brasil também existem situações similares. Após a atuação, você enxerga o problema deles de maneira diferente do que antes de embarcar?
8. Você acredita que essa viagem ajudou você a colocar comportamentos, crenças e visões de mundo sob uma perspectiva diferente? Se sim, como?
9. Você faz algum tipo de voluntariado atualmente?